

RITA ISABEL VAZ

PSICOLOGIA ESCOLAR E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Monografia exigida para conclusão do curso de Especialização em Planejamento e Administração da Escola Pública no Brasil - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, sob a orientação das professoras Elane Tomich Buckmann e Maria Odette de Pauli Bettega

Curitiba - 1991

AGRADECIMENTOS

Ao Professor CARLOS PERARO FILHO, In Memoriam, pela orientação inicial e pelos primeiros passos na direção da Psicologia Social Transformadora.

Às Professoras ELANE TOMICH BUCKMANN e MARIA ODETTE DE PAULI BETTEGA, pela orientação crítica, pelo apoio, pelas observações e sugestões.

Ao MARIO, pela leitura, pelas observações e apoio indispensáveis.

A ANDREA, MÔNICA e HILENE, pelos caminhos e descaminhos que percorremos juntas.

A MARIA JOSÉ por continuar acreditando.

Aos Professores da Escola Ibraim Antonio Mansur pelo que pudemos construir.

Ao Edson pela paciência com a datilografia.

PARA:

Mário e Gabriel

"...no novo tempo
apesar dos perigos
a gente se encontra
cantando na praça
fazendo pirraça
pra sobreviver".

(Vitor Martins e Ivan Lins)

ÍNDICE

I	- Introdução.....	1
II	- Fundamentação Teórica.....	5
	II.1.a.-Psicologia e Pedagogia.....	5
	II.1.b.-Referências Bibliográficas.....	16
	II.2.a.-Educação e Desenvolvimento: Contraposições de Wallon a Piaget.....	18
	II.2.b.-Referências Bibliográficas.....	25
III	- Relato Comentado do Trabalho.....	26
	III.1.-Sistematização - Diagnóstico.....	28
	III.2.-Relato do Trabalho de 1985 a 1988	36
	III.2.a.-Estágio - 1985.....	36
	III.2.b.-Trabalho na Secretaria de Educação.....	44
	III.2.c.-Trabalho específico na escola 1986.....	50
	III.2.d.-Trabalho específico na escola 1987.....	62
	III.2.e.-Trabalho específico na escola 1988.....	70
IV	- Conclusão.....	78
V	- Bibliografia.....	81
VI	- Anexos.....	94

I- INTRODUÇÃO

Entendendo o psicólogo escolar como trabalhador social, que através da sua práxis vai intervir nas relações dentro da escola, no sentido de que os demais educadores e educandos percebam-se enquanto sujeitos do processo histórico, e que um trabalho de psicologia escolar que tenha esta concepção de mundo levará a uma mudança qualitativa das relações na escola, que propostas de trabalho pode ter o psicólogo escolar para a Educação Pública? Que concepção nortearia esta proposta? Que entraves encontraria e que contribuições poderia dar efetivamente para a transformação da realidade?

Este trabalho pretende mostrar tanto teórica como praticamente a atuação do Psicólogo Escolar, bem como fazer a crítica ao papel tradicional dos técnicos de educação (Supervisor, Orientador e Psicólogo Escolar) mostrando que é possível um trabalho transformador. Nesta concepção inovadora os níveis de atuação dentro da instituição escolar são diferenciados das propostas tradicionais.

O Psicólogo Escolar enquanto trabalhador social pode, em conjunto com os educadores, construir através de suas práticas, microtransformações na realidade escolar, neste caso não será o método clínico que norteará sua atuação, mas uma metodologia que pressupõe uma outra concepção de mundo e de homem, além da compreensão do desenvolvimento da criança e da opção pela transformação social.

Podemos dividir este trabalho em dois momentos que só se separam didaticamente. Num primeiro momento temos a experiência prática e num segundo a reflexão crítica do trabalho.

A seguir descrevemos os procedimentos metodológicos para darmos uma idéia do trabalho como um todo.

1.PRIMEIRO MOMENTO DO TRABALHO: A Experiência Prática

A. Diagnóstico da Realidade Escolar

a) Entrevistas Informativas Individuais.

- Com professores
- Com especialistas (técnicos)
- Com alunos.

b) Observações em salas de aula.

c) Análise Estatística.

- índices de aprovação
- reprovação.
- desistência.

d) Observação do funcionamento da escola

e) Participação em reuniões pedagógicas.

f) Contatos com a comunidade.

- reuniões da Associação de Pais e Mestres.
- reuniões da Associação de bairros.

B. Níveis de atuação na escola:

- instituição
- especialistas (técnicos)
- professores.
- alunos.
- comunidade

a) Entrevistas reflexivas individuais.

b) grupos de discussão em torno do papel dos especialistas.

- c) grupos de discussão do desenvolvimento infantil relacionando a prática pedagógica.
- d) trabalho com a comunidade nas reuniões da APM (Associação de Pais e Mestres).
- e) assessoramento psicopedagógico aos professores de 1a. a 8a. séries
- f) Discussão de técnicas de expressão plástica, literária e corporal.
- g) Construção de textos para discussões específicas e sugestões bibliográficas sobre:
 - desenvolvimento infantil
 - alfabetização
 - psicomotricidade
 - língua portuguesa
 - ciências
 - história
 - geografia
 - matemática
 - educação física
- h) grupos de alunos
 - grupo de teatro
 - grupo de artes

C. Atuação na Secretaria Municipal de Educação

(junto a equipe de ensino).

- a) participação e coordenação das reuniões mensais de coordenadores (supervisores educacionais)

- b) participação e coordenação das reuniões mensais de diretores.
- c) organização de reuniões de professores de 5a. a 8a. série por disciplina.
- d) organização e participação de um grupo de professores interessados em alfabetização.
- e) organização e coordenação de encontros de professores de 1a. a 4a. séries, por série, de quatro escolas do município.

2.SEGUNDO MOMENTO: Reflexão crítica do trabalho.

II-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

II.1.a.PSICOLOGIA E PEDAGOGIA

"(...)Sendo a educação uma totalidade, isto é, uma 'síntese de múltiplas determinações' (Marx), na concepção dialética ela se propõe compreender essas determinações para intervir nelas, buscar a realização plena do homem (omnilateralidade), libertá-lo. Por isso coloca-se numa perspectiva progressista e transformadora da realidade. Em oposição, a educação burguesa tem por finalidade a ocultação dessa realidade em transformação, pois seu projeto de sociedade é conservador e se utiliza da educação para legitimar e perpetuar os seus privilégios de classe. Através da educação ela apresenta os seus interesses particulares como sendo os interesses gerais da sociedade como um todo e, portanto, também como sendo os interesses gerais da maioria que é a classe trabalhadora. Por isso interessa-lhe manter a escola numa pseudo-neutralidade.

Assim, através da crítica da educação burguesa que o desenvolvimento da dialética permitiu, surge uma concepção de educação emancipatória. A burguesia, tendo necessidade da escola para gerar um senso comum favorável a ela, num processo dialético gera os instrumentos para minar-se a si própria, ampliando sua própria contradição. A escola parece ter duas funções contraditórias: conservar e minar as estruturas capitalistas. A educação torna-se instrumento de luta da classe oprimida e o lugar de uma contra-hegemonia.

Para o fortalecimento das organizações contra-hegemônicas a escola desempenha um papel fundamental, já que é no seio da sociedade civil que, no contexto do capitalismo, trava-se prioritariamente a luta política.

"(1)

Considerando com Gadotti, que a educação tem uma função no processo de transformação social, portanto uma função contra-hegemônica, o psicólogo escolar que faz sua opção pela transformação e atua en-

quanto trabalhador social contribuirá na construção histórica de uma educação qualitativamente diferente da educação burguesa.

A importância do presente trabalho reside na possibilidade de apontar e criticar as contribuições que o psicólogo escolar e os demais especialistas da educação (orientador e supervisor), têm dado à educação burguesa e a partir do relato de uma experiência, situar uma prática transformadora que poderá ser ampliada uma vez que nem psicologia nem pedagogia são intrinsecamente reacionárias, mas podem servir tanto à burguesia quanto ao proletariado, e sem dúvida servirá a um dos dois de acordo com a opção política que se faça, pois jamais estas atuações serão neutras.

A escola, por um lado, tem se transformado numa fábrica, com a divisão social do trabalho cada vez mais acentuada, produzindo a alienação de todos os seus membros de acordo com os interesses da sociedade capitalista.

"Evidentemente, essa fragmentação das atividades sociais, característica do modo de produção capitalista, não é um fato meramente técnico, mas eminentemente sócio-político, necessário à efetivação da dominação e da exploração. Não se trata, portanto, de um processo natural e racional, desinteressado e neutro, inocente, mas de uma forma de viabilizar o exercício do poder. A divisão social do trabalho,..., faz com que as principais decisões relativas à escola, por exemplo, sejam tomadas por quem a ela não se acha diretamente ligado. Professores, funcionários, alunos, pais e moradores do bairro, por exemplo, não são sequer consultados. Desse modo, o campo de atuação do professor está se reduzindo aos poucos, pois este já recebe tudo decidido e programado, inclusive nos aspectos mais elementares; restando-lhes apenas a execução."(2)

Para isto tem contribuído grandemente as funções dos especialistas da educação que ao expropriarem o saber do professor sobre o pro-

cesso educativo, fragmentando o conhecimento, cumprem uma função mantenedora da estrutura social e portanto serve aos interesses da classe hegemônica.

O que foi possível constatar tanto na prática junto a um órgão municipal de educação, quanto no interior de uma escola pública em relação as funções do supervisor escolar foi que este apenas transmite os planejamentos curriculares que vieram de outros órgãos, isto quando suas funções não são descaracterizadas passando a auxiliar de secretaria (trabalhando com mimeógrafo, datilografia, etc.) o que certamente não pressupõe neutralidade, pois, ou cumprindo um papel reacionário ou descaracterizando sua função, o Supervisor serve à classe hegemônica. Além de reproduzir os planejamentos, sem qualquer crítica, também fiscalizam e avaliam o trabalho do professor utilizando-se de observações em sala de aula, observações estas que não objetivam questionar, discutir e construir com o professor outras possibilidades de trabalho, porém que pretendem constatar se o professor está trabalhando exatamente como o "supervisor-mandado" mandou, ou a avaliação é feita pelos livros de chamada do professor, portanto exclusivamente quantitativa, também a burocracia dos livros de controle cabe ao supervisor conferir.

Em oposição à estas funções, tanto o supervisor quanto qualquer outro técnico da educação...

"...que se pretende a serviço das classes subalternas é aquele cuja atividade é uma recusa firme e contínua do fascínio pela condução e controle da prática educativa, pelo policiamento do trabalho docente. Sua função é servir de mediador da educação, da aprendizagem de todos, seja na escola propriamente dita, seja no bairro, no sindicato, na fábrica, no partido, na comunidade de base. Tudo isso supõe que o educador, o supervisor, saia de

seu enclausuramento é assuma a sua prática educativa como uma dimensão da vida social, como momento de um projeto criador de uma sociedade radicalmente transformada, portanto, como uma prática política. Supõe, além disso, que o supervisor se considere acima de tudo como um educador, e não como um 'especialista', um supereducador, cuja formação teria como pré-requisito a formação do educador."⁽³⁾.

O orientador escolar acaba sendo aquele que vai aplicar alguns testes para determinar se uma criança tem "aptidão" para passar para série seguinte, ou se é um candidato ao fracasso escolar; algumas vezes ele visita as famílias para confirmar seu prognóstico e chega a justificar o fracasso escolar pelas questões econômicas ou emocionais da família, pois são geralmente estes dois aspectos que o orientador considera. Isto quando não tem seu papel completamente descaracterizado e acaba sendo professor substituto, professor auxiliar, ou ajudante de secretaria. Acaba funcionando como aquele que dilui os conflitos e os justifica.

Como uma das maiores preocupações deste orientador (a serviço da classe hegemônica) tem sido em relação às "aptidões", consideramos importante falar sobre estas. O termo aptidão foi veiculado pela classe dominante ideologicamente para justificar as diferenças de classe como se fossem naturais, este conceito torna-se importante a partir do século XVIII ao articular-se...

"... com as noções de mérito e de responsabilidade individual, elementos da ideologia igualitária após a Revolução Francesa, se o seu lugar permanece central nesse sistema ideológico, a função que ela exerce se altera radicalmente: a noção de aptidão, a partir daí serve progressivamente de suporte para justificar a manutenção das desigualdades sociais e das desigualdades escolares que as traduzem e perpetuam."⁽⁴⁾

Se partirmos da visão do materialismo dialético que considera que o homem se constrói na medida que constrói o mundo que o rodeia, à partir das suas necessidades, este conceito de aptidão fica claramente ideológico, está a serviço do capitalismo, uma vez que justifica as diferenças.

"... a história da educação brasileira é a história da educação do colonizador. A pedagogia do colonizador forma gente submissa, obediente ao autoritarismo do colonizador. Nessa pedagogia, o educador tem por função policiar a educação para que não se desvie da ideologia do dominador." (5)

Numa pedagogia oposta à esta o educador tem um papel crítico, assume a contradição e pode caminhar em direção à uma educação revolucionária.

O psicólogo escolar que se utiliza do modelo clínico para atender individualmente os alunos "problemas" e readaptá-los à escola, sem questionar a estrutura desta escola serve também aos interesses da sociedade capitalista uma vez que vai amenizar as diferenças e justificar "cientificamente" o fracasso escolar. No entanto, a psicologia enquanto ciência tem por trás uma concepção de mundo e não pertence a uma classe pode estar à serviço do proletariado ou à serviço da burguesia segundo a visão de homem que sustente. O que podemos observar ao longo da história da psicologia é que ela surge como necessidade do homem construir um conhecimento sobre o Homem; em contraposição às idéias religiosas e vai se estruturando de formas diferentes em cada momento histórico e se configurando classista, à serviço do proletariado ou à serviço do capitalismo.

Utilizamos acima o termo "clínico" para nos referirmos a Psicologia que trata da doença situada no indivíduo, que trata do sintoma em

si e busca a modificação do comportamento individual para adaptação ao grupo ou à instituição, no caso da escola. Contrapondo-nos a esta psicologia clínica defendemos na nossa prática a Psicologia dialética que definiremos melhor abaixo:

"...em contraposição à psicologia estabelecida pelos interesses do sistema industrial, psicologia que trata de estados patológicos cuja causa mórbida está na alienação que modifica as propriedades dos elementos que a compõe, preconizamos uma psicologia que considera o homem um ser maleável por antonomásia, cuja servidão, quando existe, resulta de múltiplas causas ocasionais mobilizadoras dos aspectos débeis e negativos de sua estrutura mental. As causas ocasionais, mesmo as mais enérgicas e contínuas, não podem agir maciçamente; a publicidade, as relações públicas, os venenos da educação dada pelo sistema, a própria alienação, nem sempre produzem os efeitos completos porque um grande número de indivíduos está defendido pela consciência de classe que os leva a compreender sua posição no mundo."(6)

Há portanto possibilidade de transformação quando o homem entende a história e age sobre ela. O mundo não está pronto e acabado, não somos objetos, somos capazes de reflexão sobre as contradições e somos construtores da nossa história.

"A psicologia é simultaneamente uma ciência muito antiga e muito jovem. Tem um passado milenário e, no entanto, encontra-se em pleno futuro. A sua existência como disciplina científica, autônoma, conta só algumas décadas. Mas os seus problemas preocupam os pensadores filosóficos desde que nasceu a filosofia. Os anos de investigação experimental foram precedidos por séculos de meditação filosófica e milénios de conhecimentos práticos sobre a psique humana."(7)

A psicologia que norteou este trabalho foi a psicologia dialética e aqui tentaremos compreendê-la. Segundo Merani a psicologia dialética não é:

"...a arte dos sistemas, que pretendem explicar o homem a partir de uma qualidade que

lhes fosse extrínseca, mas como teoria e prática do que há de científico em nosso conhecimento geral do humano, que inclui, necessariamente, tanto a imagem do indivíduo em sua realidade subjetiva quanto os conteúdos objetivos derivados de sua organização biológica, das interações com os demais seres humanos e com o meio físico e social. Assim, o homem não nos aparece como universo fechado em si mesmo, com essência que resume suas qualidades e determina sua natureza, mas como universo com muitos centros, cujo equilíbrio e dinâmica configuram suas perspectivas intelectuais, afetivas e de ação."(8)

Na verdade, a divisão técnica das funções de orientador, supervisor e psicólogo escolar acaba se fundindo numa ou duas funções possíveis: a função assistencialista ou segregacionista.

Nem pedagogia, nem psicologia são trabalhos neutros, como também a educação não é neutra. Ou se trabalha pela transformação ou pela manutenção, mesmo que esta opção política não seja explicitada.

"Tanto a educação do homem feudal quanto a educação do homem burguês tem uma finalidade muito bem definida: adaptar as novas gerações a um modelo de sociedade 'dada'? Não existirá uma concepção da educação que, ao contrário, vise despertar as novas gerações para a construção de outra sociedade, uma educação emancipadora que as desafie a construir outra? O que representa o educador nessa outra educação e como ela pode surgir no interior de uma sociedade velha e opressiva?(9)

Partindo do pressuposto que toda ciência depende de um modelo de Homem, queremos esclarecer que a visão de Homem que permeou este trabalho foi do Homem agente de transformação social, que se constrói ao construir o mundo, e o psicólogo como trabalhador social, mediatizador destas transformações, problematizador da realidade. Nesta concepção o papel do psicólogo e do pedagogo será transformado para percorrer o caminho inverso, ou seja ao invés de contribuir para manutenção da estrutura escolar, facilitar a sua transformação, ao invés de encobrir

as contradições, acirrá-las, ao invés do modelo clínico (no caso do psicólogo) ou do modelo de administração de empresa (no caso do supervisor e orientador), buscar uma forma de perceber a instituição na sua globalidade e trabalhar para que esta instituição se transforme e a partir das microtransformações poderemos ter uma outra escola, que não seja tão excludente, tão alienante, tão hierarquizada.

Para que esta proposta se efetive é necessário que se tenha claro que há uma opção política - de transformação social- respaldando-a, e há um longo caminho a ser percorrido para que se construa teoria e prática junto aos membros da escola explicitando a serviço de quem estão estes profissionais.

Entendemos então que a escola pode ser um dos mecanismos de transformação social, que o psicólogo escolar como educador e trabalhador social que opte pela mudança vai abandonar o modelo clínico tradicionalmente utilizado e vai atuar na instituição como um todo, com uma proposta que vai surgindo junto com o diagnóstico da instituição e vai se construindo com a práxis e se fundamenta na visão histórica, dialética da sociedade.

Como o que prevalece ou tem prevalecido na atuação do psicólogo escolar é o modelo clínico, consideramos de fundamental importância que um trabalho que tenha partido do social, que tenha os fundamentos do materialismo dialético seja divulgado, contribuindo para uma reflexão crítica e abrindo uma perspectiva social de atuação do psicólogo escolar.

Como os autores que fundamentam esta proposta (Vigotsky, Leontiev, Luiblskais, Pariguin, Rubinstein, Gadotti, wallon, Merani) são autores pouco divulgados nos meios acadêmicos, e muitas vezes mal in-

interpretados, consideramos que devam ser revistos, repensados. Este trabalho tem a pretensão de recuperá-los, reapresentá-los enquanto fundamento para uma psicologia revolucionária, transformadora, que se contrapõe a uma psicologia da classe dominante que busca justificar as desigualdades e amenizar as contradições. Esta psicologia transformadora busca acirrar as contradições e repensar a escola, as relações dentro da escola e da sociedade capitalista, repensar o método, o conteúdo e o desenvolvimento infantil. Propor que a aprendizagem preceda o desenvolvimento e o proporcione (como nos sugere Vigotski), propor que o espaço escolar seja científico sim, porém não dogmático, que seja democrático e não meramente espontâneo, que seja lúdico, sem perder de vista a história, o social e o econômico, que respeite o aluno e todos os membros da escola sem deixar de lado a proposta política, que o conhecimento se construa sem desconsiderar o saber do proletariado, que não seja o poder que determina o saber, mas que o saber se produza no coletivo e sirva à classe proletária na sua busca de libertação e superação da condição de explorada. Que as relações na escola se manifestem com todas as suas contradições e que na superação das contradições se estruture uma outra escola. Que trabalhe a objetividade sem perder de vista a subjetividade.

Esta proposta de trabalho foi se estruturando a partir de muitas dúvidas, de muitas leituras, discussões em relação ao papel do psicólogo escolar e do lugar que este profissional deve ocupar numa sociedade de classes. Na medida em que foram acontecendo mudanças qualitativas na consciência, e na práxis, foi ficando mais claro que a psicologia dos testes, dos rótulos, do atendimento individual, a psicologia que usa do seu poder para justificar as desigualdades sociais, não

era a psicologia que poderia respaldar este trabalho uma vez que a opção política havia sido feita em outra direção, ou seja em direção aos interesses das classes oprimidas.

Esta experiência está respaldada na visão do materialismo dialético, e vamos aqui reportarmo-nos a Gadotti para explicitarmos os princípios da dialética que nortearam este trabalho.

"Tudo se relaciona (princípio da totalidade)
Para dialética a natureza se apresenta como um todo coerente onde objetos e fenômenos são ligados entre si, condicionando-se reciprocamente. O método dialético leva em conta essa ação recíproca e examina objetos e fenômenos buscando entendê-los numa totalidade concreta." (10)

A escola não está desvinculada do mundo, mas inserida num contexto social, econômico, histórico, vinculada a realidade e portanto não apenas reproduz as relações hegemônicas, mas também as contradições da sociedade.

"Tudo se transforma (princípio do movimento)
A dialética considera todas as coisas em seu devir. O movimento é uma qualidade inerente a todas as coisas. A natureza, a sociedade não são entidades acabadas, mas em contínua transformação, jamais estabelecidas definitivamente, sempre inacabadas." (11)

A escola, educadores, alunos e comunidade em relação com a realidade concreta não estão estagnados, mas em permanente processo de mudança, ainda que existam mecanismos próprios do sistema capitalista para manutenção da hegemonia de uma classe, há um movimento de contra-hegemonia se construindo, há mecanismos de organização coletiva em direção à transformação social.

"Mudança qualitativa (princípio da mudança qualitativa)
A transformação das coisas não se realiza num processo circular de eterna repetição, uma repetição do velho. Como é gerado o novo? Esta mudança qualitativa dá-se pelo acúmulo de elementos quantitativos que num dado momento

produzem o qualitativamente novo."(12)

As microtransformações que vão se construindo não podem ser tratadas estatisticamente, são mudanças qualitativas, não lineares, vão acontecer de maneira descontínua e dinâmica.

"unidade e luta dos contrários (princípio da contradição)

A transformação das coisas só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição. É o que se chama de contradição, que é universal, inerente a todas as coisas materiais e espirituais. A contradição é a essência ou a lei fundamental da dialética."
(13)

Existe toda uma ideologia da classe dominante na instituição escolar que se opõe a situação de vida concreta dos seus participantes, (ideologia burguesa oposta a realidade do proletariado), no confronto destas contradições os membros da escola organizados podem encontrar espaços de crítica e superação deste modelo de escola em direção a uma escola que atenda aos interesses da classe trabalhadora.

Ao longo da história da Psicologia e da Pedagogia podemos identificar como vão se modificando e se configurando enfoques reacionários ou transformadores e o papel social, político e histórico exercido por cada teoria.

"O Senhor... mire e veja, o mais importante e bonito do mundo é isto, que as pessoas não estão sempre iguais; não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão." (Guimarães Rosa).

II.1.b.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01-GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação: Um Estudo Introdutório, 3a. Ed. SP Cortez Editores Associados, 1983 p.74-75
- 02-COELHO, Ildeu Moreira. A questão política do trabalho pedagógico in O Educador : Vida e Morte, 6a. Ed. RJ. Editora Graal, 1985, p.36.
- 03-Idem, p.49.
- 04-DURAND, José Carlos Garcia. As funções pedagógicas da escola in Educação e Hegemonia de classes: a função ideológica da escola, RJ, Zahar, 1979, p.31.
- 05-GADOTTI, Moacir. Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito, 7a. Ed. SP. Cortez Editores Associados, 1987, p.53.
- 06-RUBINSTEIN, S.L. Princípios de Psicologia Geral. Vol:I. Lisboa, Editorial Estampa, 1972, p.93.
- 07-MERANI, Alberto L. Psicologia e Alienação, 2a. Ed. RJ. Paz e Terra, 1977, p.77.
- 08-Idem, p.80-81.

09-GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação: Um estudo introdutório, 3a. Ed. SP. Cortez Editores Associados, 1983, p.13.

10-Idem, p.24-25.

11-Idem, p.25.

12-Idem, p.26.

13-Idem, p.26.

II.2.a. EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: Contraposições de Wallon a Piaget.

Para explicitarmos melhor o conhecimento teórico que norteou esta proposta de trabalho vamos nos reportar a Wallon e esclarecermos que visão de desenvolvimento infantil defendemos e como a aprendizagem articula-se à esta visão.

Falamos em Desenvolvimento infantil porque acreditamos que o Psicólogo Escolar nesta proposta transformadora deverá ter este conhecimento, além dos conhecimentos de Psicologia Social, de Educação, Política, História, etc.. No nosso trabalho esteve sempre presente e achamos fundamental o entendimento do desenvolvimento infantil, e foi um dos pontos que facilitaram a intervenção na instituição escolar.

Considerando a influência Piagetiana na Educação, e a fundamentação teórica do nosso trabalho em Wallon, faz-se necessário diferenciarmos estas duas teorias.

Sem dúvida Piaget dá um salto de qualidade em relação as teorias que o antecederam, passa à consideração dos fatores qualitativos da inteligência, contrapondo-se aos quantitativos existentes até então. Porém considerar a inteligência como totalidade do psiquismo humano é uma das limitações desta teoria. Embora Piaget considere a construção da inteligência, esta construção é pré-determinada, como se houvessem diversas entidades que vão se sobrepondo até construirem uma outra entidade que é a inteligência, e como se o ser humano fosse limitado e passasse por uma série de fases do desenvolvimento da inteligência para finalmente atingir a fase hipotética-dedutiva. Piaget também considera a influência do meio na construção da inteligência, porém para ele a

inteligência existe em germe e vai se desenvolver naturalmente na interação com o meio desde que este tenha as condições básicas favoráveis.

Para Wallon o pensamento é a introjeção da linguagem em todas as suas conotações lógicas. A evolução não termina e as fases não são lineares, pode haver retrocesso a fases anteriores e pode haver avanços em seguida.

Tanto Piaget quanto Wallon se opuseram a idéia de que o pensamento, a inteligência são metas a serem alcançadas, e a educação tem a função de desenvolvê-los, ambos defenderam o pensamento, a inteligência como algo a ser construído. Porém Wallon opõe-se a Piaget.

Piaget parte da ontogenia, esclarece que ao longo do desenvolvimento da espécie até o homem foram-se criando estruturas sensoriais e motoras que se repetem no homem atual. Nesta teoria a sensorio motricidade é colocada como base de onde vão surgindo outras "entidades", como a representação, até derivar a inteligência prática.

"O que é inato na criança, recebido dos processos de adaptação e evolução de antepassados remotos, conjugase com novas experiências e resolve-se na atividade sensorio-motriz."(1).

Para Piaget a inteligência é um conceito funcionalista que se adapta a problemas externos, estes historicamente pré-determinados, daí a ideologização da Teoria Piagetiana. Existem etapas do desenvolvimento da inteligência que são sucesivas e identificáveis, embora ele leve em consideração o meio e fale em continuidade das etapas estas são entidades novas que surgem a partir das anteriores. Piaget separa o fazer e o pensar quando coloca que numa primeira etapa de aquisição sensorio motoras a criança faz atividades, os conteúdos são concretos,

numa segunda etapa das aquisições conceituais estas atividades são convertidas em

..."esquemas conceituais e os conteúdos concretos em significados abstratos por meio da linguagem."(2).

A inteligência, portanto, existe em potencial e se desenvolve de forma linear e sucessiva, os esquemas sensório-motores servem de infraestrutura para a inteligência conceitual que será a superestrutura. O desenvolvimento da inteligência conceitual parece ser colocado por Piaget como o fim da evolução.

Piaget divide as fases do desenvolvimento que para ele são pré-determinadas em: Fase sensório motora, Fase operatório concreto, Fase hipotético dedutivo. Para ele o pensamento sensório motor é egocêntrico, nesta fase a criança volta-se para si mesma, e será superada pelo processo de socialização, é como se o egocentrismo fosse uma deficiência que deve ser superada pelo meio.

Piaget baseia-se em Bergson e Descartes. Bergson fala no movimento da consciência e considera a consciência uma entidade como que situada fora da matéria. Piaget fundamenta aí o conceito de inteligência como entidade que se constrói sobre outra entidade (a sensório motricidade). Descartes coloca a oposição corpo e espírito, concebe o homem como dualidade onde o racional (espírito) deve superar a matéria (corpo). Piaget coloca que o indivíduo nasce com uma "deficiência" (egocentrismo) no seu corpo (matéria) que deve ser superada pela socialização (racional).

Wallon parte da filogênese e da evolução da matéria, considera o que o gênero humano e o que o indivíduo construiu ao longo da história, portanto que o homem vai se construindo ao construir. Piaget tam-

bém considera a evolução mas como se a inteligência existisse em germe e evoluísse naturalmente, desde que haja condições propícias no meio.

Para Wallon a

... "evolução é fato que se impõe a significar mudanças abertas ou, dito de outra forma, que, no mesmo processo de mudanças evolutivas, estas podem diversificar-se, tomar novas direções." (3).

Portanto Wallon considera que a evolução do psiquismo humano é ilimitada, não é o desenvolvimento de algo que está inscrito na matéria, mas é uma construção dialética do indivíduo e da sociedade. Para ele não se deve procurar no sensorio motor a fonte do pensamento, pois o verbal não é oposto a este, verbal e sensorio motor são importantes para a representação e a relação dialética entre estes dois aspectos gera

... "estruturas formais da razão, o que significa adequação da linguagem e do pensamento." (4).

Enquanto Piaget estuda os estágios de desenvolvimento da inteligência derivados de etapas sensorio motoras, Wallon não encontra estágios para ultrapassar, não considera a sucessão de etapas, pois coloca que o desenvolvimento do pensamento é descontínuo, que a criança apresenta indecisões, "crises" que provocam reestruturações do comportamento, saltos qualitativos. Nestas "crises" dois fatores interferem:

"a) um fator biológico: a maturação do sistema nervoso, que dá à criança novas possibilidades fisiológicas;

b) um fator social que também outorga novas possibilidades sob a forma de estímulos e situações novas." (5).

Assim Wallon assume claramente o método do materialismo dialético e admite apenas a continuidade de REESTRUTURAÇÕES.

Se antes de Wallon o educador considerava a criança em evolução linear, progressiva e gradual, portanto para cada nível o educador de-

veria dar um passo à frente em termos da formação e informação, uma vez identificadas estas fases pelo psicólogo, ao educador caberia observá-las e seria igualmente bem sucedido com todas as crianças. O desenvolvimento psicológico como um todo era reduzido ao desenvolvimento da inteligência. A educação portanto caberia modificar a didática, renovar programas, conteúdos. Para Wallon

"Não se trata de que em cada idade, ou estágio, ou período, se constituem novas estruturas mentais por complemento, por aperfeiçoamento das da idade anterior, mas que cada idade, estágio, período, representa uma estrutura completamente nova, distinta da anterior, ainda que sejam seus os elementos que intervêm, e também muitas vezes oposta, quando não inferior no que se refere ao rendimento."(6).

Os momentos ditos de "crise" para Wallon são momentos de reestruturação. A sucessão dos estágios é descontínua, não é uma amplificação ou adaptação como em Piaget, mas é uma verdadeira reconstrução.

Wallon revoluciona o pensamento psicológico e pedagógico, propõe uma nova maneira de pensar tanto em psicologia quanto em pedagogia. Questiona a psicologia que serviu de base à pedagogia. O educador não está em frente de um processo linear de desenvolvimento da criança, mas sim entra em contato com um

..."realizar-se descontínuo no qual fases e períodos se entrecruzam, se opõem dialeticamente, oposições de que resulta uma nova estruturação. Paragens, acelerações, saltos bruscos, são a expressão formal."(7).

Uma estrutura mental não termina quando uma outra começa. As mudanças não se sucedem sem interrupção de acordo com o biológico ou o meio.

..."etapas podem ser saltadas, instaurar-se com duração desmedida ou inclusive dar lugar a um retrocesso, para logo a seguir, inesperadamente, um salto levar o indivíduo em desenvolvimento a uma etapa nova sem passar por outras que se podiam prever."(8).

Isto altera a pedagogia graduada, pois se o desenvolvimento não é linear, contínuo e progressivo como adequar a educação?

A pedagogia hoje está subordinada ao conceito bergsoniano de inteligência e a inteligência sensório motora de Piaget, é apropriada para um modelo de ser humano que se repete ao longo da história, mas não serve para ... "um ser cuja característica é a autoconstrução" (9). Cada criança constrói o pensamento com aspectos comuns a todos e individuais ao mesmo tempo, pensamento do qual conforme circunstâncias da evolução, adaptação biológica e cultural surgirá a inteligência.

Para Wallon pensamento e inteligência não são sinônimos a sensório motricidade aparece como ferramenta do pensamento e este como ferramenta da inteligência. O pensamento não é o limite máximo para o homem atingir, mas é um trampolim para a inteligência. Desta forma a pedagogia deve se reconstruir completamente.

"Para Wallon, fuera del enfoque dialéctico, la psicología es una ciencia híbrida; en la dialéctica encuentra su razón de ser, su justificación, la indicación de sus problemas esenciales. La interpretación de la discontinuidad de los estadios representa la explicación dialéctica de la transformación de los procesos cuantitativos en cualitativos; es un proceso que pasa de cambios cuantitativos insignificantes y latentes a cambios cualitativos aparentes y radicales. Los cambios cualitativos no son graduales, proceden por saltos de un estadio al otro, no son contingentes sino necesarios. Representan el resultado de la acumulación de cambios cuantitativos insensibles y graduales." (10).

Podemos concluir que a diferença entre Piaget e Wallon além de ser de concepção dos estágios de desenvolvimento, de Piaget ser descritivo enquanto Wallon explicativo, as concepções filosóficas que embasam as duas teorias também são opostas.

"Para Wallon, la explicación en psicología encierra en potencia la explicación de la

evolución del ser desde el átomo hasta las sociedades humanas, pasando por las especies animales. Su teoría explicativa es universal y reúne el papel heurístico de la ciencia, de sus últimos alcances, con el de la filosofía. Ciencia y filosofía confluyen, a través de la dialéctica, en una concepción unitaria. Piaget, por el contrario, separa radicalmente los problemas científicos de los filosóficos. Su epistemología genética tiende a presentar la historia del pensamiento científico como una escisión de las ciencias particulares de la filosofía. En su sistema la explicación tiene carácter restringido, está reducida a sus límites menores, en el Wallon no tiene otra constricción que los límites de la razón, y ésta amplía siempre y gradualmente sus alcances. La explicación de Piaget corresponde a un fenómeno particular: el desarrollo de la inteligencia infantil; la de Wallon a un fenómeno general: el desarrollo de la inteligencia como hecho evolutivo dentro del cual los estadios de la infancia son una etapa, y nada más, del fenómeno vida."(11).

II.2.b.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01-MERANI, Alberto L. Psicologia e Pedagogia: As idéias pedagógicas de Henri Wallon, Lisboa, Editorial Notícias, 1977, p.81.

02-Idem,p.82

03-Idem,p.84

05-Idem,p.87

06-Idem,p.90

07-Idem,p.91

08-Idem,p.91

09-Idem,p.92.

10-MERANI, Alberto L. Psicologia de la edad evolutiva,Barcelona Gri-jalbo Editor, 1965, p.38.

11-Idem, p.38-39.

III-RELATO COMENTADO DO TRABALHO

Iniciamos o trabalho de psicologia escolar em Araucária no ano de 1985, éramos quatro estagiárias do curso de psicologia da Universidade Federal do Paraná. Desde 1984 a administração tanto municipal quanto do então departamento de educação eram do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), havia uma proposta de mudar no sentido de ser diferente da administração anterior, e ser um pouco mais progressista.

No início do ano de 1985 o Departamento de Educação de Araucária promoveu um Encontro de Professores do Município, o tema a ser discutido era "A Escola como Agente de Transformação" os objetivos deste encontro foram colocados em um panfleto de divulgação (anexo 1):

"Proporcionar aos participantes oportunidade de análise da visão educativa domesticadora, bancária e elitista vigente, como também o aprofundamento de uma proposta de educação transformadora, dialógica, participativa e popular.

Valorizar o professor como elemento fundamental e insubstituível na transformação da sociedade.

Propiciar integração, convivência, diálogo e troca de experiências entre os educadores do município.

Repensar a educação."

Ao final deste encontro foram levantadas metas para a educação do município, pelos professores que participaram, e foram sintetizadas pelo departamento de educação como: "Metas para a Educação Pré-escolar e Alfabetização. Metas para a Educação de 1a. a 4a séries. Metas para a Educação de 5a. a 8a. séries"(Anexo 2).

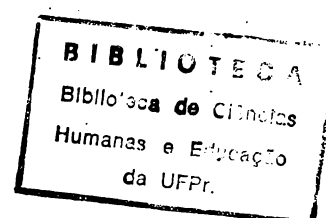
Foi neste clima de "mudanças" que fomos aceitas enquanto estagiárias de psicologia escolar. Fazíamos dois estágios simultaneamente; no Departamento de Educação, estágio de psicologia do trabalho, e, em duas escolas municipais, estágio de psicologia escolar. No Departamento, trabalhávamos em quatro, e, nas escolas nos dividíamos em duplas. Os dois estágios complementavam-se embora cada um tivesse objetivos específicos e fundamentavam-se numa mesma visão de homem, de educação e de trabalho. Não vamos aqui ater-nos ao estágio de psicologia do trabalho porque foge ao objetivo deste relato que pretende mostrar a importância de um trabalho de psicologia escolar que supere a psicologia clínica, o atendimento individual, adaptativo, conciliador, e conservador de valores autoritários e investe na análise da instituição, no acirramento das contradições, nas discussões constantes, na construção de uma educação progressista e democrática.

Os princípios que nortearam este trabalho de psicologia escolar podem ser assim sintetizados:

1-Entendimento da Escola como parte da sociedade e portanto sujeita às pressões políticas, econômicas, sociais e históricas. Sensibilização do professor para sua função política, não só na sala de aula, mas na escola como um todo e na comunidade. Compreensão da ideologia capitalista subjacente ao sistema escolar.

2-Concepção de homem como sendo um sujeito histórico e transformador da natureza.

3-Compreensão da relação entre desenvolvimento da criança e a aprendizagem tendo em vista que o desenvolvimento humano é ilimitado, sofrendo ao longo do seu processo transformações qualitativas que o capacitam à superar determinadas situações com a atuação histórica e



social.

4-Discussão de propostas pedagógicas alternativas que atendam às necessidades da criança visando o desenvolvimento de um homem crítico, atuante na sociedade e agente de sua história.

O diagnóstico da realidade escolar e a avaliação do trabalho estiveram presentes durante todo o processo, as atividades realizadas em função do diagnóstico foram:

a)Entrevistas informativas individuais com professores, especialistas e alunos.

b)Observações em sala de aula.

c)Análise estatística dos índices de aprovação, reprovação e desistência.

d)Observações gerais do funcionamento da escola.

e)Participação em reuniões pedagógicas.

f)Contactos com a comunidade através das reuniões da Associação de Pais e Mestres e da Associação de Bairros.

A partir destas atividades sintetizamos um primeiro diagnóstico da seguinte forma:

III.1.SISTEMATIZAÇÃO DIAGNÓSTICO

A Escola Ibraim Antonio Mansur está situada no interligamento de três jardins: Petrópolis, Palomar e Alegre, da cidade de Araucária.

Junto à escola funcionam o Centro Social Urbano que atende a comunidade do município.

A escola divide-se em quatro pavilhões com 19 salas de aula, biblioteca, sala dos professores, secretaria, sala da direção, sala da coordenação e orientação educacional. No período da manhã, estudam

alunos da 1a. a 4a. séries, e à tarde de 5a. a 8a. São sete primeiras séries, seis segundas, quatro terceiras, três quartas, oito quintas, três sextas, duas setimas uma oitava e duas classes especiais perfazendo um total de 1278 alunos.

São vinte e sete professores de primeira a quarta séries, sendo dois assistentes e quatro recreacionistas. Vinte e dois professores de quinta à oitava séries. Dito serventes, duas secretárias, uma fonoaudióloga, dois guardiões, uma diretora, uma coordenadora (supervisora), e uma orientadora educacional.

A escola iniciou o ano com pessoal administrativo novo.

A secretária veio de uma escola pequeno, onde tinha o trabalho em dia. Encontrou muito trabalho acumulado, desde histórico escolar (que nenhum aluno tinha) até relatório final. A outra secretária não tem experiência sobrecarregando desta forma a anterior.

A direção foi assumida por uma professora do período de 5a. a 8a. série que se voluntariou para o cargo uma vez que as aulas já haviam começado e o Departamento de Educação não conseguiu um diretor. Devido à urgência da ocupação do cargo a professora foi admitida pela sua boa vontade e não pela sua habilitação.

Há uma descaracterização e confusão de papeis entre a diretora, coordenadora e orientadora. Isto deve-se ao fato de terem começado na escola neste ano e não terem ainda delimitado os seus trabalhos. Assim, cada uma faz o que aparece. Esta descaracterização de papéis, fez com que surgisse entre elas o relacionamento a nível pessoal e não profissional.

Esta situação facilita o não comprometimento do profissional com as verdadeiras questões atuais da problemática da escola e da educação

em geral, do modelo de criança que existe, de suas necessidades e características, ao invés disto, preocupa-se com questões burocráticas e assistenciais.

Mais recentemente, a coordenadora tem assumido alguns trabalhos da sua área: procurar junto às professoras a melhoria do ensino, via reuniões de planejamento bimestral e elaboração de provas e tomada de leitura das crianças.

Apesar de dizer que tenta ser democrática em sua prática, em diversas situações mostrou-se detentora de um saber mistificado que usa como instrumento de poder (por exemplo na elaboração das provas), uma vez que não deu espaço para que pais, professores e alunos se colocassem, isto é, fazia do discurso por todos.

Uma vez que lidera em várias situações vê-se claramente que direção e orientação delegam seus espaços para a coordenação, concordando com tudo o que diz a coordenadora e, mais do que isto, esperando dela as iniciativas.

A prática da orientadora educacional é meramente assistencialista. Atende individualmente alunos para aconselhamento (conforme relato da coordenadora) e visita os pais das crianças atendidas, mas diz "não vou mais em casa falar com os pais porque eles não se interessam pela escola". Além de assistencialista é um trabalho que visa a "disciplina" na sala de aula. Os alunos atendidos são os ditos alunos-problema, e o atendimento é feito no sentido de que eles mantenham-se passivos.

A escola estabelece normas por demais estreitas que não dão conta do espectro das diferenças entre as crianças, nestes termos analisa-se os problemas como sendo inerentes à criança.

O trabalho da diretora têm-se resumido à distribuição de materiais aos alunos que vão na sua sala pedi-los (assistencialista), cuidar das instalações do prédio (pintura, lâmpadas queimadas, vidros quebrados), problemas gerais de indisciplina e alguns trabalhos burocráticos. Sua postura frente à educação é ingênua e reacionária (acreditando que as crianças não aprendem direito por serem desatenciosas, irresponsáveis, não verem o valor da escola na sua vida futura), além de não enxergar a escola como aparelho a serviço de um sistema maior.

É omissa em relação às discussões ocorridas na escola e no Departamento de Educação, e quando participa, leva um discurso pessoal e não relacionado aos objetivos das mesmas.

A fonoaudióloga trabalha individualmente com as crianças visando corrigir problemas específicos. Como se trata de um trabalho inicial (2 meses) não se tem dados de resultados ainda.

A expectativa em relação ao nosso trabalho na escola era de psicologia clínica, já que consideram que as "crianças-problema" poderiam ser concertadas por nós.

O problema principal para a escola é a indisciplina e ela não é questionada no sentido de que a escola não está atendendo às necessidades das crianças, está distante da realidade destas, tanto na metodologia (o professor como dono do saber que vai passar conhecimentos sem considerar a realidade dos alunos) quanto no conteúdo (livros didáticos que reforçam a ideologia dominante levando ao conformismo e à visão mistificada das ciências).

Por trás de algumas mudanças superficiais oculta-se o não comprometimento de se repensar a educação. Apesar de existirem metas (propostas) tiradas em conjunto pelos professores, equipe de ensino, ob-

serva-se que não há o desempenho de uma prática que atinja as pessoas em geral em seus princípios educacionais. Reuniões são promovidas e a situação de sala de aula se repete, os professores se mantêm passivos enquanto os responsáveis pela "animação" do processo ficam numa posição autoritária, não questionando as práticas dos professores de modo a levá-los a uma reflexão, mas ficando num nível de cobrança e de sugestões vazias (sugestões em cima da experiência pessoal, e não da criança em questão). Os professores sem entenderem os princípios da nova proposta de educação, mudam algumas técnicas, deixando-as caírem no vazio, passando deste modo a desacreditar não só nas técnicas de educação, como também em seu novo modelo. Por exemplo, quando sugere o trabalho em grupo sem que haja qualquer conscientização do que representa um grupo, o que resulta é uma reunião de carteiras onde cada aluno faz o seu trabalho e conversa "outras coisas" com o colega. Não há a preocupação com o produto final do grupo. O trabalho em grupo não está servindo à discussão, à crítica, à compreensão, à cooperação, mas está tendo o sentido de indisciplina aceita, por ser uma "nova educação".

Serve à alienação em relação ao que está sendo estudado uma vez que a tarefa é feita automática e rapidamente para que sobre mais tempo para o bate-papo.

Outro exemplo é o vazio de conteúdo das atividades que é justificado através de novas técnicas que com uma fachada de educação libertadora, isto é, técnicas diferentes das usadas anteriormente, técnicas estas não pensadas criticamente, mas impostas aos alunos como as anteriores, pratica-se a educação bancária, servindo como Aparelho Ideológico do Estado enquanto prepara estes alunos para o papel que desempe-

nharão na sociedade de classes: "papel de explorado (com 'consciência profissional', 'moral', 'cívica', 'nacional' e apolítica altamente desenvolvida), papel de agente da exploração (saber mandar e falar aos operários: as 'relações humanas'), de agentes de repressão (saber mandar e ser obedecido 'sem discussão' ou saber manejar a demagogia da retórica dos dirigentes políticos) ou profissionais da ideologia (que saibam tratar as consciências com o desprezo, a chantagem, a demagogia que convêm)" (Althusser).

Os professores, frutos de uma educação igualmente bancária e não acostumados à visão crítica da realidade, a discussão, mas acomodados, imediatistas e assistencialistas, servem à ideologia dominante enquanto transmitem a mesma passividade, conformismo, através das atividades vazias e da autoridade que usam para passá-las, encontram justificativas para todas as situações sem procurar transformá-las.

O grande número de alunos na sala de aula, as idades discrepantes, assim como as condições físicas inadequadas, servem para justificar muitas situações, como o distanciamento professor/aluno, falta de diálogo, o não aproveitamento da realidade das crianças, o desinteresse, a indisciplina, o papel autoritário do professor. Quando justificadas à priori, as situações não levam à reflexão, à discussão, à reivindicação por melhores condições, ou à conscientização para uma educação que resulte em homens críticos, conscientes e agentes de transformação social.

As seguintes situações encontradas reforçam o papel da Escola como Aparelho Ideológico do Estado (estes dados foram coletados na Secretaria da Escola constantes dos Relatórios finais emitidos pela mesma):

Ano	Série	Nº de Salas	Média/alunos	Transferência	Desistência	Cl. Especial	Reprovi	Aprovi
-----	-------	-------------	--------------	---------------	-------------	--------------	---------	--------

	1a.	6	31	12X	7X	3X	23X	55X
1981	2a.	5	33	11X	6X	-	13X	69X
	3a.	4	37	6X	11X	-	6X	77X
	4a.	4	35	3X	7X	-	14X	76X

	1a.	7	33	10X	5X	1X	34X	49X
1982	2a.	4	39	6X	3X	4X	45X	41X
	3a.	4	39	9X	4X	-	17X	69X
	4a.	4	39	6X	5X	-	18X	70X

	1a.	7	33	11X	6X	7X	26X	50X
1983	2a.	5	38	12X	7X	-	26X	55X
	3a.	3	39	5X	8X	-	23X	64X
	4a.	4	38	12X	9X	-	22X	57X

	1a.	7	37	10X	6X	-	31X	53X
1984	2a.	5	38	8X	6X	-	27X	59X
	3a.	4	38	12X	3X	-	23X	62X
	4a.	3	40	10X	6X	-	6X	78X

O papel da Escola em geral é caracterizado como mantenedor de uma burocracia que impede relações mais humanas e livres, texto e contexto das diversas situações transmitidas aos alunos distantes de suas realidades, mantenedor também de uma metodologia autoritária e competitiva (aulas expositivas, sistemas de avaliação), o espaço físico é inadequado, aprisiona as crianças, contraria as necessidades básicas do desenvolvimento humano.

O crescente número de alunos por sala dificulta a permanência da criança na escola, uma vez que são exigidos padrões culturais alheios a ela, e não lhes é dado condições de desenvolverem e mostrarem suas culturas.

A escola não apenas reprova grande percentagem dos alunos (nas 1as. séries chega a 50%), como mantém um índice constante de desistência, na maioria das vezes explicado por motivo de necessidade de aumento da renda familiar.

A escola não só afasta dela os alunos, como também os pais destes, quando os chamam para reforçar-lhes a idéia de que os seus filhos "não nasceram para o estudo", (entrega de boletins e reclamações), ao invés de promover a participação desses pais na melhoria do ensino e da comunidade, levando-os a discutir a educação e participarem do processo de mudança.

Não bastando todas as desatenções da escola em relação às crianças, há ainda, a discriminação dentro da própria escola que são as Classes Especiais, para as quais os alunos são enviados com o rótulo de incapazes de se adaptarem à programação "normal" da escola, como se fossem culpados intrinsecamente. Para referendar essa rotulação, conta-se com a participação de vários profissionais que reforçarão a cul-

pa da criança e não do sistema escolar.

A escola dita normas disciplinares onde coloca como direito do aluno ser tratado com dignidade e respeito, que seria: ser ouvido não só em suas dificuldades na matéria, como em suas necessidades, o que é contraditório à prática que não leva em conta o aluno, impõe a matéria e discrimina os que não conseguem acompanhá-la. No texto dá abertura para que o aluno discuta seus pontos de vista com a escola, mas no contexto não propicia tal prática.

Os deveres e proibições são colocados a nível de controlar o comportamento dos alunos sem considerar suas realidades.

Tendo em vista estes dados de realidade, nossa prática visa repensar a educação, a função da escola na comunidade, os princípios desta nova educação, repensar a metodologia usada assim como o tipo de criança/homem que está sendo formado e repensar, o papel/atuação dos diversos profissionais da educação para que seja modificada conscientemente.

III.2.RELATO DO TRABALHO DE 1985 A 1988.

III.2.a. ESTÁGIO - 1985

Após o diagnóstico inicial montamos um projeto de trabalho para o ano de 1985, e, discutimos com os membros da escola. O plano de atividades e o projeto pode ser colocado como se segue:

Plano geral de Atividades:

1.Diagnóstico das necessidades prioritárias dos professores com o objetivo de conhecer melhor suas realidades, levá-los à reflexão de

suas práticas, despertar a necessidade de discussão e esclarecimento das metas e objetivos da educação no município. Para isso utilizaremos entrevistas individuais.

2. Formação de grupos de professores para discussão com o objetivo de questionar técnicas e práticas da escola. A metodologia será formação de grupos por séries e grupos maiores para discutir o desenvolvimento infantil.

3. Acompanhamento dos professores com o objetivo de discutir a metodologia empregada para que as metas do departamento de educação e da escola sejam alcançadas (metas estas tiradas em conjunto com os professores). Descobrir na prática, junto com os professores, formas alternativas de trabalhar um conteúdo, que atenda as necessidades da criança, que desenvolva nesta a consciência crítica, autonomia e criatividade. A Metodologia será participação nas reuniões bimestrais de planejamento, e preparação com os professores, por séries, de um determinado tema que possa ser visto num período determinado e desenvolvê-lo a fim de atingir todos os objetivos de aprendizagem. As atividades deverão romper com o esquema passivo de sala de aula.

4. Formação de grupo com os especialistas que atuam na escola para discutir suas funções, através de entrevistas e discussões individuais e grupais.

Projeto de trabalho para professores de 1a. a 4a. séries: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.

1a. Parte: DESENVOLVIMENTO INFANTIL

2a. Parte: PAPEL DA ESCOLA

3a. Parte: PRÁTICA - MONTAGEM DE UM TEMA-UNIDADE.

1a. Parte

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Duração de três semanas, com um encontro semanal, uma hora e meia a duas horas.

Aspectos a serem discutidos:

- Importância do jogo.
- Atividades relacionadas ao processo de desenvolvimento.
- Linguagem, pensamento e inteligência.
- Modelo de Homem.
- Alfabetização.

Bibliografia de apoio: Vigotsky e Leontiev.

2a. Parte

PAPEL DA ESCOLA

Duração de duas semanas, um encontro por semana de uma hora e meia.

Aspectos a serem discutidos:

- Ideologia.
- Metas de educação do município.
- Participação dos pais.
- Distanciamento da realidade do aluno.
- Falta de entrosamento.
- Organização dos professores enquanto classe.

Bibliografia de apoio: Althusser, Paulo Freire, Gadotti.

3a. Parte

PRÁTICA

Quatro grupos divididos por série com duração de duas horas cada um para montagem de um Tema-Unidade

Bibliografia de apoio: Freinet, Madalena Freire, Literatura infantil.

Avaliação da prática junto aos professores.

Procedimentos a serem utilizados:

- Discussão em grandes grupos.
- Leitura de textos em conjunto, com reflexão crítica.
- Troca de experiências.
- Dinâmicas lúdicas.
- Utilização de técnicas de expressão plástica.
- Discussão em pequenos grupos.

Após as discussões deste projeto iniciamos o trabalho e montamos alguns textos para reflexão. Inicialmente construímos um texto para devolver aos professores as dificuldades que encontram na realização do trabalho pedagógico, dificuldades estas colocadas por eles próprios nas entrevistas individuais. O objetivo deste texto era discutir estas dificuldades procurando alternativas de superá-las.(anexo 3).

Neste momento de discussão conjunta surgiu a necessidade de compreensão do desenvolvimento infantil relacionado à aprendizagem, para isto montamos os textos: "Considerações acerca do desenvolvimento humano" (anexo 4) e o "Texto Explicativo" (anexo 5). Estes textos serviram como instrumento para as discussões e possibilitaram momentos de reflexão e questionamento do processo desenvolvimento humano e aprendizagem escolar.

Ao final do ano de 1985 os professores avaliaram o trabalho de psicologia com falas como as que se seguem:

"Acho que com estes encontros passei a entender melhor as crianças e suas atitudes, percebi através das brincadeiras que fizemos, como é o que era o mundo das crianças antes de ingressarem na escola, e assim aprendi a trabalhar com elas. Espero que as reuniões continuem pois estão sendo muito proveitosas."
(Professora de 1a. a 4a. séries)

"Eu acho que essas reuniões estão nos ajudando a conhecer melhor os nossos alunos e a nós professores porque estamos fazendo um trabalho em conjunto e isto é muito importante."
(Professora de 1a. a 4a. séries).

Sugeriram continuidade do trabalho em 1986.

Um dos pontos de ênfase neste ano de 1985 foi o trabalho com os especialistas de educação que eram: Diretora, Coordenadora e Orientadora. A Diretora, uma professora de matemática, não tinha nem formação, nem conhecimento, nem experiência em Administração Escolar. Havia aceito o cargo sem qualquer preparo, sem saber o que seria função de um diretor, o que assumiu como seu papel foi dar broncas nos alunos indisciplinados, organizar filas para cantar o Hino Nacional e para entrarem nas salas de aula como bois indo para o matadouro (pelo menos o que se podia perceber nas expressões dos alunos era exatamente isto, já que viam a escola como um espaço de punição social pois nela era e é exercida a discriminação social através das várias formas de poder presentes na prática pedagógica. Nesta questão de direção já podemos constatar uma das contradições deste partido (Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB), pois dizia-se democrático e no entanto "escolhia" seus apadrinhados para os cargos de Direção da escola, ainda que não tivessem qualquer preparo, comprometiam assim a qualidade de ensino que também era pregada nos palanques eleitoreiros.

A supervisora (que denominamos aqui coordenadora por ser esta a nomenclatura utilizada no município) era aberta às discussões, tinha muita vontade de "crescer", de ampliar seus conhecimentos, mas na época sua formação era em Orientação Escolar, portanto estava sem saber o que seria sua função, mas dedicava-se a estudos, discussões e leituras e posteriormente fez a formação em Supervisão Escolar, trabalhou e trabalha arduamente pela transformação da educação no município, luta pela democracia ainda que muitas vezes tenha sido autoritária. Pudemos questioná-la muitas vezes e construimos juntas, nos anos seguintes, um trabalho que consideramos transformador.

A orientadora era uma figura decorativa, sem função e sem disposição, passava a metade do ano organizando a formatura da 8a. série e a outra metade programando trabalhos que nunca saíam do papel ou melhor da cabeça, porque raramente chegavam ao papel.

Pudemos observar desde o início que os papéis destes especialistas eram misturados, confusos para eles próprios e para os demais membros da escola como podemos perceber nestas falas dos professores de 1a. a 4a. séries durante as entrevistas individuais:

"Não sei qual é o papel da orientadora, a diretora parece sempre distante, mas deve ser porque a escola tem muitas dificuldades. A coordenadora não dá espaço para os professores."

"Acho o trabalho da direção, coordenação e orientação muito falho. Não me sinto apoiada, a coordenação poderia ajudar-nos..."

Perguntados no entanto em que a coordenadora poderia ajudá-los, as respostas eram as mais variadas, indo do burocrático ao assistencialista, passando do insignificante ao poderoso. Respondiam estes

professores que a coordenadora deveria passar textos no mimeógrafo, buscar materiais de apoio ao trabalho do professor no departamento de educação, substituir professores em casos de ausência, verificar os livros de chamada. Enfim os professores não tinham idéia do que poderia ser a função de um coordenador numa proposta transformadora de educação, corroboravam a idéia do "supervisor industrial" quando colocavam como seu papel verificar os livros de chamada e também quando tentavam descaracterizar o trabalho sugerindo funções insignificantes, ou seja ao sugerirem funções que uma secretária poderia ter, retiravam do supervisor o seu poder, portanto atribuíam a ele um poder que os incomodava e por isto não questionavam nem criticavam o trabalho. Os professores não poderiam ter idéia do que seria a função dos especialistas numa educação transformadora porque não se situavam eles próprios numa educação assim, acostumados a serem mandados, estava ausente neles a prática democrática, falavam pouco nas reuniões e geralmente procurando agradar aos interlocutores, para que os conflitos viessem à tona foi preciso muito tempo, muita prática de reuniões, muita leitura, diríamos que foi e é necessário paciência histórica, porque evidentemente não conseguimos com o nosso trabalho que todos os professores conhecessem e optassem por uma educação transformadora, por uma escola democrática.

Outras falas dos professores de 1a. a 4a. séries:

"A diretora cuida das coisas grandes da escola, a coordenadora é boazinha mas falta o acompanhamento aos professores, a orientadora não sei o que ela faz, é uma boa pessoa."

"A diretora dirige e atende se precisar de alguma coisa. A coordenadora participa do planejamento e elaboração das provas. A orientadora atende as crianças que tem problemas."

"Não sei qual é o trabalho da orientadora..."

"A coordenadora é uma espécie de vice-diretora. A diretora dá material, cuida da escola, a orientadora não sei o que faz."

"A direção, coordenação e orientação estão misturadas, as três estão na direção da escola."

"A coordenadora faz o trabalho da direção."

Temos aqui a representação social dos especialistas de educação para os professores desta escola, são "bonzinhos", não ajudam e também não atrapalham então porque questioná-los? Representam figuras de poder, distintas portanto dos professores que sabem qual é o "lugar deles", mas que poder é este? Delegado por quem? Em alguns momentos delegado pelos próprios professores. Que se subordinam voluntariamente aos especialistas e esperam que estes exerçam sobre eles os mecanismos de poder, elaborando por eles os programas, avaliando-os e sendo "bonzinhos", ou seja permitindo que eles continuem exercendo hierarquicamente o poder sobre os alunos, e também sendo "bonzinhos" com estes. Afinal quando passamos pelos valores morais, nesta visão maniqueísta do mundo não há muito o que fazer ou ser, ou se é bom ou mal, não importa muito se as questões são profissionais ou pessoais, são geralmente transportadas para o pessoal que também não deixa muita margem para questionamentos.

Este trabalho no ano de 1985 foi realizado em coautoria com a Psicóloga (na época, ambas estagiárias de psicologia, cursando o quinto ano) Hilene de Souza e supervisionado pela professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Elane Tomich Buckmann, encontramos muitas dificuldades: o despreparo dos professo-

res e demais membros da escola, a resistência as possibilidades de mudanças, a falta de subsídios para realização prática das metas discutidas no Seminário, a mistura e descaracterização das funções dos especialistas, o descompromisso de uns, a inexperiência de outros, a falta de leituras de atualização do conhecimento, a expectativa de um trabalho de psicologia clínica que "consertasse" os "alunos-problema" sem questionar a prática de sala de aula mas conservando tudo como estava, a briga do "velho e do novo" como nos coloca Gramsci. Dificuldades como estas encontraram também as duas estagiárias que estavam em outra escola do município e resolvemos junto à nossa supervisora escrever um documento que mostrava nossa proposta de psicologia escolar e os impedimentos para sua realização, este documento foi enviado para alguns órgãos de educação e acho importante anexá-lo aqui. (anexo6)

Deste trabalho de estágio ficaram muitas dúvidas, e também a certeza de que o psicólogo escolar comprometido com a transformação social pode contribuir para o processo de construção de uma educação revolucionária.

III.2.b. TRABALHO NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO - 1986 a 1988

Em 1986 fomos contratadas, as quatro psicólogas, pela Prefeitura Municipal de Araucária, dividíamos nosso tempo cada uma em uma escola do município e as quatro no Departamento de Educação onde fazíamos parte da Equipe de Ensino. Junto aos demais membros do Departamento montamos um plano de trabalho para 1986, e os objetivos colocados neste plano eram:

1. Favorecer a vivência do espírito crítico e comunitário, do diálogo, da participação, da

responsabilidade e da solidadriedade na busca constante para uma nova educação que chamamos de libertadora;

2. Integração com os Departamentos que compõe a Administração Municipal;

3. Combater a evasão escolar;

4. Valorizar o professor, procurando constantemente questionar sobre a sua função transformadora dentro do contexto social;

5. Melhorar a qualidade de ensino, desenvolvendo uma consciência crítica sobre a educação entre os profissionais da área da educação, nas escolas e comunidade;

6. Buscar novas alternativas educacionais para o enriquecimento das práticas pedagógicas.

Em função destes objetivos nosso trabalho no Departamento era de coordenar:

Reuniões mensais com os Coordenadores (Supervisores Educacionais)

Reuniões mensais com os diretores

Reuniões com professores de 1a. a 4a. séries da zona urbana e rural.

Reuniões com professores de 5a. a 8a. séries

Projetos dirigidos a alunos

Produção de material alternativo para as discussões sobre educação. (exemplo uma pesquisa que fazia a crítica dos livros didáticos que estavam sendo utilizados e apresentava outros materiais que poderiam ser utilizados pelos professores).

Em 1987, o plano de trabalho do Departamento de Educação tinha os mesmos objetivos, havia muitos entraves, tantos que a equipe de Ensino reuniu-se na metade do ano durante três dias e tentou recuperar historicamente toda a sua caminhada, e encontrar alternativas para a conti-

nuidade do trabalho, deste encontro fizemos um documento que discutimos posteriormente com a chefia do Departamento para tentar viabilizar as propostas tiradas. (anexo 7)

Logo após este encontro e como resultado das análises feitas, estruturamos o Jornal da SMED (Secretaria Municipal de Educação), conseguimos verbas apenas para dois números. No primeiro cada um dos serviços da secretaria teve um espaço para esclarecer seus papéis e seus objetivos, o objetivo do jornal era divulgar o trabalho da Secretaria e das práticas alternativas que começavam a melhor delinear-se entre os professores. Consideramos importante transcrever aqui o artigo que fala do Assessoramento psicopedagógico às Escolas:

Assessoramento Psicopedagógico

Duas escolas do município contam com o assessoramento psicopedagógico sistemático: A Escola Ibraim Antonio Mansur (psicóloga Rita Isabel Vaz) e a Escola Agalvira B. Pinto (Psicóloga Andrea Vieira Zanella).

O psicólogo escolar é um trabalhador social que, inserido na instituição escola, vem promover a reflexão e discussão acerca do papel de aparelho reprodutor da ideologia dominante para devolver-lhe seu verdadeiro papel, que é o de facilitar aos indivíduos a compreensão e a apropriação de sua realidade verdadeira. A escola é direito da comunidade a que pertence, portanto deve atender às suas reais necessidades.

O trabalho de psicologia escolar, como todo trabalho que questiona estruturas, encontra barreiras. Citamos algumas atividades que vêm sendo desenvolvidas, e pretendemos especificá-las melhor numa próxima oportunidade.

-Discussões com professores acerca da filosofia e metodologia de trabalho adotados.

-Assessoramento a crianças com dificuldades de aprendizagem e encaminhamento quando necessário, atendendo à solicitação de professores.

-Elaboração de materiais para discussão com professores e que revertem na melhoria da atividade profissional. Exemplo: Material de psicomotricidade, sugestões de atividades,

textos sobre o desenvolvimento infantil...
 -Grupos de atividades alternativas com crianças: teatro, reflexões sobre o meio ambiente, artes...

Do segundo número do Jornal quero destacar aqui um depoimento das professoras de 1ª série da Escola onde trabalhamos:

"NÓS EXPERIMENTAMOS.

EXPERIMENTE... ACREDITE...

Dentro de uma nova proposta de trabalho, colocaremos aqui a maneira como temos trabalhado com nossos alunos.

Antes de mais nada é necessário dizer que não foi fácil mudar. Quando surgiu na escola uma proposta de mudança, de um ensino mais aberto, diferente de como se tinha trabalhado até então, houve de nossa parte - Professores de 1ª série - uma reação contrária. Mas, mesmo assim, resolvemos aceitar o desafio e tentar mudar.

Tudo isso só aconteceu a partir do momento em que clareamos nossa visão do que seria uma nova proposta de trabalho, e com que tipo de educação pretendemos trabalhar.

Decidimos trabalhar pela transformação, porque acreditamos no aluno, em tudo que ele é capaz de fazer. Tudo aconteceu através de muito questionamento, reuniões, discussões, sugestões, as quais foram propiciadas na escola através da coordenadora e psicóloga. Houve também encontros com professores que já trabalhavam com uma proposta de transformação.

Uma das maiores dificuldades inicialmente foi trabalhar sem a cartilha. Mas a medida que fomos discutindo a utilidade ou não da mesma, achamos que não seria tão necessária, pois o conhecimento do aluno vai além do que traz o livro didático, e aproveitando suas experiências o trabalho torna-se bem mais interessante.

Nosso ponto de partida foi o desenho da criança, considerando que é sua primeira forma de expressão escrita. E o nosso objetivo é ensinar a ler e escrever. A criança faz inicialmente a leitura do seu desenho que é transformada em escrita pelo professor, e revista pelo aluno que percebe que o que ele fala e desenha pode ser escrito, e naturalmente começa a escrever...

O resultado são textos ricos de detalhes, coerência de idéias, ao invés de frases feitas. É leitura que vai além da decifração. É expressão solta, livre... VALEU. Professoras de 1a. série."

Este depoimento, embora ainda confuso, mostra que alguma semente havia ficado do trabalho dos anos anteriores. Não vou aqui questionar a coerência do texto ou analisá-lo em todo o seu conteúdo, considero-o importante porque foi o primeiro texto escrito por um grupo de professores da escola, eles não tinham o hábito nem de ler nem de escrever, no entanto conseguiram aqui escrever sobre suas práticas, expressaram suas posições, começavam a perder o medo de errar.

Em 1988, os objetivos da Secretaria Municipal de Educação eram os mesmos, mas o trabalho de psicologia já não fazia parte da equipe de ensino, era um trabalho mais específico chamado no organograma de Serviço de Assessoramento Psicopedagógico e foi colocado no plano anual de trabalho da seguinte forma:

SERVIÇO DE ASSESSORAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

Objetivos:

- a)Elaborar, executar e avaliar projetos de ação psicopedagógico voltados à melhoria da qualidade de ensino no município;
- b)Prestar assessoramento técnico, teórico e metodológico a professores e especialistas que atuam nas escolas municipais;
- c)Propor, acompanhar e avaliar a execução de projetos, socializando os conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil e a psicopedagogia, dentro e fora da escola;

d)Propor, prioritariamente, medidas de caráter preventivo e educativo, quando se fizer necessário, viabilizar alternativas que visem a otimização da saúde mental do escolar;

e)Oferecer o trabalho de campo, consolidando a ação da psicologia educacional dentro da escola.

f)Consolidar uma proposta de trabalho transformadora, promovendo o questionamento acerca do papel da instituição como um todo e das relações de trabalho dentro dela.

METAS:

a)Promover, no município, um ciclo de debates, palestras e vivências acerca da questão da sexualidade e do conhecimento corporal.

b)Promover, no município, um ou mais encontros sobre a questão do negro, dando continuidade à discussão iniciada com o grupo de professores.

c)Organizar um projeto de trabalho junto a um ou mais grupos de alunos, delimitando a clientela a ser atendida, e a proposta objetiva de ação que inclua o objetivo, o tema central e a metodologia de trabalho.

d)Promover um curso sobre o desenvolvimento infantil e os conhecimentos construídos dentro da psicopedagogia e, a partir desse, estabelecer um ou mais grupos de estudo, esclarecendo os participantes quanto à linha teórica e científica a ser seguida durante o processo.

e)Propor um trabalho de assessoramento, estabelecendo o campo de ação junto a professores interessados, e então delimitar o tema e a metodologia a serem utilizados.

f)Garantir a reunião periódica dos elementos deste serviço para discussão e reflexão dos projetos de ação, sua continuidade ou reformulação.

g)Registraar as experiências do grupo de assessoramento psicopedagógico, organizando todo e qualquer material produzido, seja nas formas de relatórios, fotos e/ou gravações.

TRABALHO DE PSICOLOGIA ESCOLAR NAS ESCOLAS
IBRAIM ANTONIO MANSUR E AGALVIRA BITTENCOURT
PINTO.

a) Trabalho alternativo com alunos. A psicologia escolar é uma ciência nova que precisa estar constantemente abrindo espaços. O trabalho com alunos, superando a proposta clínica de atendimento à "criança-problema" acontece na efetivação de alternativas de trabalho.

b) Trabalho com professores. Entendendo-se que a dificuldade enfrentada pela criança na escola passa principalmente pela inadequação da metodologia com relação ao desenvolvimento infantil do educando, faz-se mister que haja uma proximidade entre o professor e o psicólogo, e que esta se concretize na troca, na discussão, na contribuição técnica.

c) Trabalho com a Instituição Escolar. Sendo o Psicólogo Escolar um trabalhador social deverá movimentar a escola no sentido da sua transformação.

Consideramos importante relatar aqui algumas questões relativas aos planos de trabalho da Secretaria de Educação (inicialmente Departamento de Educação), porque estes planos eram enviados para todas as escolas e discutidos com os seus membros, e a partir destas discussões as escolas elaboravam seus planos específicos.

Não faremos a análise do trabalho na Secretaria de Educação uma vez que queremos privilegiar aqui o trabalho na Escola, especificamente na escola em que atuamos e as questões relevantes do trabalho do psicólogo escolar aparecem tanto na Secretaria quanto na escola.

III.2.c. TRABALHO ESPECÍFICO NA ESCOLA - 1986

Iniciamos o trabalho na Escola refazendo o diagnóstico que havia sido feito no Estágio no ano de 1985, isto por entender que o diag-

nóstico não é estanque e deve ser constantemente refeito, além de considerar as avaliações do final do Estágio.

Para este diagnóstico além dos dados burocráticos, índices de reprovação, aprovação e desistência, número de professores, número de alunos, entrevistamos individualmente todos os professores de 1a. a 8a. séries e também os especialistas (diretor, coordenador, orientador). Estas entrevistas pretendiam serem informativas e reflexivas, ou seja levantar questões a respeito da prática do professor, da sua visão de Homem, da sua visão de Educação, entre outras, e refletir a respeito destas questões propondo encontros com outros professores da mesma área. (as questões destas entrevistas estão no anexo 8).

Nestas entrevistas, quando perguntados sobre a possibilidade de reuniões com outros professores houveram respostas como a que se segue:

"é importante, embora eu perceba que é um pequeno grupo que trabalha por uma educação transformadora, a maioria não, mas é importante despertar a consciência dos outros professores." (Professora de Língua Portuguesa).

Algumas falas como esta motivaram a promoção de encontros por disciplina no caso dos professores de 5a. a 8a. séries e encontros por série no caso de 1a. a 4a. séries. Havia claramente dois grupos na escola, um que tinha um discurso contraditório com a prática, queria parecer progressista porém na sala de aula era autoritário e reacionário e um outro grupo que investia realmente numa educação transformadora, estudando, lendo e construindo uma prática democrática.

Nas entrevistas, embora todos os professores tenham dito que achavam importantes as Metas levantadas no Seminário de 1985, e embora

todos tenham tentado fazer um discurso progressista as contradições apareciam no decorrer de suas falas e se confirmavam nas observações feitas posteriormente na sala de aula. Por exemplo um professor de ciências (que tinha formação em Estudos Sociais) dizia fazer experiências com os alunos para que eles construíssem suas conclusões, fez na sala de aula uma experiência onde alguns alunos observavam e deveriam contar para os outros para que fizessem em casa. Ao final da experiência o professor ditou o texto da aula retirando-o do livro didático, foi a conclusão da "experiência". Outra professora, de Língua Portuguesa, trabalhou com aumentativo, os alunos deveriam formar frases com os aumentativos de determinadas palavras, quando um aluno utilizou o aumentativo de bala como: "O balaço é gostoso", a professora corrigiu dizendo que era bala de revolver, embora nada justificasse que não fosse bala de comer.

Os Professores que faziam coincidir o discurso com a prática eram poucos neste ano de 1986. Só em 1987 entraram alguns professores novos (Novos em Araucária, novos em idade e novos em propostas de trabalho coincidentemente), isto em relação aos professores de 5a. a 8a. séries. Os professores de 1a. a 4a. séries passaram por um outro processo, talvez porque a grande maioria deles ou melhor delas (só havia um professor do sexo masculino) eram formadas apenas no Magistério, não se sentiam donas da verdade, eram mais confusas, sentiam-se perdidas dentro das METAS do Departamento de Educação e despreparadas profissionalmente, aceitavam melhor as discussões embora poucas tentassem realmente crescer em termos de conhecimento, procurando ler mais, (Haviam livros à disposição na Escola, livros sobre educação, alfabetização, propostas alternativas, entre outros), discutir, participar de

curtos, de grupos de estudos, os professores de 1a. a 4a. séries eram muito acomodados, foram se modificando muito lentamente e claro não em sua totalidade.

Perguntados sobre o trabalho dos especialistas de educação e sobre as expectativas em relação ao trabalho do psicólogo, algumas respostas levaram-nos a refletir sobre nossas práticas e montar um plano de trabalho em conjunto com os professores e discutido com todo o grupo. Vamos exemplificar com algumas falas:

"Acho que o psicólogo deve fazer um trabalho com os alunos, um questionário, uma conversa, para entendê-los melhor." (Professor de Matemática).

Este discurso era comum e trazia por trás um pedido "Não me faça refletir sobre a minha prática, sobre política educacional, sobre o desenvolvimento da criança, conserte as crianças inadequadas e deixe tudo como está."

"O psicólogo pode me ajudar dizendo o que eu faço com um aluno que não para de falar na sala, por exemplo..." (Professor de Língua Portuguesa)

"O psicólogo escolar pode ajudar fazendo questionários para descobrir o que os alunos falam dos professores, das aulas, o que eles querem da vida..." (professor de Geografia)

"O psicólogo deve detectar problemas dos alunos e ajudá-los a resolvê-los..." (Professor de ciências)

"O psicólogo deve trabalhar com os alunos difíceis..." (Professor de história)

"...Quanto ao trabalho ao psicólogo, eu espero que arrume peças da engrenagem para que ela possa andar melhor..." (Professor de matemática)

"O psicólogo deve modificar o comportamento dos alunos problemas..." (Professor de inglês).

Estas falas mostram que a expectativa em relação ao trabalho do psicólogo era de atendimento clínico, ou de intermediário, uma espécie de "dedo-duro" que contasse para os professores o que os alunos pensavam deles, este discurso nos mostra quão distantes estes professores estavam dos seus alunos pois colocavam no psicólogo a possibilidade de dialogar com estes ou de "consertá-los", e mostra também que visão de educação tinham, certamente uma educação bancária (como nos diria Paulo Freire) pois falam de educação como "engrenagem", uma linha de montagem onde cada um coloca uma peça e tudo funciona "harmonicamente". Esperavam portanto que o psicólogo viesse "equilibrar" este funcionamento, e é claro que se surpreendiam muito quando percebiam que o papel do psicólogo, no nosso entendimento, era exatamente o contrário do que esperavam, ou seja era de desequilibrar, acirrar contradições, incomodar no sentido de questionar suas práticas, suas posturas políticas. Não era o papel de manutenção da estrutura autoritária que mantinham sem questionamento, mas tentávamos em todas as oportunidades (reuniões, entrevistas, conversas informais) reafirmar nossa postura de revolucionar a educação tradicional (utilizamos aqui o termo "tradicional" para nos referir à educação praticada na escola, educação reacionária, autoritária, rígida, bancária. Portanto não estamos nos referindo à Escola Tradicional enquanto uma linha da pedagogia).

Continuando vamos citar algumas falas dos professores em relação ao trabalho dos especialistas:

"O trabalho dos especialistas deve ser em função dos alunos, mas não sei diferenciar o trabalho da direção, coordenação e orienta-

ção..." (Professor de 1a. a 4a. série)

"Não vejo o trabalho dos especialistas, eles deveriam estar mais junto com os professores." (Professor de 1a. a 4a. série).

"Não vejo nenhuma relação do trabalho dos especialistas com o meu, desde que não se metam no meu trabalho está bom..." (Professor de matemática).

"A coordenadora faz o trabalho da direção e a direção e orientação não sei o que fazem" (Professor de Língua Portuguesa)

"O trabalho dos especialistas deve ser cuidadoso, no sentido que é um grupo pensando pela transformação enquanto a maioria é pela conservação..." (Professor de Língua Portuguesa).

"Não sei o que a orientadora faz, mas a coordenadora e a psicóloga parecem ter proposta de trabalho, acho importante poder contar com estes profissionais." (Professora de 1a. a 4a. série).

Em todas estas falas fica claro a confusão de papéis, e apenas nas duas últimas aparece uma proposta de trabalho a nível dos especialistas mas ainda confusa. Aqui também notamos que a visão de conservação permeia o discurso de alguns professores, por exemplo quando falam que está tudo bem desde que não os questione, desde que fique tudo como está.

Por tudo isto elaboramos um Plano de Trabalho e discutimos com os professores. Na introdução colocamos:

"Partindo de um modelo de Homem, criativo, crítico, agente de transformações sociais e que também se transforma na medida em que transforma a sociedade, um Homem que pela sua ação modifique a própria situação de carência a possa superar o sistema existente ao invés de mantê-lo, e vendo a função da escola que tanto pode servir como Aparelho Ideológico do Estado (como tem servido), mantendo o sistema e reproduzindo as desigualdades sociais, como também pode superar este sistema, no seu ver-

dadeiro papel social e político, como parte de uma comunidade e da sociedade em geral, pode a escola servir à transformação, à superação deste sistema. Para isto, especialistas da educação, professores, pais e alunos devem estar empenhados de seus papéis dentro do todo social."

Com estes pressupostos a proposta de trabalho de Psicologia envolvia:

1. Professores de 1a. a 4a. séries.
2. Professores de 5a. a 8a. séries.
3. Especialistas (Direção, coordenação e orientação)
4. Associação de Pais e Mestres (APM)
5. Alunos

Com os professores de 1a. a 4a. séries as atividades foram as que se seguem:

-Discussão do planejamento bimestral por série junto com a coordenadora.

O objetivo de participar destas reuniões que eram diretamente ligadas ao trabalho específico da coordenadora, era considerar as implicações do desenvolvimento infantil nos seus dois níveis, ou seja os aspectos já completados de aprendizagem e outros que estão em potencial e podem ser explorados pelos professores, (zona proximal do desenvolvimento segundo Vigotsky), se estes considerarem que o aprendizado deve favorecer o desenvolvimento, antecipando-se a este. A partir de discussões como esta, objetivávamos criar com os professores e coordenadora, formas alternativas de passar os conteúdos para às crianças, favorecendo todas as formas de expressão e facilitando a aprendi-

zagem.

-Reuniões mensais com professores de 1a. a 4a. séries junto com a coordenadora, diretora e orientadora.

Estas reuniões pretenderam discutir alguns temas levantados pelos próprios professores como: Educação transformadora, Metas para educação definidas no Seminário de 1985, práticas pedagógicas, alfabetização e avaliação, papel político da escola. Tinham como objetivo situar a escola no contexto social, no momento histórico, conscientizar da importância do papel político do professor, questionar a prática conservadora e mantenedora do sistema, conscientizar para educação transformadora, promover a organização dos professores enquanto classe, questionar a visão de aluno passivo discutindo o desenvolvimento da criança e a construção do conhecimento.

Houve um trabalho específico com as professoras de 1as. séries uma vez que a alfabetização foi colocada neste ano pelos próprios professores como prioridade. Este trabalho contou com a participação de uma professora alfabetizadora, Sônia Nunes da Silva, que havia participado de um projeto de alfabetização em Curitiba, e tinha a fundamentação teórica principalmente em FREINET, (Célestin Freinet, alfabetizador francês que defendia o método natural de alfabetização, ou seja colocava que a alfabetização deve partir das experiências que a criança já trás de sua vivência anterior à escola e das possibilidades de experiências que o professor pode propiciar aos alunos na sua prática pedagógica). Este trabalho também contou com a participação da coordenadora. A psicologia entrou para discutir o desenvolvimento infantil,

relacionando-o à aprendizagem e o objetivo era mostrar como a criança aprende a ler e escrever, e que ler e escrever é muito mais que decifrar letras é poder interpretar as muitas mensagens ideológicas do mundo que a cerca, é ler o mundo em todas as suas contradições, e desenvolver a crítica e a atuação na sua realidade social, é interagir no seu meio modificando-o.

Ainda com os professores de 1a. a 4a. séries, aproveitando uma semana de estágio das alunas do Magistério, montamos, junto com a coordenadora um planejamento integrando conteúdos para a Semana do Meio Ambiente, o objetivo da participação da psicologia neste projeto foi discutir as formas de expressão plástica, corporal, escrita, além de semear alguns questionamentos em relação à prática de sala de aula e a proposta de educação transformadora para as alunas de magistério, futuras professoras. Após a prática desta semana escrevemos um documento contando a experiência e enviamos para todas as escolas do município, objetivávamos registrar este momento e divulgar para os demais professores, este documento além de uma introdução (anexo 9), contava com trabalhos dos alunos e toda a descrição das atividades realizadas.

Com professores de 5a. a 8a. séries.

-Reunião geral para apresentação e discussão da proposta de trabalho e devolução das questões colocadas por eles nas entrevistas, propusemos encontros mensais junto com a coordenadora, orientadora e diretora para discutir temas por eles levantados: Educação, Dificuldades do Trabalho do Professor, Avaliação e Planejamento.

-Reuniões por disciplina. Ficaram combinadas e o objetivo era discutir o desenvolvimento infantil, a aprendizagem e as formas de expressão, além de assuntos específicos de cada disciplina, textos que trouxessem alternativas de práticas progressistas.

Na avaliação do final do ano de 1986 o trabalho de Psicologia foi colocado como se segue em algumas falas:

"Recebi ajuda da psicóloga nas minhas aulas, ela ajudou a elaborar estratégias para melhorar e enriquecer minhas atividades de sala de aula" (Professora de 1a. a 4a. série).

"Acho que crescemos muito com o trabalho de Psicologia, pelo menos aprendemos a nos reunir para conversar." (Professora de 1a. a 4a. série).

"Estou tendo dificuldades em mudar a minha prática, mas tenho recebido ajuda da psicóloga para entender melhor esta proposta de educação mais crítica." (Professora de 5a. a 8a. série)

É evidente que estas colocações não eram unânimes, pelo contrário eram poucos os professores que consideravam o trabalho de psicologia importante para o trabalho deles, porque eram poucos os que tinham disposição para mudar, a maioria deles sentia-se incomodada com este profissional que estava todo o tempo discutindo, levantando contradições e diziam que o psicólogo deveria apenas:

"...resolver problemas dos alunos, modificar o comportamento dos alunos difíceis, esta é a única ajuda que o psicólogo pode dar para o meu trabalho." (Professor de 5a. a 8a. série)

Com especialistas

-Reuniões semanais para discussão do papel de cada profissional, dos problemas concretos da escola, do que significava tanto teórica quanto praticamente a Educação transformadora, sobre a função da escola e criação de estratégias para colocar em prática as metas da educação levantadas no seminário de 1985. O objetivo deste trabalho foi principalmente questionar o papel dos especialistas, situá-los enquanto agentes no processo de transformação social, ler, discutir sobre a prática de cada um, fornecer subsídios teóricos para que cada um pudesse construir sua prática, pois havia "boa vontade" por parte da coordenadora especialmente, mas faltava conhecimento do que seria seu papel na escola, havia o desejo de mudar, de construir uma prática realmente transformadora, mas faltava leituras, faltava apoio. Embora houvessem reuniões mensais com as coordenadoras do município, à nível de Secretaria de Educação, a maioria delas fazia trabalhos burocráticos na escola e não se viam enquanto educadoras, portanto não havia no município alternativas de discussão, de trabalho em grupo para a coordenadora, este foi um trabalho muito rico e vale a pena colocar aqui algumas falas dos professores e da própria coordenadora a respeito deste na avaliação do final do ano de 1986:

"A coordenadora melhorou muito, parece que agora está fazendo seu papel..." (Professora de 1a. a 4a. série.

"A direção não se comunica com os professores, a coordenação não ajuda nos pequenos trabalhos, como mimeografar textos, e a orientação continua ausente, a Psicologia não está atendendo os alunos problemas..." (Professor de 5a. a 8a. série.

"A coordenadora mudou muito com a ajuda da psicóloga. Acho que a psicóloga trabalhou

...
muito com os especialistas e nos ajudou nas reuniões pedagógicas..." (Professora de 1a. a 4a. série)

"A coordenadora ajudou a desenvolver os conteúdos, a psicóloga ajudou a entender as crianças..." (Professora de 5a. a 8a. série)

Em 1986 não aconteceu o trabalho com a Associação de Pais e Mes-
tres porque esta não existia na escola, havia um presidente mas não
havam reuniões e nenhuma relação com a escola, foi difícil inclusive
localizar este presidente e formar uma chapa de pais para eleição no
ano seguinte de uma nova diretoria para Associação.

Com alunos

Com os alunos de 1a. a 4a. séries iniciamos um trabalho alterna-
tivo, a partir da demanda de alguns professores em relação aos "alu-
nos-problema". Montamos um grupo com estes alunos para fazer teatro e
expressão plástica, segundo escolha deles próprios, eram dez alunos, e
paralelo ao trabalho semanal com eles, onde o teatro era uma estraté-
gia para discutir questões da escola como um todo e de como eles viam a
escola, foi feito um trabalho com as professoras mostrando porque
eram indisciplinados e em que o professor poderia modificar sua prátí-
ca para envolvê-los no processo de aprendizagem. O objetivo do traba-
lho foi alcançado, segundo avaliação posterior, uma vez que não pre-
tendia adaptar estes alunos mas mostrar a eles que a escola podia ser
também um local de expressão, de prazer, um espaço lúdico, e não ape-
nas um lugar de punição. As modificações feitas pelos professores em
suas atividades de sala de aula possibilitaram o entendimento de que
as atividades monótonas, o autoritarismo acabam desencadeando a indis-

ciplina e a agressividade, enquanto que a educação democrática, a possibilidade de expressar de diferentes formas o pensamento, os conteúdos contextualizados envolvem os alunos e motiva-os à aprender.

Em relação aos alunos de 5a. a 8a. séries, discutimos o tema Educação, (psicologia e orientação) montamos um texto para devolver aos alunos as questões colocadas por eles nas primeiras conversas e iniciar um processo de discussão que seria feito pela Orientadora (o texto é o anexo 10), infelizmente a Orientadora não deu prosseguimento ao trabalho, as discussões iniciais foram muito boas e mostraram como os alunos percebiam a escola e como podiam contribuir com suas sugestões para que este espaço fosse mais democrático.

III.2.d. TRABALHO ESPECÍFICO NA ESCOLA - 1987

De acordo com as avaliações feitas pelos professores ao final do ano de 1986, montamos um Plano de Trabalho para 1987, levando em conta que os professores haviam conquistado junto à Secretaria Municipal de Educação o direito a hora permanência, ou seja os professores tinham um período livre e remunerado para estudos.

Das avaliações de 1986 pudemos perceber algumas prioridades uma vez que ficava mais evidente o distanciamento entre o discurso dos professores e suas práticas, havia falta de comunicação, de participação, de profissionalismo e de comprometimento. Para a grande maioria dos professores mudar significava introduzir "técnicas" (brincadeiras) que permitissem que o aluno falasse, e a mudança que propunhíamos implicava em visão de mundo, de aluno, de escola e de educador-trabalhador social que opta por uma classe social, que opta pela transformação

da sociedade que aí está, e para isto é preciso repensar tudo: metodologia, conteúdo, avaliação, relação professor-aluno, relação professor-especialistas, e para que esta transformação comece é preciso que se considere além das questões sociais, econômicas e políticas, o processo de desenvolvimento humano relacionado a aprendizagem, uma vez que o desenvolvimento das estruturas de pensamento não se dão ao acaso, mas num processo contínuo. Enquanto educadores poderão contribuir para que o pensamento seja fragmentado quando a prática é compartimentalizada e distante da realidade do aluno. Mas também poderão contribuir para uma estruturação do pensamento global se partir da reflexão, da visão histórica, da explicitação das contradições, de uma metodologia comprometida com o homem histórico e social.

Neste ano de 1987, o corpo docente se renovou, mudou também a direção da escola. Entraram dez professores novos (eram todos de Curitiba, quase recém formados e professores de 5a. a 8a. séries). Embora inicialmente tivessem apenas a certeza de que "não ensinar da forma como foram ensinados" (fala de um destes professores), tinham uma grande disponibilidade para discutir, para ler, para repensar a educação, para experimentar, tinham em comum um grande entusiasmo pelo trabalho e uma relação democrática e afetiva com os alunos, "eu os entendo porque estamos muito próximos, é fácil ficar no lugar deles porque estive lá há tão pouco tempo..." (fala de um destes professores sobre sua relação com os alunos). Estes professores queriam fazer um trabalho que se destacasse do trabalho tradicional de sala de aula, queriam estruturar uma prática comprometida com a classe trabalhadora.

Para ocupar o cargo de direção dois professores se candidataram e apresentaram propostas de trabalho muito diferenciadas, os professores

escolheram o que tinha uma proposta progressista, embora esta eleição tivesse sido simbólica, pois o diretor foi escolhido pelo Secretário de Educação, a indicação dos professores foi respeitada, o que veio a favorecer o comprometimento dos professores com uma proposta de educação mais progressista e também clarear um pouco mais as diferentes posturas que coexistiam na escola.

Em função de tudo isto o plano de trabalho de 1987, além de dar continuidade ao trabalho já em andamento em 1986, priorizava a discussão do sistema de avaliação, da alfabetização e as reuniões por disciplina com os professores de 5a. a 8a. séries.

Avaliação era um tema em evidência, uma vez que o índice de re-provação beirava 50% nas 1as. e nas 5as. séries, nas reuniões de 1986 o tema alfabetização havia aberto caminho para redefinição, na primeira reunião de 1987 as professoras de 1as. séries questionavam a quantidade de alunos na sala e recusavam-se a usar cartilhas, pediam materiais pedagógicos variados e livros de literatura infantil.

Ao final do ano os professores de 1a. a 4a. séries avaliaram o trabalho:

"Este foi o primeiro ano que lecionei que tive crescimento profissional. Tive a oportunidade de libertar-me e fazer com que os alunos aprendessem aproveitando o que eles sabem, as redações foram muito mais ricas."

"Sinto que neste ano estivemos mais entrosadas professores e especialistas, exceto a orientação, sinto que meu trabalho é valorizado."

"É muito bom trabalhar numa escola na qual os especialistas se preocupam com os alunos, professores e com a aprendizagem."

"Neste ano modificamos muito a prática especialmente as avaliações, os alunos tornam-se mais responsáveis pois participam mais de to-

do o processo"

"Estive confusa no início do ano, mas com as reuniões constantes fiquei mais segura e agora posso dizer que mudei minha prática e perdi o medo de errar."

"Nossos encontros permitiram trocar opiniões e discutir dúvidas, mudamos bastante nossa maneira de trabalhar."

"Os encontros por séries favorecem a troca de idéias, e os especialistas parecem estarem propondo uma escola realmente democrática."

"Neste ano decidimos mudar o trabalho de alfabetização. No início não foi fácil, mas com os vários encontros que tivemos e com a colaboração da coordenadora e da psicóloga pudemos desenvolver um bom trabalho. Pude constatar uma grande evolução na aprendizagem das crianças, elas viveram mais experiências e desenvolveram mais a capacidade criadora e adquiriram uma visão mais global das coisas que as cercam."

"Sinto que renasci na maneira de pensar e trabalhar."

"Hoje nossos alunos tem mais liberdade, dizem o que pensam, dão sugestões e principalmente veem valorizados suas experiências anteriores."

"O planejamento em conjunto, as discussões em termos da avaliação, as reuniões onde trocamos experiências foram muito importantes."

"Este foi um ano de muito crescimento, o espírito de grupo esteve presente, estamos preocupados com a educação e conseguimos superar as briguinhas pessoais, tivemos muitos momentos de reflexão e hoje podemos nos respeitar como profissionais, ainda sinto que o trabalho de coordenação deixou a desejar, mas trabalhei com muita seriedade e tenho muitas propostas para o próximo ano." (Coordenadora)

De forma geral pudemos crescer profissionalmente, percebemos que a questão de entrosamento tão em pauta desde o ano anterior passou a

não ser significativa, isto se deu por que o relacionamento profissional superou as questões pessoais, percebemos que havia mais respeito e valorização do trabalho e mais trocas também. Talvez tenha sido porque o grupo começou a ter mais clareza da proposta de trabalho e a identificar-se com ela, ou seja fazer a opção pela transformação e isto não surgiu por acaso mas pela relação de trabalho, pelo comprometimento com a escola e com os alunos.

Faltou ainda um projeto pedagógico sistemático, mas tínhamos condições de realizá-lo tanto teórica quanto praticamente.

Este ano houve algum avanço em termos de consciência, e bastante reflexão sobre a prática.

1988 seria o ano de entrar com os trabalhos específicos de psicologia, tantas vezes deixados de lado em função das condições mais básicas que não estavam resolvidas, seria o momento de aprofundar as discussões em torno do desenvolvimento infantil, da estruturação do pensamento, das dificuldades de aprendizagem. Já havia um espaço de trabalho conquistado, entrosamento profissional e algumas opções por um projeto pedagógico democrático.

Neste ano de 1987 foram muitas as reuniões, tivemos sete reuniões gerais, uma de 1a. a 8a. série (funcionavam em turnos diferentes), três de 1a. a 4a. séries e três de 5a. a 8a. séries. Além destas reuniões gerais (onde eram tratados os assuntos mais gerais e de interesse de todo o grupo), tínhamos reuniões com professores de 1a. a 4a. séries por série, eram mensais, e reuniões de estudos nos horários permanência (semanais), e reuniões com professores de 5a. a 8a. séries por disciplina, e nos horários permanência para elaboração de textos e

estudos.

Tivemos também uma reunião com professores de 1a. a 8a. séries, com dois professores da Universidade Federal do Paraná, para discutir avaliação.

Aconteceu o primeiro Conselho de Classe com a participação dos alunos, ao final deste conselho todos avaliaram, vale a pena vermos algumas falas:

"Esta foi a primeira vez que participei de um conselho de classe e tive uma decepção, eu vi que no conselho os professores não entram num acordo, só discutem. Não concordo que alguns professores critiquem o professor de português porque no começo do ano eu não sabia fazer redação, mas acho que o professor está certo, porque agora eu sei escrever, acho que todos os professores deveriam trabalhar como ele. (aluno de 5a. série)

No conselho havia sido apresentado um histórico, mostrando como os alunos haviam conquistado o direito de participar, e os professores de Língua Portuguesa tiveram um espaço para colocar em discussão a proposta de trabalho do grupo. A maioria deles estava realmente questionando o ensino de Língua Portuguesa e construindo uma prática alternativa, fundamentavam-se numa teoria linguística e pretendiam entre outras coisas superar o ensino mecânico da gramática, por isto estes professores haviam sido criticados e desrespeitados por alguns professores de outras disciplinas que diziam aos alunos que "estes professores de português não fazem nada e ganham como nós." (relato de alguns alunos). Como a contradição entre os professores progressistas e reacionários ficava encoberta pelos discursos, este era o momento de explicitar as diferenças e inclusive desmistificar para os alunos a figura do Professor, da harmonia da escola, e por isto ficou definido

pela equipe de especialistas e pelos professores que este grupo de Língua Portuguesa teria um espaço no conselho para explicitarem suas propostas, a idéia era que houvessem outros momentos em que outros professores de cada disciplina pudessem fazer a mesma coisa, porém neste momento o grupo de Língua Portuguesa era o mais organizado e dos seis professores, quatro trabalhavam com a mesma proposta progressista, e as outras duas não estudavam há muitos anos, não tinham o hábito de ler nada, não defendiam nem criticavam, calavam-se sempre.

NO comentário do aluno de 5a. série que vimos logo atrás havia a desmistificação do professor, pois percebera que as relações não eram harmônicas e havia a defesa de uma proposta de trabalho que valorizava a expressão, respeitava o aluno e que ele percebia distinta de outras. Vamos ver outros comentários:

"Antes eu imaginava que os professores eram todos unidos, hoje descobri que não são, os professores disseram que a professora de português manda ler e dá nota, pois quero dizer que minha professora avalia muito bem, eu não sabia fazer textos e agora sei muito bem, eu e alguns amigos montamos até uma peça de teatro e apresentamos para vocês professores. Estou muito feliz por ter uma professora como ela, espero participar dos próximos conselhos." (Aluno de 6a. série)

"Só porque o professor está mudando o jeito de ensinar, não significa que ele está fazendo do aluno uma cobaia, ele deve ter estudado para isto, espero participar dos próximos conselhos e que os professores aprendam a se respeitar." (Aluno de 7a. série)

Durante o conselho havia sido dito que os professores de Língua Portuguesa estavam utilizando os alunos como cobaias e estes mostraram que a experiência que estavam fazendo já havia sido feita antes em ou-

tros lugares, havia pesquisas mostrando que o trabalho dava os resultados esperados, e era fundamentada numa teoria linguística.

"Este conselho foi diferente porque nós alunos participamos, porque todos falaram, criticaram e os professores de Português contaram o que fazem, foi bom participar deste conselho. Não concordo com a crítica feita aos professores que estão trabalhando diferente, eles só estão ajudando cada aluno a não ser tão inibido, a aprender a ler, a falar sem medo." (Aluno da 8a. série)

Também os professores avaliaram o Conselho e nestas avaliações estão presentes os dois lados, ou seja os professores progressistas, democráticos e os professores reacionários e autoritários.

Vejamos alguns depoimentos:

"Tudo que aconteceu me levou a crescer mais dentro do espaço a mim destinado como profissional, valeu a pena apesar de ser a duras penas." (Professora de Língua Portuguesa).

"Deixou muito a desejar, a postura da psicóloga que deveria atuar para que os professores chegassem a um denominador comum, mas ela manteve firme posição de defesa da proposta destes professores de português, e parece que os membros da administração também estão do lado da psicóloga. Não sei porque não colocam de imediato no edital 'a partir de hoje a avaliação vai ser conforme a seguir...ao professor cabe cumprir as determinações inquestionáveis.' Deveríamos formar o grupo dos Bocas-fechadas." (Professor de Educação Moral e Cívica)

Este depoimento vem mostrar que o papel do psicólogo escolar que se coloca como trabalhador social e portanto agente de mudanças, não pode ser o papel de conciliador, ao contrário cabe também a ele acirrar as contradições e defender uma proposta de educação transformadora, de discordar de práticas autoritárias e as denunciar, e se este

professor fosse o diretor da escola certamente se utilizaria de decretos como ele mesmo sugere no seu depoimento, mas naquele momento da escola as questões que surgiam eram discutidas em reuniões, com a presença inclusive de alunos, o que muitos professores consideravam ultrajante.

"O que valeu neste conselho de classe foi, sem dúvida, a tentativa de mudança da prática de sala de aula, e o posicionamento da administração da escola. A participação dos alunos representantes foi de uma validade indiscutível... Foi ótima a apresentação dos colegas da área de Português com relação ao trabalho por eles desenvolvido. Os conflitos que surgiram foram em função da falta de ética de alguns colegas. Aproveito a oportunidade para colocar que não dá mais para disfarçar o conflito que existe há muito tempo entre as correntes tradicional e transformadora dos professores, e que isto tenha sido demonstrado aos alunos foi muito oportuno. Chega de tapar o sol com a peneira... Para a equipe de especialistas: a coordenação do Conselho foi muito boa, vamos continuar tentando." (Professor de História).

O conflito entre uma prática conservadora, autoritária, onde o lugar de aluno é de mero espectador e do professor dono do saber e uma prática progressista cogestionada por todos os membros da escola foi ficando cada vez mais evidente.

III.2.e. TRABALHO ESPECÍFICO NA ESCOLA - 1988

Em 1988 houve Concurso Público para professores do município de Araucária, em função deste concurso mudou bastante o quadro de professores da escola pois a escolha de vagas foi feita em função das médias alcançadas pelos professores, foi necessário então considerar além da

avaliação de 1987, entrevistas feitas no início de 1988 e reuniões gerais com professores de 1a. a 8a. séries para montar o Plano de trabalho de 1988.

Este plano vale a pena ser anexado em sua íntegra, pois traz as primeiras tentativas de organizar um projeto pedagógico para a escola. (anexo 11).

Em 1987 os alunos de 5a. a 8a. séries haviam conquistado, com o apoio dos professores mais progressistas e dos especialistas (diretor, coordenadora, orientadora e psicóloga), o direito à participação de dois representantes de cada turma no conselho de classe, que foi o último do ano.

Em 1988, no primeiro conselho de classe os professores mais conservadores proibiram a participação dos alunos, a direção e orientação recuaram e não permitiram que os alunos participassem ainda que houvessem protestos dos professores mais progressistas, da coordenadora e da psicóloga e dos próprios alunos.

Desta vez os alunos inconformados fizeram um manifesto (durante a tarde em que se realizava o conselho) e anexaram na porta da sala de reuniões, assinado por todos os alunos de uma 8a. série e alguns de outras séries.

O manifesto é o que se segue e foi apenas transcrito aqui sem correções ou alterações:

"POR GENTILEZA? LEIAM.
AQUI VAI O NOSSO DESABAFO.

No dia 06 de maio de 1988, dia em que aconteceu o CONSELHO DE CLASSE. Só que o que aconteceu foi uma verdadeira palhaçada. Logo que chegamos ao colégio, todos foram barrados, pois nós não podíamos participar do tal conselho. O que nos assustou, foi que no ano

passado os representantes de turmas foram convidados à participar. E hoje nos é tirado este direito. Ao sabermos que, não participaríamos da Reunião do CONSELHO, ficamos ali parados, esperando que os professores mudassem de atitude. Foi totalmente em vão. O que vimos foi apavorante. Na tal reunião do CONSELHO ou melhor naquela palhaçada, pois os professores pareciam que estavam num circo. Gargalhadas não faltaram, virou até pique-nique, os professores tiveram até tempo para fazer seu lanchinho.

O que nos machucou mais, foi saber que a maioria dos professores não concordaram com a nossa presença.

É. Eles estavam sendo dominados por um cabeça, o novo Hitler, o que Ele diz é certo. É pena que muitos professores estejam do lado dele e contra nós. Mas o que nos anima a continuar na luta, é o apoio encontrado em outros professores. É bom saber, que pelo menos alguns concordam com nossas idéias.

Será que certos professores são tão covardes assim?... Que não tem coragem para ouvir o que temos para dizer?... Com a atitude que tomaram, barrando-nos na entrada do CONSELHO, é essa a conclusão que chegamos, pois se o professor chama a atenção de um aluno, na frente de seus colegas, porque ele não pode nos ouvir na frente de seus colegas professores? Se vocês pensam que há diferenças entre vocês professores e nós alunos estão enganados.

Achamos até que somos melhores, nós tivemos a chance de participar somente de um conselho. E o que vimos professores quase ser pegando no tapa, por causa de fofocas. Talvez vocês tenham ficado com vergonha, pois nunca mais iremos ver baixaria maior.

Vários professores falaram de seus alunos, com certeza ofendendo até. E nós lá fora sem poder nos defender. Só escutando as abobrinhas faladas. Por que então os professores não nos dizem na cara, que não estamos agradando? Não eles esperam pelo CONSELHO DE CLASSE, lá eles podem nos malhar, e nós não podemos fazer nada. Pois não é permitido a entrada de alunos no CONSELHO. Disseram até que nós não participaríamos nunca que é mentira, pois mais tarde esta pessoa diz que, somente neste CONSELHO que não íamos participar.

Queremos dizer só mais uma coisa: Nós vamos continuar na luta, e temos a certeza que essa

guerra nós vamos ganhar. Está na hora dos professores saberem, que não temos apenas deveres mas sim direitos." (ASSINATURAS DE 31 ALUNOS)

As reações dos professores ao manifesto foram divididas, o que deixou mais uma vez explícita a prática defendida por cada grupo de professores. Os professores reacionários, autoritários, ficaram extremamente ofendidos e exigiam uma reunião com todos os alunos que haviam assinado o manifesto, onde pretendiam repreendê-los pela atitude. A reunião foi marcada porém com a participação de todos os professores (os que haviam se ofendido e os que não se ofenderam), logo no início o Diretor fez uma colocação mudando o seu caráter inicial (de repreender os alunos):

"O documento serviu para refletirmos bastante sobre a nossa caminhada dentro de uma proposta de Educação transformadora. Este é um momento importante e precisamos nos unir para que a nossa proposta de Educação cresça."

Um aluno indagou: "Porque alguns professores ficaram ofendidos?"

Alguns professores disseram que se ofenderam com as palavras usadas, que não são palhaços e que os alunos não sabiam o que estavam dizendo.

Outros alunos se manifestaram:

"A impressão que a gente tem é que os professores acham que nós não temos nada na cabeça. O que queremos é conquistar um espaço no Conselho de Classe que aliás já era nosso, queremos um espaço de participação."

"O modelo de Conselho de Classe que nós temos é que os professores se reúnem para pixarem os alunos."

"O documento foi a gota d'água, os problemas são anteriores, queremos ter mais atenção,

mais diálogo, às vezes temos problemas com professores e eles se recusam a nos ouvir, como aconteceu com um professor que se negou a vir conversar conosco sobre os problemas que temos com ele, e temos motivos para chamá-lo de novo Hitler, é assim que ele trabalha conosco..."

"Conseguimos ter uma reunião com vocês professores. Se vocês forem conscientes temos cabeça para conversar e queremos outras reuniões. Vocês deveriam aproveitar e fazer também reuniões de todos os professores com todas as outras séries."

"Existe professores que acusam outros professores, dizem que fomos influenciados, que foi um professor que escreveu o documento para nós, estes professores acham que somos incapazes de pensar, fomos nós que escrevemos, relemos juntos e todos que concordaram assinaram, não estamos arrependidos, e vamos continuar a luta."

"Alguns professores dizem que o professor ... fica namorando as meninas ao invés de dar aula, não admitimos isto pois o professor ... é um dos poucos com quem podemos realmente dialogar, que pratica uma educação transformadora (como vocês falam), estes professores que ficam fazendo fofocas na sala, respondem com um 'cala-a-boca' quando perguntados sobre nossas dúvidas, dizem que são eles que mandam e que devemos nos colocar no nosso lugar, qual é o nosso lugar? Nós entendemos que é participando de tudo que acontece na escola".

Como proposta da reunião ao final, ficou o pedido de participação no próximo Conselho, e a resposta de comprometimento do Diretor foi:

"Sou democrático, sempre lutei pela democracia, sou aberto ao diálogo... Não posso virar às costas a democracia. Não vou tomar atitudes autoritárias. Se for para ser autoritário prefiro me demitir."

Pouco tempo depois desta reunião os alunos organizaram um Grêmio Estudantil e através do Grêmio garantiram o espaço de participação no Conselho e em todas as reuniões da escola.

Consideramos importante ater-nos a este conflito porque foi um momento de explicitação das contradições, ficou muito claro para toda a escola que havia pelo menos dois grupos, ou seja os professores que lutavam por uma prática realmente transformadora como estava escrito no plano de trabalho da escola e da Secretaria de Educação, portanto tinham a prática coerente com o discurso, e contra estes haviam os que se organizavam para manter o poder autoritariamente, tentando inclusive "fazer a cabeça" dos alunos, amedrontando, fofocando e desrespeitando os colegas professores. Estes representavam os que não admitiam sequer que houvessem práticas diferentes das suas, eram os professores que estavam a mais tempo na escola e que eram os mais velhos em termos de faixa etária e de tempo de trabalho, alguns esperavam a aposentadoria, eles tentavam desmoralizar o trabalho dos professores que estavam a pouco tempo na escola e que também eram os mais jovens, uma vez que estas práticas mexiam com a estrutura da escola (alunos começavam a reivindicar direitos), eles queriam manter o poder, temiam serem obrigados a modificar suas práticas. Havia por exemplo uma professora que dizia que suas aulas estavam dentro de uma proposta transformadora, porém um aluno veio nos mostrar o seu caderno, a disciplina era história e o caderno tinha apenas questionários corrigidos com caneta vermelha, em três cadernos diferentes haviam as mesmas perguntas com as mesmas respostas, o que parece sugerir que as aulas eram ditadas pela professora e copiadas pelos alunos, e mais os questionários eram tirados de um livro didático sendo as respostas iguais ao manual do professor.

Havia portanto nas reuniões pedagógicas uma tentativa destes professores que estamos denominando reacionários, de parecerem progres-

sistas, de ocultarem as contradições, portanto não aparecia nas reuniões pedagógicas (de planejamento, de discussão de textos) grandes controvérsias, eles diziam que faziam grupos, que pesquisavam com os alunos, e outras coisas que poderia dar a entender que suas práticas eram progressistas, ou eles se calavam simplesmente, porém nos conselhos de classe ficavam mais evidentes suas posturas, uma vez que falava-se de alunos; e a forma como falavam dos alunos clareava a forma como os avaliavam e portanto como eram suas práticas, por este motivo consideramos importante este episódio com a 8a. série, foi também o momento em que os professores reacionários declararam "guerra" aos professores progressistas.

Infelizmente suas semanas após a reunião com a 8a. série, e quando as contradições estavam mais evidentes, quando ajudávamos na organização do Grêmio e tínhamos cinquenta minutos semanais com a 8a. série, a pedido desta, para discussão de assuntos de interesse deles, que variava de questões sobre sexualidade, adolescência, política, organização estudantil, etc. Quando os professores estavam com o horário permanência (uma tarde por semana para ficarem na escola fora da sala de aula) o que possibilitava reuniões por disciplina, neste espaço começávamos a construir um projeto pedagógico para escola, havíamos colocado no papel o projeto e contactamos com alguns professores da Universidade Federal do Paraná que nos dariam assessoramento para assuntos específicos como avaliação, conteúdo de disciplinas, política educacional. Neste momento em que parecia que começávamos a sistematizar a prática fomos demitidos junto com alguns professores "coincidentemente" os progressistas, não houve nenhuma demissão do grupo reacionário da escola, embora nem todos os professores progressistas tenham

sido demitidos, os que ficaram continuaram com a proposta de educação transformadora e lutam ainda para modificar a escola, conseguiram avanços sem dúvida. A demissão aconteceu em função da participação em uma greve dos funcionários públicos da Prefeitura de Araucária.

IV-CONCLUSÃO

Durante os anos de 1986, 1987 e 1988 o trabalho seguiu o mesmo caminho, sendo ampliado, refletido, reformulado sempre. Éramos em quatro psicólogas, trabalhando na Prefeitura de Araucária, com a mesma proposta de Psicologia Escolar, não conhecíamos nenhum trabalho de psicologia que fosse como o nosso (que tivesse a mesma fundamentação teórica e colocasse desafios parecidos aos que enfrentávamos), fomos construindo a nossa prática cheias de dúvidas e com uma única certeza, a de que não queríamos a psicologia que discrimina, que rotula, que concilia as contradições. Nós nos reuníamos semanalmente e discutíamos a atuação de cada uma, fazíamos leituras e elaborávamos estratégias para superar as dificuldades que encontrávamos em cada local de trabalho. Em alguns momentos trabalhávamos juntas montando e executando projetos que se estendiam aos professores, alunos e especialistas de todo o município, como por exemplo os projetos para professores de 5a. a 8a. séries (Anexo 12), projetos com alunos (Anexo 13). Nestes encontros semanais da equipe de Assessoramento Psicopedagógico aproveitávamos ainda para montarmos textos para discutirmos assuntos que surgiam nas escolas em que atuávamos como por exemplo o texto sobre Psicometricidade (Anexo 14).

O trabalho foi interrompido em maio de 1988, em função de uma greve dos funcionários da Prefeitura Municipal de Araucária, é importante assinalar que foi a primeira greve da história da Prefeitura e houve grande adesão por parte dos professores, grande parte das escolas pararam completamente, logo no primeiro dia de greve saiu uma lis-

ta de demissões na qual meu nome estava incluído, posteriormente as outras três psicólogas foram também demitidas.

Cremos que houveram muitos avanços e podemos assinalar alguns que observamos pessoalmente e outros que soubemos depois através da coordenadora da escola e de alguns professores com quem mantemos contatos. Os professores de 1as. séries, que utilizavam cartilha sem qualquer questionamento, recusaram-se a usá-las, substituindo-as por livros de literatura infantil, e outros materiais alternativos, passaram a questionar a prática da sala de aula e a fazerem leituras, passaram a utilizar recursos para o ensino de leitura e escrita, alguns envolveram-se nas discussões da Ciclo Básico promovidas pela Secretaria Estadual de Educação em Curitiba.

Alguns dos professores de 1a. a 4a. séries voltaram a estudar, prestaram vestibular para pedagogia e estão cursando atualmente.

Embora não fosse "novidade" nem "exclusividade", nossa proposta de trabalho contribuiu grandemente para mudanças posteriores como eleição de diretores, encontros de professores para aperfeiçoamento, participação do Grêmio em reuniões dos estudantes secundaristas; ampliação do quadro de especialistas no município, maior investimento nos professores, realização de concursos, formação de Associação dos Professores, entre outras mais específicas, certamente mudamos nós e mudaram eles e crescemos ambos.

Quanto a nossa proposta haviam os que se identificavam com ela e buscavam conhecer, discutir, ampliar. Havia os que resistiam à ela e se fixavam numa visão conservadora de educação e combatiam a proposta algumas vezes em reuniões e muitas vezes nos corredores da escola. Também havia os "indiferentes", não concordavam, não discordavam, não

discutiam, simplesmente não se manifestavam. Mas alguma semente dela ficou em todos sem dúvida.

Queremos anexar ainda um trabalho que escrevemos para um Encontro de Psicologia que sintetiza o que aqui relatei. O trabalho foi denominado "Psicólogo Escolar: Trabalhador Social" e foi escrito em co-autoria com Andrea Vieira Zanella. (Anexo 15).

Todo o trabalho desde o início esteve fundamentado na visão de mundo do materialismo dialético, entendemos que o homem se constrói na medida em que constrói o mundo que o cerca e o processo de transformação da realidade é lento, irregular e passa por microtransformações, o que conseguimos com o nosso trabalho foram estas microtransformações.

Estes três anos de trabalho em Psicologia Escolar só vieram confirmar que é possível fazer uma Psicologia transformadora; social na instituição escolar, que é possível mudar lentamente a visão de psicologia e de educação a partir de um árduo trabalho de conscientização onde cada membro da instituição possa ver-se enquanto agente de mudança e a partir destas microtransformações ocorrem mudanças qualitativas.

Existe uma proposta prática, concreta de trabalho que vai de encontro às necessidades dos membros da escola, no entanto não para conservar tudo da forma como sempre esteve mas para transformar esta realidade.

Infelizmente as mudanças propostas pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) são mudanças apenas de fachada, é mudar para não mudar, quando uma proposta de trabalho pretende realmente a transformação da sociedade é incompatível com este governo e ocorrem as demissões em massa como em qualquer governo autoritário.

AJURIAGUERRA, J. de et alii. A escrita infantil: evolução e dificuldades. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Lisboa, Presença, 1974.

ANDRADE, Manuel C. de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo, Atlas, 1987.

ARGUINSKAYA, I. et alii. La enseñanza y el desarrollo. Moscou, Editorial Progreso, 1984.

BELOTTI, Elena G. Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher. 5a. ed., Petrópolis, Vozes, 1985.

BERGER, Peter I. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. 5a. ed., Petrópolis, Vozes, 1983.

BETTELHEIM, Bruno & ZELAN, Karen. Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. 6a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

----- . Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. RJ, Civilização Brasileira, 1983.

BRANDÃO, Carlos R. A educação como cultura. SP, Brasiliense, 1985.

----- . Educação popular. 5a. ed., SP, Brasiliense, 1985.

----- . Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador. 2a. ed., RJ, Graal, 1985.

----- . Saber e ensinar: três estudos de educação popular. Campinas, Papirus, 1984.

BRANDÃO, C.R. & BEZERRA, Aída (orgs.) A questão política da educação popular. 5a. ed., SP, Brasiliense, 1985.

CADERNOS CEDES, . Especialistas do ensino em questão. SP, Cortez, (6), 1984

-----, Supervisão Educacional: Novos Caminhos. SP, Cortez, (7), 1983.

-----, Educação Pré-Escolar: Desafios e Alternativas. SP, Cortez, (9), 1985.

-----, A prática do ensino de história. SP. Cortez, (10), 1985.

-----, Recuperando a alegria de ler e escrever... SP. Cortez, (14), 1985.

CANAL, P., GARCIA, J. E. & PORLÁN, R. Ecología y escuela: teoría y práctica de la educación ambiental. Barcelona, Laia, 1981.

CECCON, Claudius, OLIVEIRA, M.D. & OLIVEIRA, R.D. A vida na escola e a escola da vida. Petrópolis, Vozes/IDAC, 1982.

CHARLOT, Bernard. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. RJ, Zahar, 1983.

COELHO, Ildeu M. A questão política do trabalho pedagógico. In: O educador: vida e morte. 6a. ed., RJ, Graal, 1985.

D'AMBROSIO, Ubiratã. Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática. SP, Summus/Ed. da Unicamp, Campinas, 1986.

DANTAS, Pedro da Silva. Para conhecer Wallon: uma psicologia dialética. SP, Brasiliense, 1983.

DUARTE JR. João Francisco. Por que arte-educação? 2a. ed., Campinas, Papirus, 1985.

DUARTE, Newton. O ensino de matemática na educação de adultos. SP, Cortez, 1986.

DURAND, José C. Garcia. Educação e hegemonia de classes: a função ideológica da escola. RJ, Zahar, 1979.

Educação e Sociedade, SP, Cortez Editores Associados, 3(8):5-144, 1981.

ESCOBAR, Carlos H. et alii, As Instituições e os discursos. In Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 35:3-33, 1974.

ENGELS, Friedrich, O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: universidade popular, SP, Global, 4:9-27, 1982.

FAURE, Gerard & LASCAR, Serge, O jogo dramático na escola primária. Lisboa, Editorial Estampa, 1979.

FEIL, Iselda T. S. Alfabetização - um desafio novo para um novo tempo. 3a. ed., Ijuí, Vozes/FIDENE, 1983.

FEIL, Iselda T. S. & LUTZ, A. Conteúdos Integrados: Proposta Metodológica para as séries iniciais do ensino de 1º grau. Petrópolis, Vozes/FIDENE, 1985.

FERREIRA, Idalina L & CALDAS, S. P. S. Atividades na pré-escola. 9a. ed., SP, Saraiva, 1985.

FERREIRO, Emilia, Alfabetização em processo. SP, Cortez Editora - Autores Associados, 1986.

FERREIRO, Emilia & PALACIO, Margarita Gomes, Os processos de leitura e escrita: Novas perspectivas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana, Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

FLEURI, R. M., Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. Goiânia, Universidade Federal de Uberlândia, 1986.

FONSECA, Vítor da, Educação Especial. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

-----, Filogênese da Motricidade: Abordagem Bioantropológica do desenvolvimento humano. Lisboa, Edições 70, 1982.

-----, Psicomotricidade. SP, Martins Fontes, 1983.

FONSECA, Vítor da & MENDES, Nelson, Escola, escola quem és tu? Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

FRACALANZA, H & AMARAL, I. A. ; GOUVEIA, M. S. F. O ensino de Ciências no primeiro grau. SP, Atual, 1986.

FREINET, Celestin, A leitura pela imprensa na escola. Lisboa, Dinalivros, 1977.

-----, O método Natural I: a aprendizagem da língua. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

-----, O método Natural II: a aprendizagem do desenho. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

-----, O método Natural III: a aprendizagem da escrita. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

-----, Pedagogia do Bom Senso, S.P., Martins Fontes, 1985.

FREINET, Élise, Nascimento de uma pedagogia popular: os métodos Freinet, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.

-----, O itinerário de Celestin Freinet: a expressão livre na pedagogia Freinet. Lisboa, Livros Horizonte, 1983.

FREIRE, Madalena, A paixão de conhecer o mundo, 2a. ed., R.J., Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo, Ação Cultural para a liberdade e outros escritos, 6a. ed., R.J., Paz e Terra, 1982.

-----, Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Introdução ao Pensamento de Paulo Freire, S.P., Moraes, 1980.

-----, Educação como prática da liberdade, 15a.ed. R.J., Paz e Terra, 1984.

-----, Educação e Mudança, 8a.ed.R.J., Paz e Terra, 1983.

-----, Pedagogia do Oprimido, 13a.ed. R.J., Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antonio, Por uma pedagogia da pergunta, R.J., Paz e Terra, 1985

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio, Aprendendo com a própria história, R.J., Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio, Sobre Educação (Diálogos), 2a.ed. vol.I, R.J., Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio, Sobre Educação (Diálogos), 2a.ed. vol.II, R.J., Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano & MAZZA, Débora & (orgs), Fazer Escola conhecendo a vida, Campinas, Papirus, 1986.

FREIRE, Paulo & ROSISKA, Miguel et alii, Vivendo e Aprendendo: experiências do IDAC em Educação Popular, 7a. ed., S.P., Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira, Medo e Ousadia: o cotidiano do professor, R.J., Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Bárbara, Escola, Estado e Sociedade, 4a. ed. S.P., Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir, A educação contra a educação, 3a. ed. R.J., Paz e Terra, 1984.

-----, Concepção Dialética da Educação - Um estudo introdutório, 3a.ed., S.P. Cortez Editores Associados, 1983.

-----, Educação e Compromisso, Campinas, Papirus, 1985.

-----, Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito, 7a.ed., S.P. Cortez Editores Associados, 1987

GADOTTI, Moacir & FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio, Pedagogia: Diálogo e Conflito, S.P., Cortez Autores Associados, 1985.

GERALDI, J. W. (org.) O texto na sala de aula: Leitura e Produção, 2a. ed., Cascavel, Assoeste Editora Educativa, 1985.

HERANS, Carlos & PATINO, Enrique, Teatro y escuela, Barcelona, Editorial Laia, 1983.

KRAMER, Sonia (org.) Alfabetização: Dilemas da prática, RJ, Editora Dois Pontos, 1986.

KRAPIVINE, V. Que é materialismo dialéctico? Moscovo, Edições Progresso, 1986.

LANE, Silvia T. M. & CODO, Wanderley, et alii, Psicologia Social - O homem em movimento, SP, Brasiliense, 1984.

LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. Os contrastes e a descoberta das noções fundamentais, SP, Manole, 1985.

LEAL, Antonio, Fala Maria Favela: Uma experiência criativa em alfabetização, SP, Ática, 1987.

LEIF, JOseph & BRUNELLE, Lucien, O jogo pelo jogo: A atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes, RJ., Zahar Editores, 1978.

LEME, D. M. P., et alii, O ensino de Estudos Sociais no primeiro grau, SP, Atual, 1986.

LEONTIEV, Alexis, O desenvolvimento do psiquismo, Lisboa, Horizonte Universitário, 1978.

LIMA, A. F. S. O., Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Jean Piaget, Petrópolis, Vozes, 1986.

LIUBLINSKAIA, A. A., O desenvolvimento psíquico da criança, Lisboa, Editorial Estampa, 1973.

LIUBLINSKAIA, A. A., Desenvolvimento psíquico da criança, Lisboa, Editorial Notícias, 1979.

LOBROD, Michel, et alii, Modifiquemos a escola, Lisboa, Editorial Pórtico, 1978.

LOVELL, Kurt, O desenvolvimento dos conceitos matemáticos e científicos na criança, Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

LURIA, A. R., Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

MARX, K. & ENGELS, F., Textos sobre educação e ensino, SP, Moraes, 1983.

MERANI, Alberto L. A conquista da razão, RJ, Paz e Terra, 1972.

-----, Psicologia de la edad evolutiva, Barcelona, Grijalbo Editor, 1965.

-----, Psicologia e alienação, 2a. ed., RJ, Paz e Terra, 1977.

-----, Psicologia e pedagogia: as idéias pedagógicas de Henri Wallon. Lisboa, Editorial Notícias, 1977.

-----, Psicologia infantil. RJ, Paz e Terra, 1972.

MIALARET, Gaston, A aprendizagem da leitura. 2a. ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

MIGUEL, A. & MIORIM, M. A., Ensino de Matemática no primeiro grau. SP, Atual, 1986.

MIRANDA, Nicanor, Organização das atividades de recreação. Belo Horizonte, Itatiaias, 1984.

MORAIS, Regis de, Sala de aula que espaço é esse? 2a. ed., Campinas, Papirus, 1986.

NIDELCOFF, Maria Teresa, A escola e a compreensão da realidade. 2a. ed., SP, Brasiliense, 1986.

-----, Uma escola para o povo. 15a. ed., SP, Brasiliense, 1987.

NOSELA, Maria de L. CH. D., As belas mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos. 3a. ed., SP, Moraes, 1981.

PARIGUIN, B. D., A psicologia social como ciência. RJ, Zahar Editores, 1972.

PATTO, Maria Helena S. (org.), Introdução a psicologia escolar. SP, T.A. Queiroz, 1981.

PINTO, Alvaro Vieira, Ciência e Existência: Problemas filosóficos da pesquisa científica. 2a. ed., RJ, Paz e Terra, 1979.

PORQUET, Madeleine, A matemática natural no ensino infantil. Lisboa, Editorial Estampa, 1968.

RAPAZES DA ESCOLA DE BARBIANA, Carta a uma professora pelos rapazes da Escola de Barbiana, Lisboa, Presença, 1982.

RESENDE, M. S., A geografia do aluno trabalhador: Caminhos para uma prática de ensino. SP, Loyola, 1986.

ROSSI, Wagner G., Pedagogia do Trabalho: raízes da educação socialista. v.1., SP, Moraes, 1981.

-----, Pedagogia do Trabalho: Caminhos da educação socialista. v.2., SP, Moraes, 1981.

RUBINSTEIN, S. L., Princípios de psicologia geral. vol.I., Lisboa, Editorial Estampa, 1972.

SCOZ, B. J. L. & RUBISTEIN, E. & ROSSA, E. M. M. & BARONE, L. M. C.,

Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

SILVA, W. A., Cala-Boca não morreu... A linguagem na pré-escola. Petrópolis, Vozes, 1986.

STANT, Margaret, A criança de dois a cinco anos: Atividades e materiais. 2a. ed., RJ, Francisco Alves, 1985.

VÁRIOS, A pedagogia Freinet por aqueles que a praticam. Santos, Martins Fontes, 1976.

VIGOTSKY, L. S., A Formação Social da Mente. SP, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1984.

-----, Pensamento e Linguagem. SP, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

VIGOTSKY, L. S. et alii, Psicologia e Pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

VIGOTSKY, L. S. et alii, Psicologia e Pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

VIGOTSKY, L. S. & LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N., Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. SP, Editora ícone, 1988.

WALLON, Henri, As origens do caráter da criança: os prelúdios do sentimento de personalidade. Lisboa, Moraes Editores, 1983.

-----, As origens do pensamento na criança. Lisboa, Edições 70, 1989.

-----, A evolução psicológica da criança. Lisboa, Edições 70, 1981.

-----, Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Lisboa, Moraes Editores, 1979.

-----, Psicologia e Educação da infância. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

WEREBE, Maria José Garcia & NADEL-BRULFERT, J, Henri Wallon: Psicologia. SP, Editora Ática, 1986.

ENCONTRO DE PROFESSORES DO MUNICÍPIO

1.TEMA: "A ESCOLA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO"

2.JUSTIFICATIVA: Diante da realidade econômica, social e educacional vigente, propomos uma práxis educativa criadora e transformadora, que favoreça o desenvolvimento de nossas metas educacionais em que a escola funcionará como agente de transformação.

3.OBJETIVOS: Proporcionar aos participantes oportunidade de análise da visão educativa domesticadora, bancária e elitista vigente, como também, o aprofundamento de uma proposta de educação transformadora, dialógica, participativa e popular.

- Valorizar o professor como elemento fundamental e insubstituível na transformação da sociedade.
- Propiciar integração, convivência, diálogo e troca de experiências entre os educadores do município.
- Repensar a educação.

4.COORDENAÇÃO E ORGANIZAÇÃO: Fundamentadas nas características e critérios de uma Educação Transformadora será: COMUNITÁRIA, PARTICIPADA E PLANEJADA.

5.DINÂMICA OU METODOLOGIA: No interrelacionamento dialógico, os participantes buscarão juntos os caminhos de transformação reflexiva e crítica da realidade.

6.CONTEÚDOS PROPOSTOS: 1º DIA

- "Estudo sócio-econômico e educacional da realidade Latino-Americana, Brasileira, Estadual e local"
 - *Grupos, Plenária e painel.
- "O Papel da Escola frente a essa realidade"
 - *Estudo de propostas - Plenário e debate no grupo.

2º DIA

- Concretamente, como criar a partir das alternativas propostas dentro das áreas de:
 - *Comunicação e Expressão *Estudos Sociais
 - *Ciências *Administração Escolar
- Metas para 85.

7.AVALIAÇÃO+

INDICADORES	
.Objetivos alcançados	. Participação obtida
.Análise da metodologia e conteúdos	.Funcionamento Geral

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO

METAS PARA A EDUCAÇÃO DO NOSSO MUNICÍPIO (1ª a 4ª séries)

1. Entrosamento entre os professores;
2. Propiciar maior participação dos pais;
3. Professor e aluno criativo;
4. Valorização da natureza;
5. Educação através da experiência e prática;
6. Educação, não somente aprendizagem, mais valorização de atitudes e valores;
7. Educação a partir da realidade;
8. Trabalho em grupo;
9. Brincadeiras para educar;
10. Escola, um ambiente acolhedor;
11. Atuação de um professor criativo, participativo, humano, dialógico e amigo;
12. Reivindicação de mais verbas ao governo para a educação;
13. Respeito as limitações do educando;
14. Liberdade com responsabilidade;
15. Aproveitamento profissionalizante dos pais, para cursos como: tricô, cerâmica, etc...) e demonstração de suas atividades em datas comemorativas;
16. Educação sem preconceitos.

METODOLOGIA (A DESTINAÇÃO QUE QUEREMOS DAR AO EDUCANDO)

As escolas do município de Araucária, de 1ª a 4ª série, terão uma metodologia que:

- . Desenvolva uma educação de atitudes e valores embasados na criatividade, participação, diálogo, amizade, respeito, liberdade e responsabilidade;
- . Favoreça o entrosamento FAMÍLIA X ESCOLA;
- . Propicie uma educação a partir da realidade do educando, que valorize a natureza e um ambiente acolhedor na Escola;
- . Possibilite a compreensão dos direitos e deveres dos envolvidos no processo educativo, bem como o trabalho em grupo, o uso de brincadeiras para educar e uma educação a partir da experiência e de práticas.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

Departamento de Educação, Cultura e Desportos

Divisão de Educação

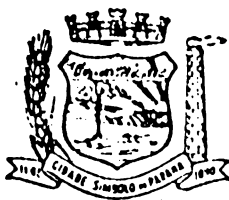
Metas Gerais de 5ª à 8ª série levantadas no Seminário sobre Educação em 1985.

- Maior participação dos pais;
- Desenvolvimento do hábito de leitura;
- Atuação de um aluno mais consciente e crítico;
- Valorização do homem como profissional
- Aperfeiçoamento de recursos humanos;
- Escola mais democrática e comunitária;
- Desenvolvimento do senso crítico e participativo;
- Atuação de um professor responsável, participativo, competente, atualizado e humano;
- Estímulo a espiritualidade e religiosidade;
- Melhor remuneração dos professores;
- Aplicar nas escolas o que foi debatido.

Metodologia (A destinação que queremos dar ao Educando).

As Escolas do Município de Araucária, de 1ª à 4ª série, terão uma Metodologia que:

- Desenvolva uma educação de atitudes e valores embasados na criatividade, participação, diálogo, amizade, respeito, liberdade e responsabilidade;
- Favoreça o entrosamento Família X Escola;
- Propicie uma educação a partir da realidade do educando, que valorize a natureza e um ambiente acolhedor na Escola;
- Possibilite a compreensão dos direitos e deveres dos envolvidos no processo educativo, bem como o trabalho em grupo, o uso de brincadeiras para educar e uma educação a partir de experiência e de práticas.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

Departamento de Educação, Cultura e Desportos

Divisão de Educação

Propostas referentes ao 1º Seminário de Pré-Escolar e
Alfabetização - Ano 1985

01. Incentivar a espontaneidade
02. Mudanças no Magistério
03. Garantir a continuidade na 2ª série
04. Encontros para continuidade
05. Assumir as situações
06. Pré-escola - relato do que foi feito
07. Garantir continuidade Pré/ 1ª série
08. Mudanças no sistema de avaliação
09. Análise da prática
10. Assumir uma nova metodologia
11. Explorar a realidade do aluno
12. Oficinas.

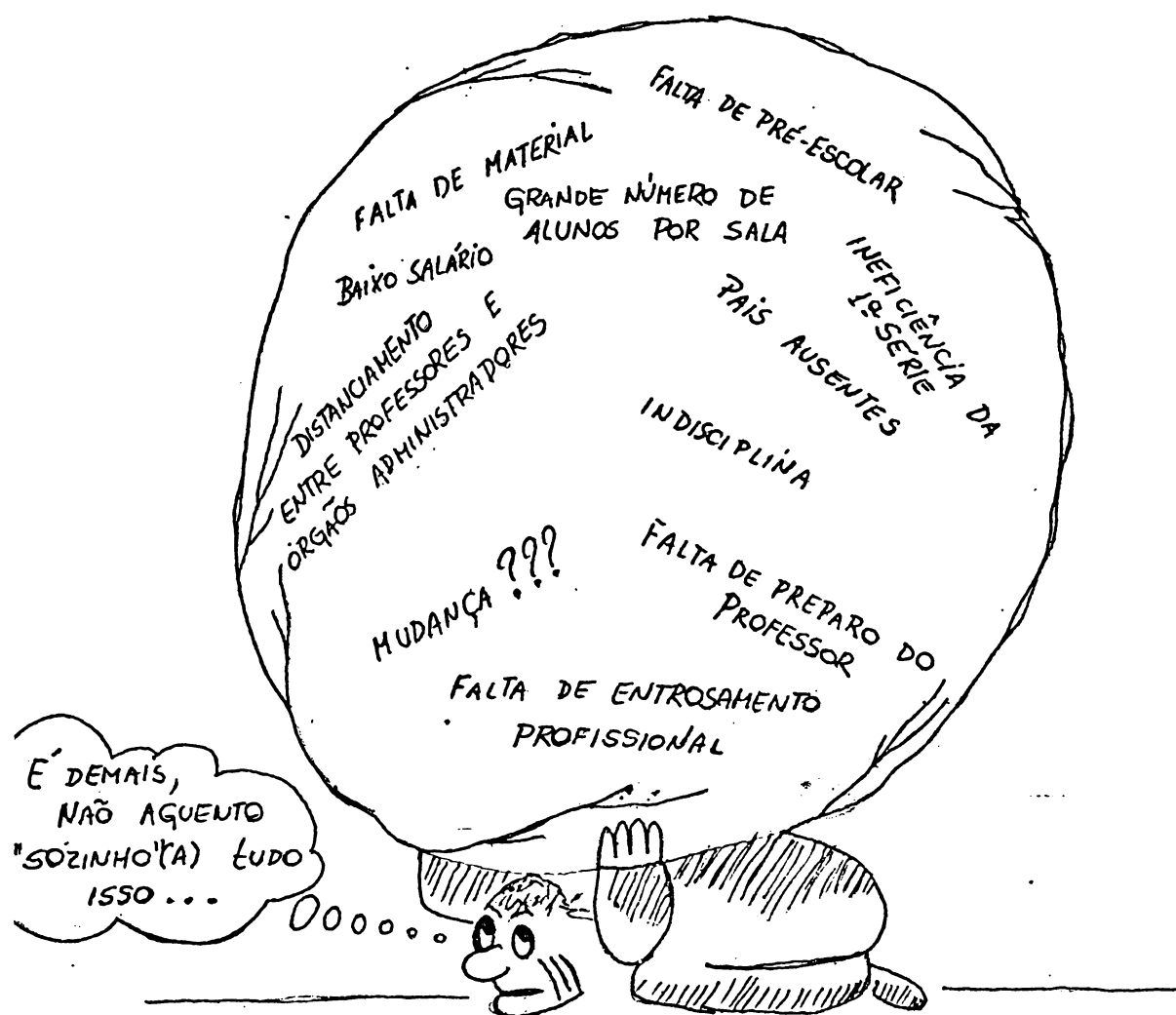
Metodologia (A destinação que queremos dar ao Educando).

As Escolas do Município de Araucária, de 1ª à 4ª série, terão uma Metodologia que:

- . Desenvolva uma educação de atitudes e valores embasados na criatividade, participação, diálogo, amizade, respeito, liberdade e responsabilidade;
- . Favoreça o entrosamento Família X Escola;
- . Propicie uma educação a partir da realidade do educando, que valorize a natureza e um ambiente acolhedor na Escola;
- . Possibilite a compreensão dos direitos e deveres dos envolvidos no processo educativo, bem como o trabalho em grupo, o uso de brincadeiras para educar e uma educação a partir de experiência e de práticas.

TEXTO REFLEXIVO

Por que está difícil ser professor(a)?



- Constatamos que esses são os problemas de todos os professores da escola Ibraim Antônio Mansur, entrevistados individualmente, e estendemos ao sistema escolar em geral.

* Será que há algo a fazer?

* Então o que fazer?

* É preciso mudar?

* O que é preciso mudar??

* Como podemos começar?

Escola Municipal Ibraim Antônio Mansur
Estágio em Psicologia Escolar

Considerações acerca do desenvolvimento humano

O desenvolvimento é um processo sem limites, onde se inter-relacionam os aspectos internos e externos do ser humano. O homem é um ser ativo e através de sua atividade transforma a natureza e a si próprio. Esse tipo de relação origina funções psicológicas, que são internalizações de atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas; ou seja, é a própria atividade humana, que é a combinação entre signos (orientação interna que ajuda o indivíduo a controlar seu comportamento e o ambiente) e instrumentos (orientação externa).

A linguagem é uma das mais importantes funções psicológicas superiores. Ela habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de problemas e tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes da sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Como no início do desenvolvimento há uma fusão do campo sensorial e motor, a linguagem tem como função a rotulação do mundo da criança. Mas como o mundo não é visto simplesmente como cor e forma, e sim é um mundo com sentido e significado, a criança vai percebendo através de suas ações e auxiliares externos as diferenças entre as situações. Com isso, sua linguagem dá um salto qualitativo, passando de rotuladora para sintetizadora das percepções do mundo. Rompe-se a fusão do campo sensorial e motor, fazendo com que se estruture um campo temporal (passado, presente e futuro), o qual propiciará outras funções como intenções e as representações simbólicas das ações propositadas.

A memória também é uma função superior e sofre transformações qualitativas determinadas historicamente pelas ações do indivíduo. Sua essência é lembrar com a ajuda de signos. Para isso,

ela passa de um estágio natural (sem estímulos especiais que a evocam - como o de reconhecimento) para um estágio onde predominam os estímulos externos auxiliares, que aparecem a partir da organização da linguagem. A memória é então mediada por estes estímulos. Num outro estágio, a memória passa a ser mediada por estímulos internos (internalização dos estímulos externos).

A medida que a criança cresce, não somente mudam as atividades evocadoras da memória, como também o seu papel no sistema das funções psicológicas.

O ato de pensar em crianças pequenas é determinado pela sua memória e não é igual em crianças maiores. Para crianças muito pequenas pensar significa lembrar. O conteúdo do ato de pensar é determinado não tanto pela estrutura lógica do conceito em si como o é pelas suas lembranças concretas. O conteúdo do pensamento não tem a mesma lógica do pensamento adulto e depende da memória.

As representações gerais do mundo baseiam-se na lembrança de exemplos concretos, não possuindo ainda o caráter de abstração.

Emitir palavras, para as crianças, é nomear uma série de exemplos concretos. A experiência da criança e a influência " não mediada" dessa experiência estão registradas na sua memória, e determinam diretamente toda a estrutura do pensamento da criança pequena.

A memória é característica definitiva dos primeiros estágios do desenvolvimento cognitivo. Ao longo do desenvolvimento ocorre uma transformação, especialmente na adolescência. Para crianças, pensar significa lembrar; para o adolescente, lembrar significa pensar. Sua memória está carregada de lógica, e o processo de lembrança está reduzido a estabelecer e encontrar relações lógicas.

Papel do brinquedo no desenvolvimento:

No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados. Esse mundo é o brinquedo.

O brinquedo diferencia-se de outras atividades por muitas vezes a criança não entender as motivações que dão origem ao jogo. Há então a criação de uma situação imaginária onde são criadas regras de comportamento e que nem sempre são estabelecidas anteriormente ao jogo. "O que na vida real passa despercebido pela criança, torna-se uma regra de comportamento no brinquedo. Ao brincar, a criança está sempre acima de seu comportamento diário, acima da própria idade, maior do que é na realidade. Na medida em que a criança imita os mais velhos em suas atividades padronizadas culturalmente, ela gera oportunidades para o desenvolvimento intelectual. Inicialmente, seus jogos são lembranças e reproduções de situações reais; porém, através da dinâmica de sua imaginação e do reconhecimento de regras implícitas que dirigem as atividades reproduzidas em seus jogos, a criança adquire um controle elementar do pensamento abstrato. Nesse sentido o brinquedo dirige o desenvolvimento." (Vygotsky)

Ainda na idade escolar, o brinquedo permeia a atitude da criança em relação à realidade.

Linguagem escrita:

O desenvolvimento da linguagem escrita é proporcionada - principalmente - pela linguagem verbal, além do brinquedo e desenho, que funcionam desde o início como mediadores da atividade social.

Apesar do desenho ser uma representação gráfica, nos primeiros estágios ele é uma simbolização do real, com correspondentes concretos. Quando a criança percebe, que além de coisas, ela

pode representar a fala, ela descobre o mecanismo da linguagem escrita. Quando dominada, a linguagem escrita passa a ser uma representação direta do social e pessoal, sendo percebida assim como a linguagem verbal.

A linguagem escrita só é de fácil entendimento para a criança quando atende às suas necessidades de compreensão, representação e organização das diversas situações de sua vida, e deve ser apreendida naturalmente (as crianças descobrem habilidades nas situações de brincado). As letras devem fazer parte de sua vida assim como a fala.

Aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança, e esse desenvolvimento deve ser entendido em dois níveis:

- nível de desenvolvimento real: ciclos e processos de maturação já completados;
- nível de desenvolvimento potencial (zona de desenvolvimento proximal): há funções não amadurecidas mas que estão em processo de maturação.

Geralmente, o aprendizado é baseado no nível de desenvolvimento real da criança. De certa maneira, despreza-se o seu desenvolvimento potencial, ou seja, sua capacidade de resolver problemas através da ajuda de companheiros ou adultos. Isso contraria a própria natureza humana, que se desenvolve a partir da interação com o meio e outros homens.

O aprendizado em si não é desenvolvimento; entretanto, adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento outros processos do desenvolvimento altamente complexos e dinâmicos, que não podem ser simplificados em técnicas imutáveis.

Bibliografia de apoio:

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente, Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1984.

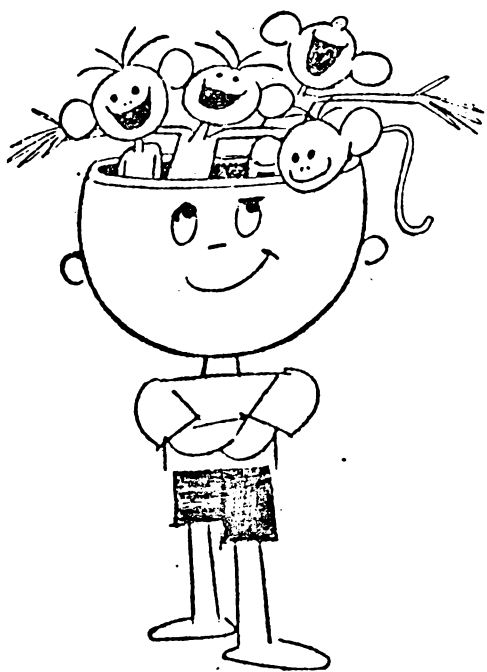
Hilene e Rita.

TEXTO EXPLICATIVO

Joãozinho agora vai à escola. Ele até agora tinha um papel na sua família; tinha determinadas responsabilidades. Porém, a ida à escola vai transformar o seu papel social.

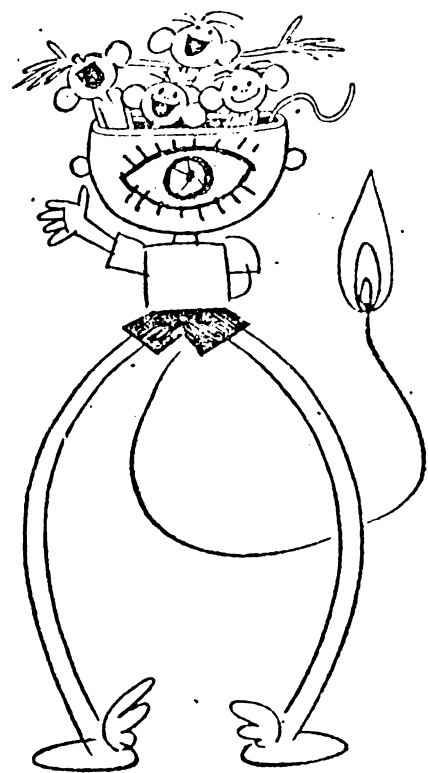
Joãozinho nasceu com determinadas características físicas e todo um aparato a ser desenvolvido pelas suas relações sociais. Assim se desenvolveu sua linguagem verbal. Inicialmente ele usava a linguagem para nomear objetos. Também sua memória foi se desenvolvendo. À medida que a linguagem foi servindo a ele para mediar suas relações sociais e satisfazer suas necessidades, foi se ampliando o seu entendimento do mundo. A memória também passou a ser mediada por fatores externos, dos quais Joãozinho faz uso para se lembrar das coisas. Estes fatores externos são internalizados, ou seja, começam a fazer parte de sua cabecinha e então a memória é mediada por esses fatores internos, dos quais ele se utiliza para lembrar. Com isso, o seu pensamento também se desenvolveu, pois, inicialmente pensar significava lembrar. A partir da linguagem e da memória que se desenvolveram pelas suas relações sociais, pelas suas atividades, pelo brincar, o seu pensamento foi adquirindo características de abstração; o pensamento foi se tornando mais lógico. Com a aquisição da linguagem verbal, suas brincadeiras e seus desenhos, ele percebeu que também poderia desenhar a fala. E começou a escrever. Isso tudo é um longo processo. Tem determinadas tarefas que ele consegue compreender e realizar sem ajuda, porque internamente ele tem maduro o aspecto que permite compreendê-las; outras tarefas ele não consegue realizar sozinho, mas com a ajuda de outras pessoas ele as resolve.

Joãozinho sabe que mesmo indo à escola não aprenderá tudo, pois quando ele resolve um problema, descobre outras coisas, que por sua vez exigirão outras descobertas. Com isso, o desenvolvimento humano caracteriza-se como um processo sem limites.



O mundo da criança quando ela entra na escola é um mundo de lúdico, de brinquedo e da imaginação criativa; de movimento, da fantasia.

Como se utilizar desse mundo para se realizar o ensino, a aprendizagem escolar?



,

.

.

.

.

.

O presente documento destina-se aos envolvidos no sistema educacional e tem por objetivo explanar as dificuldades encontradas, referentes à atuação do Psicólogo Escolar.

- POR QUE O PSICÓLOGO NÃO CONSEGUE FAZER UM BOM TRABALHO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR ?

Embora se tenha uma proposta prática de modificação da escola, baseada na relação entre o desenvolvimento infantil e a prática escolar, visando formar homens que apreendam a realidade social e possam transformá-la por sua ação, e embora a proposta seja clara, é impossível levá-la adiante quando as necessidades básicas da maioria da população não estão supridas. A escola não está desvinculada do contexto social, e neste contexto de carência, as propostas se perdem. Como comprometer-se com uma proposta progressista, que exige estudos, reflexões, discussões constantes, (uma vez tendo optado por esta em detrimento de uma prática envolvida apenas com a manutenção de um sistema corroído por crises internas e externas), quando há questões mais prioritárias a serem resolvidas ?

Como falarmos em liberdade, como propormos novas técnicas, como estabelecermos um outro modelo de escola a quem não tem opção ?

Nossa proposta de trabalho é: reaproximar a escola da condição real da criança, da sua cultura. Acreditamos poder superar a escola desvinculada da realidade do aluno através das discussões sobre a sociedade e das técnicas fundamentadas numa visão de homem agente da história, transformador. Este homem pode formar-se com uma técnica que leve a compreensão global da sociedade e não a uma visão fragmentada; um ensino que se precipite ao próprio desenvolvimento e o proporcione.

Esse tipo de prática contribuirá para a formação de um homem capaz de superar sua situação de carência e nesta transformação social também se transformar num ser crítico, capaz de pensar e fazer a sua vida e não submeter-se ao que já está estabelecido socialmente. Temos que partir da cultura do educando, seu concreto, para que ele possa chegar ao domínio da cultura letrada, não lhe fornecendo apenas conhecimentos técnicos, mas também discutindo questões sociais e políticas, para que sejam historicamente superadas.

Para que esse objetivo se efetive é fundamental que as necessidades básicas estejam supridas, que os profissionais especialistas da escola estejam livres de atividades assistencialistas e burocráticas, podendo exercer a peculiaridade de suas funções; para criarmos e discutirmos juntos a educação; para que os professores possam também comprometer-se com essa educação, vendo-se responsáveis por esse processo educacional. Não deveríamos, como ocorre em muitos momentos, estar abandonando a proposta técnica em função das questões políticas e básicas que se tornam prioritárias e pertinentes.

- POR QUE SE FAZ NECESSÁRIA A PRESENÇA DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA ESCOLA ?

O trabalho do psicólogo escolar se dá na análise institucional, detectando conflitos e suas verdadeiras causas, que vão desde as contidas nas relações interpessoais até aquelas contidas na má estrutura administrativa, atentando para as suas conseqüências também.

Seu trabalho estende-se aos grupos de pais e aos grupos de professores com os quais deverá buscar a discussão essencial sobre educação, possibilitando o comprometimento desses grupos na criação e, ou transformação do modelo de escola, mais inserido na comunidade, na região e no país.

Ainda deve o psicólogo entrar com sua proposta de trabalho psicopedagógica ressaltando o desenvolvimento infantil, entendido como um processo sem limites onde se inter-relacionam os aspectos internos e externos do ser humano; o homem é um ser ativo e através da sua atividade transforma a natureza e a si próprio... esse tipo de relação origina funções psicológicas superiores, que são internalizações de atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas; entendimento este que deverá permear as propostas técnico-psico-pedagógicas formuladas junto a professores e especialistas da educação.

Com este documento queremos nos somar a todos os técnicos e responsáveis envolvidos com a educação.

Solicitamos que nossos empenhos se unam na mesma luta, buscando suprir as carências da escola, hoje detectadas por todos aqueles envolvidos com o problema da educação no país. É necessário, por exemplo:

- Escola gratuita
- Merenda escolar farta
- Programa de distribuição do livro escolar
- Bibliotecas
- Programa de esporte eficiente para o 1º grau
- Ampliação da rede de ensino público
- Implantação da pré-escola e serviços de creche
- Recursos humanos qualificados

Além destas questões mais emergentes, gostaríamos de deixar

claro que existem outras questões sociais que estão diretamente ligadas à educação, como:

- Saúde
- Empregos
- Habitação e etc...

Curitiba, 06 de Dezembro de 1.985.

Andréa Vieira Zanella
ANDRÉA VIEIRA ZANELLA

Denise de Camargo
DENISE DE CAMARGO
CRP 08/450

Elane Tomich Buchmann
ELANE TOMICH BUCHMANN
CRP-08/0017

Hilene de Souza
HILENE DE SOUZA

Mônica D. Luna
MÔNICA DORREMBACH LUNA

Rita Isabel Vaz
RITA ISABEL VAZ

PAUTA

- Histórico
- Plano de Trabalho de 1987 (análise das atividades)
- Encaminhamentos

HISTÓRICO -

Fizemos um histórico do Departamento de Educação desde 1978. Nesta época a visão dos professores (o que se ouvia nas escolas) em relação ao Departamento trazia um descrédito nas pessoas que o compunham, embora houvesse uma aceitação das imposições pela linha de atuação autoritária. Os professores eram meros reprodutores. A direção da escola funcionava como cabo eleitoral. As pessoas que estavam no D.E eram vistas sob um ângulo fiscalizador, portanto os professores tinham medo e acatavam todas as imposições, como por exemplo a elaboração de provas, o exame de leitura feito pelo DE.

Em 1983 houve um curso com o pessoal da Secretaria Estadual de Educação, para se falar sobre a proposta de Educação, porém os professores não entenderam e ficaram com a idéia de que ia virar bagunça.

Em 1984 houve mudança na direção do DE, o pessoal começou a conversar mais, "as rédeas foram soltas", as pessoas que não compactuavam com a proposta afastavam-se.

A proposta começava a ser mais democrática, embora inicialmente estava muito confusa. Começou um trabalho mais próximo ao professor.

Aconteceram vários cursos oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação. Araucária começou a "aparecer" como estando à frente, porque a equipe de ensino participava e discutia muito nestes cursos.

A equipe de ensino assumiu o trabalho de discussão com os professores, mas era pouco respeitada. As discussões culminaram num Seminário de Educação no início de 1985, onde participaram todos os professores do município e estabeleceram uma proposta de Educação Libertadora e metas a serem atingidas coerentes a proposta.

Houve modificação na composição humana da Equipe de Ensino, com a contratação de 04 (quatro) psicólogas. Houve e ainda há resistência em relação ao trabalho de psicologia, o que não pode ser interpretada apenas pelo fato de serem pessoas de fora de Araucária, uma vez que a resistência também acontece em relação aos demais membros da equipe.

- As reuniões de 5ª à 8ª série por disciplina deverão fornecer certificados, atendendo desta forma a demanda dos professores e assegurando maior número de participantes.

- No Acompanhamento Psicopedagógico continuar utilizando estratégias de ocupar os espaços possíveis nas escolas, seja no trabalho de discussão específica com professores (de acordo com o interesse destes), seja no trabalho de dificuldades de aprendizagem com alunos, seja no trabalho com pais, ou com os técnicos da escola. Mostrar este trabalho específico.

- Programação Cultural divulgar pelo rádio, cartazes, jornal.

- Projeto de Literatura organizar exposição dos trabalhos dos alunos, apresentação dos projetos de literatura.

- Encontro Mirim divulgar as fitas de vídeo para os professores e alunos.

- Planejamento Escolar sistematizar o registro das práticas pedagógicas.

Além destas estratégias para as atividades previstas, propomos ainda:

Que o Secretário de Educação encaminhe um intercâmbio com as Equipes de Ensino de outros Municípios. Retome as conversas individuais com os membros da Secretaria objetivando um melhor atendimento ao público. Discutir a proposta de Educação da Secretaria com as outras equipes de trabalho. Discuta nas reuniões de Divisão um regulamento interno a ser montado. Procure convênios que facilitem a questão financeira da Secretaria.

A Equipe se propõe a negociar as promoções de forma que atenda também os objetivos "políticos", desde que tenha apoio para as atividades que não aparecem, mas que estão diretamente vinculadas a proposta de Educação..

Propomos ainda: -

- Programa de Rádio
- Jornal da Educação
- Boletim Informativo das práticas pedagógicas
- Gincana na Semana da Pátria
- Trabalhar toda a equipe nas grandes promoções.

Esta resistência pode ser analisada pela argumentação científica, pelo incômodo da contestação e até mesmo pela imagem pessoal (idade, maneira de trajar-se, etc...). Resistência à proposta de educação, à mudança de metodologia e de posição diante do mundo. Falta de profissionalismo (difícil discutir com professores que não se vêem como professores).

Não há reconhecimento, nem respeito em relação ao trabalho da Equipe de Ensino. Por outro lado as tarefas da Equipe acabam ficando fragmentadas quando assumidas individualmente, é necessário reintegrá-las, assumi-las em grupo e recuperar o que já foi feito.

PLANO DE TRABALHO E ENCAMINHAMENTO

A partir da análise histórica constatamos que:

1º - Faz-se necessário um resgate de todo o trabalho da Equipe de Ensino desde 1985, para embasar o trabalho, registrar e sistematizar o que foi feito, para que não se perca no tempo e assegure continuidade.

2º - Negociar para que o Plano de Trabalho aconteça atendendo as demandas "políticas" sem perder de vista a proposta de Educação.

3º - Modificar algumas estratégias na realização das atividades previstas.

- Para o curso de diretoras fazer propaganda antes e depois, utilizar filmagem, entrevista para registro.

- Nas reuniões de Diretoras manter a estratégia mais diretiva que está sendo utilizada.

- Nas reuniões de Coordenadoras utilizar estratégias semelhante às da reunião de Diretores-

- Nas reuniões de Núcleo retirar o caráter de fiscalização e torná-las mais prazerosas, reforçando o que tiver de "bom" (coerente com a proposta de educação).

- O acompanhamento pedagógico transformar-se em visitas de cortesia. Sintetizar as observações feitas no 1º semestre.

(grupo de estudos integrados)
- O GEI pode ser um instrumento de reconhecimento do trabalho da Equipe, desde que possa ser mais divulgado e incentivado.

Roteiro para conversa individual com professores.

- . Formação
- . Tempo de atuação
- . Outras atividades
- . Disciplinas que leciona
- . Qual sua visão de educação?
- . Que tipo de Homem deseja formar?
- . Que tipo de relação deve ter professor/aluno?
- . Porque ser professor?
- . Qual o objetivo de seu trabalho?
- . Que expectativas você tem para o seu trabalho este ano?
- . Que tipo de atividades realiza em sala de aula?
- . Que tipo de avaliação?
- . Adota livros didáticos? Porquê?
- . O que poderia melhorar no sistema educacional?
- . Como acha que deve ser o relacionamento entre os professores?
- . O que você acha dos cursos de aperfeiçoamento?
- . Fez algum curso nos últimos tempos?
- . Como vê a possibilidade de se reunir com seus colegas para discutir?
- . Que assuntos poderiam ser discutidos com colegas professores ou com outros profissionais de educação?
- . Como pretende utilizar-se do Horário permanência?
- . Qual o seu entendimento dos trabalhos de Coordenação Pedagógica, Orientação, Direção e Psicologia Escolar?
- . Estes trabalhos relacionam-se de que forma com o trabalho do professor?

RELATO DE UM TRABALHO COM CONTEÚDOS INTEGRADOS PARA A SEMANA DO MEIO AMBIENTE.

INTRODUÇÃO

"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre." (Paulo Freire)

"A libertação é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se." (Paulo Freire)

"Se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É praxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo." (Paulo Freire)

"Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar. A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, que incentive a pensar certo ou seja descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos. Uma educação que não favoreça a mentira, as idéias falsas, a indisciplina. Uma política, tão política quanto qualquer educação, mas que não tenta passar por neutra. Ao proclamar que não é neutra, que a neutralidade é impossível, afirma que a sua política é a dos interesses do nosso povo." (Paulo Freire)

Buscando esta educação e este homem novo o "papel do professor é ajudar as crianças a:

- Ver, compreender a realidade
- Expressar a realidade, expressar-se
- Descobrir, assumir responsabilidades de ser elemento de mudança na realidade.

Isto se fundamenta numa visão do homem como ser histórico que se realiza no tempo. Crescer portanto, significa ir se localizando com lucidez, no tempo e nas circunstâncias em que vive, para chegar a ser verdadeiramente homem, isto é: indivíduo capaz de criar e transformar a realidade, em comunhão com seus semelhantes." (M. T. Nidelcoff)

Constatando o papel social da escola na construção deste homem, sabemos que a escola tanto pode condená-lo, reprimi-lo, quanto pode levá-lo à transformação e ser levada por ele. Vendo esta importância da escola procuramos alternativas para que o aluno além de ler e escrever possa interpretar o seu mundo, a realidade que o cerca.

Este planejamento surgiu da preocupação, da busca de uma educação onde o aluno pudesse expressar-se, e pretende dar continuidade a proposta do planejamento da semana da Saúde.

Para sua elaboração e aplicação contamos com a colaboração das estagiárias do 3º ano do Magistério e professoras de 1ª a 4ª séries da Escola Municipal Ibraim Antonio Mansur.

O que geralmente observamos é que os conteúdos na escola são passados de forma fragmentada, onde nada se relaciona, isto vai formar um tipo de pensamento também fragmentado. O que pretendemos relacionando as diferentes disciplinas é globalizá-las de forma que também se forme um tipo de pensamento global.

As atividades desenvolvidas como: Passeios, desenhos, colagens, modelagens, formação de histórias, etc... não têm só o objetivo recreativo, mas cada uma destas tem objetivos específicos, e estão dentro do conteúdo programático.

A proposta de se desenhar sobre o que foi visto ou ouvido possibilita uma interpretação sem a necessidade de perguntas esquematizadas pelo professor.

O passeio mesmo quando feito num local já conhecido pelas crianças, se tiver um objetivo claro, um roteiro de observações entusiasma as crianças e desperta sua curiosidade e interesse de conhecer.

Foram utilizadas músicas durante toda a semana. Tanto música de fundo (colocadas enquanto os alunos realizavam atividades em grupo) como também músicas relacionadas ao meio ambiente, (eram ouvidas, cantadas ou dramatizadas pelos alunos).

A música de fundo pareceu facilitar a expressão e a imaginação, pois eram relacionadas às atividades propostas e descontraíam os alunos. As músicas cantadas com estes, estavam relacionadas ao conteúdo, serviam como material alternativo ao professor e material de fixação para o aluno. Foram exploradas de diferentes maneiras: dramatização, interpretação, montagem de histórias, desenhos, etc...

OBSERVAÇÃO: Os textos escritos pelos alunos não sofreram correções desvinculadas de sentido, que só serviriam para podar a expressão, pois se o aluno escreve muito e comete muitos "erros", e estes são corrigidos sem dar a eles um sentido, acabará escrevendo menos e preocupando-se mais com a ortografia que com o conteúdo. No entanto a correção poderia ser feita em grupo, e com o objetivo, tendo um trabalho de conscientização do aluno para um outro tipo de linguagem que é utilizada nos livros, salientando que também os autores famosos levam seus escritos para serem corrigidos por especialistas em gramática, enfim a correção também precisa ter um objetivo explícito, um porquê, não pode ser simples assinalar em tinta vermelha...

Maria José e Rita

Coordenadora e psicóloga

Participaram do planejamento e da execução:

As estagiárias do Magistério: Maria Célia, Isabel, Celina, Cristiane, Eliane, Josy, Margarete, Maristela, Marlene.

As Professoras de 1ª a 4ª séries: Eliane, Irene, Jayme, Leida, Luci, Maria de Fátima, Maria, Mariselma, Matilde, Marli, Rosane, Rosi, Sônia,

Vanda, Cecília, Cleide, Cleoni, Cirene, Criceli, Deise, Conceição, Denise e Edvirges.

OBSERVAÇÕES GERAIS

De maneira geral pudemos observar que as crianças de 1ª série se expressaram de uma forma mais criativa, seus desenhos são ricos de detalhes, os textos criados são cheios de fantasias de imaginação.

Nas séries seguintes os desenhos tornam-se mais pobres, e as crianças encontram maiores dificuldades em se expressarem. Por que isto ocorre? Deveria ser o contrário, ou seja deveria haver uma evolução, um aperfeiçoamento na forma de expressarem-se, e no entanto observamos uma deteriorização.

Não acreditamos que seja por acaso, mas estas crianças estão sendo reprimidas em suas capacidades. Se a criança de 1ª série traz toda uma experiência de vida, está cheia de sonhos, fantasias, é livre, criativa e se solta com facilidade, por que isto se torna mais difícil nos anos seguintes?

A escola deveria servir para aperfeiçoar, para mostrar ao aluno a realidade, para organizá-lo de forma que ele enquanto homem possa transformar e fazer a história, esta escola que ainda vemos hoje, está distanciando o aluno de si mesmo (de sua capacidade de expressar-se), da sua realidade (mostrando um outro mundo, uma outra linguagem, não permitindo que o aluno se expresse, crie...)

É uma violência o que estamos fazendo com nossas crianças. Estamos fazendo robôs, estamos destituindo-as do ato de pensar, estamos "ensinando" a serem dominadas, estamos silenciando-as, reproduzindo toda uma estrutura, e não criando possibilidades para que sejam Homens livres, críticos, criativos e agentes de transformação.

Estamos educando para submissão, para inércia, para o desinteresse frente ao social, estamos numa escola do silêncio, da adequação de padrões rígidos e inquestionáveis...

Diante de tantas constatações, e tendo em vista uma educação libertadora, que tipo de Homem desejamos formar?

Será este animal amedrontado, que diante de uma folha de papel em branco não sabe o que fazer? Ou copia de um livro, ou pergunta ao professor o que fazer, como, que cores usar, etc... Será este homem que diante de uma situação de opressão baixe os olhos e aceite o comando, cruze os braços e humildemente ache que não há saída, que nasceu assim e naturalmente vai continuar assim, subordinado, explorado, humilhado, porque é assim mesmo?

Ou ainda podemos "salvar" estas crianças, para que se tornem homens realmente capazes, podemos deixar que elas se expressem, deixar que formem suas idéias a respeito do mundo, de suas vidas? Podemos permitir que as crianças que entram na escola continuem seu desenvolvimento ao invés de impormos à elas as castrações, a submissão, o silêncio? Desejamos este Homem que lute pelas transformações sociais, que não se cale diante das injustiças, que não tenha medo, que não baixe os olhos, não se submeta, mas reaja e lute e mude. Este ser animado, criativo, crítico, que faz a leitura do seu mundo, analisa-o e reage.

Preocupa-nos, e muito, quando observamos crianças quietas, presas, ouvindo, sem falar, de braços cruzados, copiando coisas cujo significado não sabem, frases soltas, palavras desconhecidas...

Preocupa-nos quando ouvimos uma criança de 4ª série dizer que não sabe desenhar nada, quando podemos ver a riqueza dos desenhos feitos por crianças de 1ª série...

Felizmente existem exceções. Podemos perceber que não conseguiram anular tudo. Temos exemplos nos trabalhos aqui anexados, e somamos a estes duas redações feitas por alunos de 5ª série, também sobre o meio ambiente.

Nem tudo está perdido, e há muito trabalho a ser feito.

Estas redações surgiram a partir de um trabalho feito com a música "Planeta Água" de Guilherme Arantes.

REDAÇÃO 1:

O que penso do mundo

Eu penso que o mundo é uma bola de ignorância achatada, mas se nós quisermos, poderemos fazer do mundo um paraíso.

Se no mundo não houvesse dinheiro, não iria ter poder, nem rico, nem pobre, mas isto é impossível, querer um paraíso explorado por petróleo, porque para mim quando eles tiram petróleo causam terremotos.

E que paraíso seria este, se eles cortam as árvores e existem armas e bombas, que podem destruir o mundo e matar as pessoas. E mais estas usinas que soltam poluição e restos de substâncias no mar, matando os peixes.

Mas se destruíssemos todas as armas, bombas, usinas, ferramentas como motoserras, serrote e tudo que possa cortar uma árvore, porque a árvore tem vida como nós. Mas isto se o mundo inteiro fosse fazer uma passeata até o céu e pedir a Deus que destruía as armas, bombas, e usinas, porque quanto mais ele constroeu mais eles destroem.

Para isso neste mundo não vai dar. Para existir um paraíso vamos precisar de muito amor e nos unir.

(Dirceu José Wosniak 5ª "A")

REDAÇÃO 2:

Eu penso que, se todos se unissem no mundo inteiro e construíssem um mundo novo, sem brigas, sem lutas entre os países. Mas por um pedaço de terra dá briga, fazem guerras, destroem pessoas inocentes com bombas e muitas outras armas, em vez de destruir as armas, e todas as invenções, para destruir os outros.

Se todos se unissem, morassem onde quisessem, o dinheiro não existisse e as pessoas fabricassem alimentos, plantassem, fabricassem brinquedos, doces, madeiras para construir casas, móveis e tudo mais, se não tivesse ninguém mandando nos países, fosse tudo sem governadores, prefeitos, presidentes, sem ninguém mandando em ninguém, assim todos teriam alimentos, roupas e cobertas para o inverno, ninguém passaria frio e sede, não teríamos que pagar água, luz, imposto de renda, nada. O mundo seria bem melhor.

Se todos cooperassem, mas todos querem dinheiro, e por isso os ricos, os gananciosos não ajudam os pobres que passam fome e frio.

O mundo não tem mais conserto.

(Eliza Viviane Batista - 5ª "A")

Tudo isto deve nos levar a repensar a nossa prática. E com esta intenção tentamos esta experiência, sabemos que há falhas e muitas, e contamos com a sua análise crítica e com as suas sugestões para enriquecermos uma próxima tentativa.

EQUIPE DE EDUCADORES DA ESCOLA IBRAIM ANTONIO MANSUR: Ensino de 1º grau:

Denize Orlikoski - Gleide Regina Tibbels - Irene Otte
Marly J Belnick -
Maria Elma e Maruzalek - Cecile Luczyezyn -
Maria Quirke - Cecilia D. Kusman
Rosi Druzzey - Lucio R. F. Karas
Jaime Antonio Bozon -
Matilde Bora - Cleoni F. Vaz
Regina Amorim Klemf
Rita Habel Vaz, Maria José B. de P. Lima
Vanda Jonek, Cleide M. D. Kist
Edviges Leach - Dersi C. Spier Mikosz
Rosane Parkot - Eliane Machniculicz
Barvalho
Josefa Angela Castello Luene da S de Oliveira
Silva
M. Paccaro

Joãozinho e a Educação

Joãozinho diz que a educação vêm do berço, e ele aprendeu muitas coisas em casa e na sua vida. Além deste saber que ele adquiriu ele descobre que tem um outro tipo de "educação" é a escola.

Ele sabe que pode aprender em todos os lugares e que pode ensinar também, porque ninguém sabe tudo, e ninguém sabe nada, se o professor tem conhecimentos, Joãozinho também tem e a escola deveria permitir esta troca. Mas quando chega na escola ele percebe que há tantas proibições, que sobra muito pouco para que ele faça.

Ele pergunta: Quem ne respeita?

Disseram que ele precisa respeitar todo mundo, só que não é isto que alguns professores fazem com ele.

Ele tem medo de falar por todas as vezes que foi proibido de manifestar-se. Agora querem que ele seja criativo, saiba conversar, saiba lutar pelos seus direitos, se até então não lhe foi permitido. Como fazer?

Então o Joãozinho reúne-se com seus colegas e tentam buscar juntos soluções, ele descobre que quando estão organizados fica mais fácil de conseguirem superar suas dificuldades.

Disseram para o Joãozinho que sem escola ele não vai conseguir um bom emprego, mas ele também sabe que não basta estudar para que consiga um bom emprego, porque há muitas outras coisas interferindo, e aí ele sabe que a sua organização não deve ser só na escola, mas em toda a sociedade. Ele diz que deve ter responsabilidade com o que faz, e ter responsabilidade não é ficar calado diante das injustiças, mas sim lutar para superá-las.

Participar das aulas e da comunidade, expressar-se, organizar-se, discutir a escola, a vida, suas dificuldades é o primeiro passo para mudar as suas condições. Porque o Joãozinho sabe que existem os que mandam e os que obedecem, e que isto não acontece por acaso, e que é preciso lutar muito para que seus direitos sejam respeitados.

Joãozinho sabe que mesmo indo à escola não aprenderá tudo, que há sempre muito a ser descoberto e a sua "luta" não se resume à sala de aula, mas se estende por toda a sociedade.

Ele vê o seu pai "massacrado" trabalhando por um salário miserável e lhe dizendo que ele precisa estudar para conseguir melhores condições de vida, daí ele vai para a escola e encontra um monte de problemas.

Temos dificuldades e Muitas:

==Proibições

--Aulas monótonas

--Desrespeito

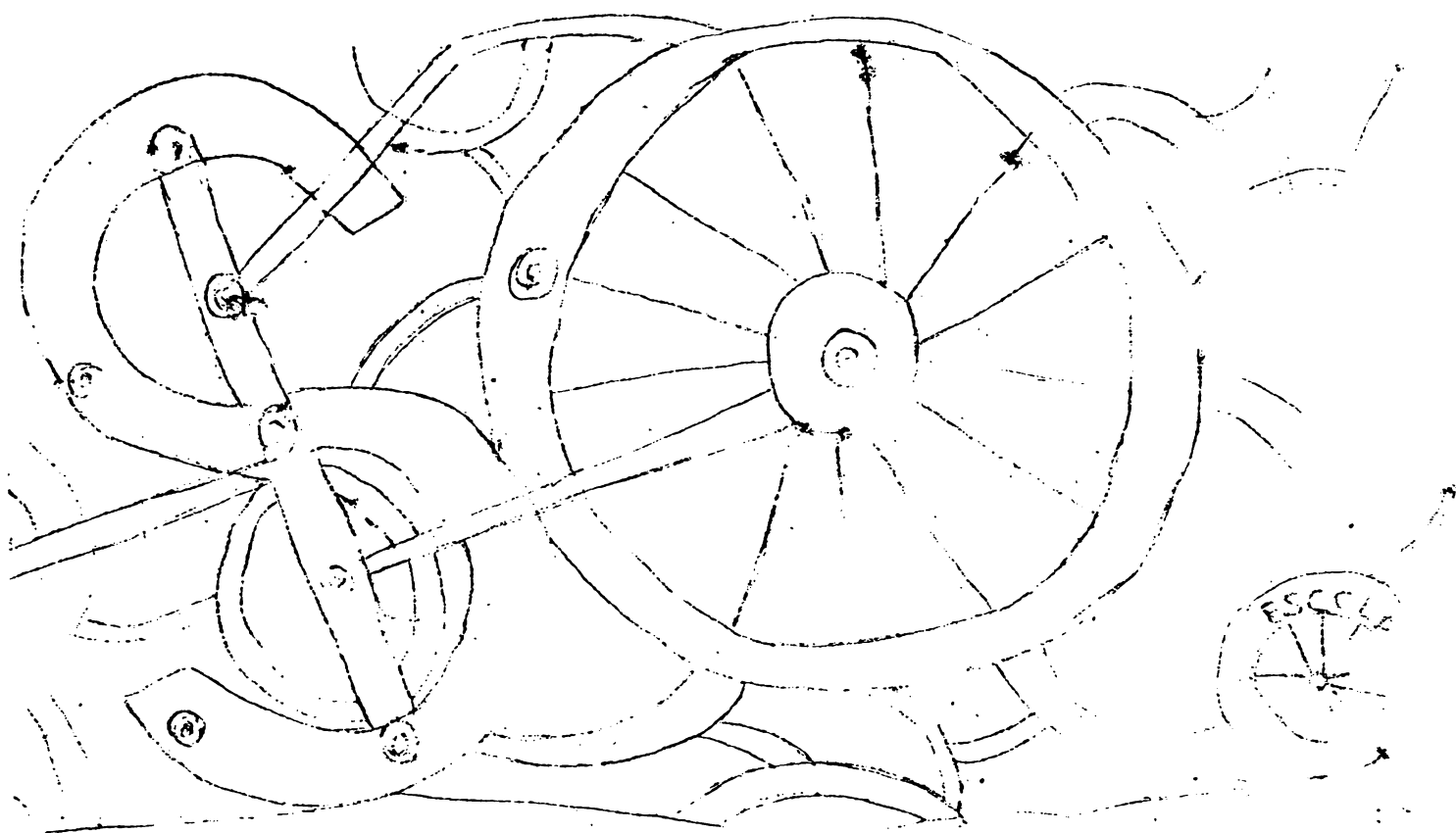
--Medo

--Poucas oportunidades de expressão, etc...

Como resolvê-las?

Por onde começar?

Como organizar-se?



Texto elaborado a partir das discussões sobre EDUCAÇÃO com alunos de 5ª a 8ª série da Escola strain Antonio Mansur



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Caramuru

ESTADO DO PARANÁ

PLANO DE TRABALHO DA ESCOLA IBRAIM A. MANSUR

1988

Introdução:-

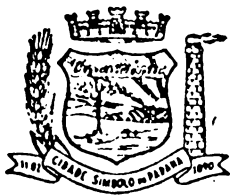
Nossa proposta de educação visa à transformação, entendemos que o ser humano é um ser que se modifica e modifica o seu mundo através da sua atividade, e a escola trabalhará para uma consciência crítica, considerando a realidade econômica, social e histórica.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE
Chaveá
ESTADO DO PARANÁ

OBJETIVOS GERAIS:-

1. Sistematizar a proposta de trabalho da Escola "PROJETO PEDAGÓGICO"
2. Integração de professores de 1ª a 8ª séries
3. Alfabetização e Ciclo Básico e Avaliação
4. Planejamento de 1ª a 8ª séries
5. Integração Escola-Comunidade
6. Conselho de classe com participação dos alunos
7. Grêmio estudantil



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

RECURSOS NECESSÁRIOS PARA AGILIZAÇÃO DO PLANO DE TRABALHO

- Materiais pedagógicos (já especificados através do ofício nº 16/88)
- Livros técnicos
- Vídeo, televisão e fitas
- Gravadores
- Projetores de slides



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE
Chapecó
ESTADO DO PARANÁ

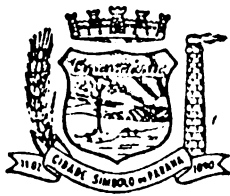
PLANO DE TRABALHO DE PSICOLOGIA ESCOLAR PARA 1988

INTRODUÇÃO:

O psicólogo escolar que parte dos pressupostos de que é um trabalhador social, que o homem é um ser que se modifica e modifica o seu meio e que visa a transformação e não a conservação; deverá ter uma proposta de trabalho que seja coerente a esta visão.

Partindo destes pressupostos é o seguinte o trabalho que propomos:

- Análise da instituição objetivando detectar conflitos e causas e buscar a reflexão para que estes não sejam encobertos porém sejam historicamente superados
- Embasar cientificamente a proposta pedagógica, ressaltando o desenvolvimento infantil relacionado à aprendizagem
- Buscar a transformação da escola como um todo e a estruturação de uma consciência crítica
- Buscar a participação da comunidade



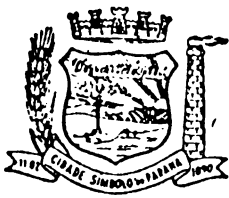
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

1. TRABALHO COM ALUNOS

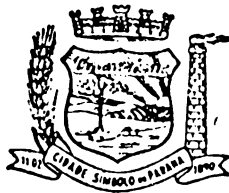
- a) TRABALHO COM ALUNOS: Projetos alternativos com grupos de alunos propiciando a estes vivenciarem, experimentarem diferentes formas de expressão(corporal, plástica, etc.). Entendendo que a psicologia escolar deve descaracterizar o papel clínico de atendimento de "aluno-problema", proponho a formação de grupos de alunos com propostas alternativas de teatro, artes(para que se efetivem os três grupos já existentes na escola haverá participação de professores que se disponham ao trabalho).
- b) TRABALHO COM ALUNOS junto à Orientação: discussão de temas de interesse dos alunos nos horários de Orientação com o objetivo de reflexão, discussão e formação de uma consciência crítica.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE
Chapecó
ESTADO DO PARANÁ

2 - TRABALHO COM PROFESSORES DE 1ª A 8ª SÉRIES

- a) - Diagnóstico das turmas: discutir com os professores para que estes façam um diagnóstico das suas turmas que possa subsidiar o planejamento. O objetivo é ter dados sistemáticos em relação aos alunos que facilite aos professores a compreensão da dinâmica da turma, dos conhecimentos gerais e específicos para realização de um planejamento voltado à realidade.
- b) - PLANEJAMENTO junto à Coordenadora. Participar do planejamento procurando juntar as discussões do diagnóstico e a pedagógica subsídios psicológicos de desenvolvimento e estruturação de pensamento
- c) - Discussões sobre:
- Problemas de aprendizagem
 - Desenvolvimento infantil
 - Estruturação do pensamento
 - Assuntos de interesse
- d) - Organização de textos para discussões com professores e seleção de textos para utilização em sala de aula (com a coordenação)



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

3. INSTITUIÇÃO ESCOLAR

a) Diagnóstico dos professores

b) Diagnóstico dos técnicos

c) Diagnóstico dos outros membros da escola

Objetivo: levantar dados sobre o entendimento do processo educacional e dados a respeito do interesse em discutir determinados temas

d) Diagnóstico de escola

Objetivo: levantamento do índice de reprovação e evasão escolar

e) Agilização do "Projeto Pedagógico" (em anexo)



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

PROJETO PEDAGÓGICO

Justificativa

Neste ano sentimos necessidade de sistematizar uma proposta de trabalho da escola. A partir das discussões que tivemos em 1986 e 1987 definimos que a nossa filosofia de trabalho é de educação transformadora, pressupomos que o homem se constrói na medida em que constrói o seu mundo, que é um ser ativo, participativo e capaz de modificar-se e modificar o mundo que o cerca.

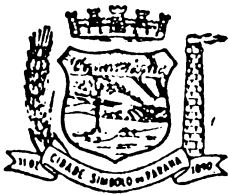
Objetivo

Uma proposta que pretende ser transformadora no sentido de mudar as relações dentro da escola, para que sejam mais democráticas, muda necessariamente a metodologia, os conteúdos básicos e a forma de avaliar, ou seja muda a escola como um todo. Isto dá margem a muitas interpretações, inclusive é vista como bagunça, uma vez que desestrutura o sistema escolar. Esta proposta para se efetivar exige estudos e aprofundamentos teórico-práticos.

É neste sentido que necessitamos de ajuda. Queremos poder contar com o assessoramento da Universidade Federal do Paraná e de pessoas preocupadas com a Educação, para podermos chegar ao final de 1988 com uma proposta sistematizada de trabalho, que envolva toda a comunidade escolar. À partir deste assessoramento e da nossa prática pretendemos estruturar um projeto pedagógico para esta escola.

Que o ensino de LÍNGUA PORTUGUESA sirva para que o educando apreenda a realidade histórico-social e para superação da sua condição de explorado.

Que o ensino de HISTÓRIA tenha o papel de resgatar a realidade histórica pregressa e atual e levar o aluno à reflexão crítica.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Que o ensino de GEOGRAFIA sirva à compreensão da realidade, na localização espaço-temporal e na transformação do espaço e superação dos limites ideológicos de conservação da sociedade.

Que o ensino de CIÊNCIAS sirva à compreensão do universo social da realidade cultural e do momento histórico e espaço social, e possam os educandos apropriarem-se da produção humana e do conhecimento científico como modo pelo qual o homem domina a natureza e a transforma de acordo com as suas necessidades.

Que o ensino de EDUCAÇÃO FÍSICA sirva à facilitação do uso do corpo como forma de expressão e à psicomotricidade como um todo.

Que o ensino de EDUCAÇÃO ARTÍSTICA sirva à atividade de criação e a utilização de diferentes formas de expressão (cênica, plástica musical).

Que o ensino de MATEMÁTICA esteja vinculado à realidade em que o aluno vive e facilite a compreensão crítica do seu mundo.

Que todas as disciplinas se interrelacionem, que o ensino se processe, se construa de forma global e não fragmentada.

Enfim que em todos os momentos e em todas as disciplinas a educação tenha como objetivo a transformação de uma consciência ingênua para uma consciência crítica.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheucática

ESTADO DO PARANÁ

Estratégias:

Definimos com todos os professores um sábado à tarde por mês para encaminhamento desta proposta, sendo que participarão os professores interessados de 1ª a 8ª série e os técnicos da escola.

Além destes encontros aos sábados à tarde, para que o projeto se concretize teremos reuniões quinzenais nos horários atividade com o objetivo de refletir e sistematizar a proposta.

Teremos ainda um sábado à tarde por mês para discussões com a comunidade.

TEMAS PARA DISCUSSÕES COM PROFESSORES

- Política Educacional, Escola Pública, Filosofia da Escola
- Ciclo Básico e alfabetização
- Didática Geral e Aplicada à cada disciplina
- Técnicas de dinâmica de grupo
- Avaliação
- Currículo Básico de 1ª a 8ª série para cada disciplina.

Além destes temas os professores gostariam de ter assessoramento em termos de materiais didáticos (textos, bibliografias, slides, filmes, outros.) para as disciplinas e também uma programação cultural (filmes, músicas, teatro, etc.)

OBSERVAÇÃO: Os professores querem que as discussões teóricas sejam intercaladas com práticas ou programação cultural para que os encontros sejam mais dinâmicos, e que os que estiverem coordenando as discussões utilizem-se de técnicas de dinâmica de grupo.

TEMAS PARA DISCUSSÕES COM OS PAIS

Serão definidos à partir da Eleição da Diretoria da APM



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheueche

ESTADO DO PARANÁ

RECURSOS NECESSÁRIOS PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

HUMANOS:- Pessoas disponíveis sem remuneração (professores da
Universidade Federal, pessoas ligadas à educação)
Pessoas com remuneração

FÍSICOS:-Salas de aula da Escola Ibraim Antonio Mansur

MATERIAIS:- Gravador

Fitas para gravador

Televisão e Vídeo

Fita para Vídeo

Papel Sulfite

Coordenação do Projeto Pedagógico:-

Rita Isabel Vaz - Psicóloga CRP 08/2631



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheuecheia

ESTADO DO PARANÁ

PROPOSTA DE CALENDÁRIO

COM PROFESSORES

MAIO	1º Encontro	07/05
JUNHO	2º Encontro	11/06
JULHO	3º Encontro	02/07
AGOSTO	4º Encontro	13/08
SETEMBRO	5º Encontro	17/09
OUTUBRO	6º Encontro	08/10
NOVEMBRO	7º Encontro	12/11
DEZEMBRO	8º Encontro	10/12

COM PAIS

MAIO	1º Encontro	14/05
JUNHO	2º Encontro	18/06
JULHO	3º Encontro	09/07
AGOSTO	4º Encontro	20/08
SETEMBRO	5º Encontro	24/09
OUTUBRO	6º Encontro	15/10
NOVEMBRO	7º Encontro	18/11
DEZEMBRO	8º Encontro	17/12



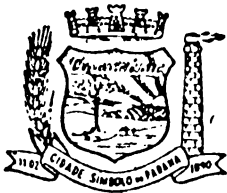
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

OBSERVAÇÃO

COMO ESTE PROJETO REALIZAR-SE-Á PARCIALMENTE AOS SÁBADOS À TARDE, PORTANTO FORA DO HORÁRIO DE ATIVIDADE DA ESCOLA E COM PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS LIGADAS À UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, REIVINDICAMOS QUE SEJAM FORNECIDOS CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO PARA OS QUE OBTIVEREM 90% DE FREQUÊNCIA NOS 8 ENCONTROS PREVISTOS, ATRAVÉS DA SMED (SECRETARIA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA)



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE
Chapecó
ESTADO DO PARANÁ

PLANO DE TRABALHO PARA 1.988

COORDENAÇÃO ESCOLAR

INTRODUÇÃO: Considerando a proposta de Educação na qual acreditamos que é o trabalho pela transformação, o trabalho do Coordenador Escolar é fundamental.

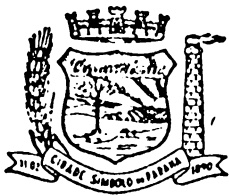
Sendo assim o Coordenador é aquele que anima o processo pedagógico, promove discussões, reflexões sobre a prática, e principalmente luta para que não continuem no comodismo.

Para isso precisamos entender a história da sociedade e da escola, não ficarmos justificando apenas, mas partir da compreensão do processo histórico para atuar pela transformação.

Precisamos ter claro para que tipo de sociedade estamos Trabalhando. Se há interesse que mude ou seja fazer uma opção : TRABALHAMOS PELA TRANSFORMAÇÃO OU PELA CONSERVAÇÃO?

METAS:

1. Planejamento Escolar
2. Alfabetização e Ciclo Básico
3. Avaliação
4. Conselho de Classe
5. Seleção de materiais
6. Trabalho com serventes



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Curitiba

ESTADO DO PARANÁ

1. Planejamento Escolar Anual (Coordenação e Psicologia)

Justificativa: Na busca de uma educação como prática da liberdade consideramos extremamente necessário uma organização e seleção de conteúdos a serem trabalhados e também assegurar a metodologia.

Questionar a prática e a forma de avaliação com os professores, ao mesmo tempo buscar integração de conteúdos de 1ª a 8ª série. O planejamento de 1ª a 4ª série será organizado de acordo com a proposta da Secretaria Municipal de Curitiba (Jornal Escola Aberta Ano IV Nº09 :- Currículo Básico), pois vem de encontro com as perspectivas da Escola. Ressaltamos que a proposta é a mesma de 1ª a 8ª série.

Para elaboração do planejamento será utilizado o diagnóstico das turmas organizado pelos professores juntamente com a psicóloga. Devo lembrar que a participação da Psicologia Escolar embasando teóricamente a questão da estruturação do pensamento e desenvolvimento da criança faz-se necessária para complementar cientificamente as propostas.

De 5ª a 8ª série o planejamento será por disciplina. Haverá repasse do planejamento de 1ª a 4ª série. Utilizaremos o diagnóstico para subsidiar uma prática coerente com a realidade da comunidade, da escola e específica de cada turma. Também será discutido neste momento a proposta da escola.

O planejamento deverá ser coerente com estes pontos discutidos.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

2- ALFABETIZAÇÃO E CICLO BÁSICO (com psicologa)

Justificativa:- Considerando a proposta de Educação na qual acreditamos que é pela transformação. Sabemos que o ser humano é um ser que se modifica e modifica sua realidade através das atividades; por isso sentimos necessidade em promover encontros com os professores das 1ªs séries nas horas atividades para discutir, trocar idéias, avançar em tomadas de decisões sobre alfabetização e ciclo básico, considerando que haverão momentos comuns com todo o grupo da escola nessas discussões.

3- AVALIAÇÃO (com psicologia)

Justificativa:- Entendemos que avaliação é uma questão polêmica, e que numa proposta transformadora deverá servir como diagnóstico para o professor, não podemos concordar que sirva à classificação e enfatize ainda mais a discriminação. Para isso precisamos nos envolver muito com os professores e propiciarmos debates, discussões, revendo sempre a proposta pela qual optamos que é pela transformação. Para isso haverão momentos específicos de 1ª a 4ª séries nas horas atividades por série quinzenalmente na escola. De 5ª a 8ª série as horas atividades serão uma vez por mes na escola para que seja possível um acompanhamento em todas as disciplinas, considerando que algumas disciplinas possuem a hora atividade nos mesmos dias.

4- CONSELHO DE CLASSE

Justificativa:- De acordo com a proposta de trabalho da escola no ano de 1987 os alunos conquistaram o espaço de participação no conselho. Para 1988 vemos como fundamental respeitar esta conquista e reformular o Conselho para que seja um momento de avaliação conjunta de professores e alunos e de reflexão da prática.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

5- SELEÇÃO DE MATERIAIS (coordenação e psicologia)

Justificativa: Seleção de materiais pedagógicos para utilização do professores e indicações bibliográficas.

6- TRABALHO COM SERVENTES

Justificativa: Como parte integrante da escola as serventes terão reuniões mensais para discutirem:- Questões educacionais, o seu trabalho e as relações profissionais com os demais membros da Escola.

PLANO DE TRABALHO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL PARA 1.988

Objetivo:-Auxílio ao aluno e ao professor

Organização do Grêmio Estudantil com a Psicologia

Com o horário em sala de aula a Orientação Educacional pretende desenvolver um trabalho direto com o aluno. Neste espaço discutiremos as necessidades do aluno, da escola, do professor, etc.

Trabalharemos também com 7ª e 8ª séries textos relativos a profissão e outros assuntos que surgiram a partir do diagnóstico.

Trabalho que está sendo desenvolvido:- Diagnóstico, Assuntos como por exemplo: Grêmio, palestras, filmes, slides, etc.

ANEXO 12



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

PROJETO DE ENCONTROS POR DISCIPLINA

PARA PROFESSORES DE 5ª à 8ª séries

Como consta nas propostas de encontros por disciplina, objetivos gerais e específicos a serem aprofundados, propomos 4 encontros em cada disciplina, assim organizados:

- Dois encontros no 1º semestre para discutirmos e definirmos a filosofia de educação e a metodologia de trabalho;
- Dois encontros no 2º semestre para delinear um currículo básico para cada disciplina.

Nestes 4 encontros pretendemos contar com a presença de professores especialistas em cada área, para que possamos promover discussões de qualidade inquestionável. Precisamos, pois, de verbas para o pagamento destes docentes.

Os encontros terão duração prevista de 8 horas cada. Sugerimos almoço no local para aproveitamento do tempo e facilitação do entrosamento entre docentes e participantes.

Andrea V. Zanella

Rita Isabel Vaz



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

Proposta de Encontros na Disciplina de História

1) Histórico dos Encontros de 1986.

- A partir de propostas levantadas no Seminário de Educação de 1985 (onde estiveram reunidos todos os professores do Município), constou no planejamento do Departamento de Educação de Araucária, em 1986, encontros dos professores de 5ª a 8ª séries por disciplinas, estes com o objetivo de definir uma proposta de trabalho único para todos os professores de Araucária.

- Aconteceram dois encontros com os professores de Estudos Sociais, e nestes iniciou-se uma troca de experiências e questionamentos quanto ao conteúdo ministrado. Como naquele momento estava sendo discutida a questão da divisão de Estudos Sociais em História e Geografia as discussões desviaram-se do objetivo inicial.

2) Propostas de Encontros para 1987

- Resgate da proposta inicial de trabalho considerando que o ensino de história tem papel fundamental no entendimento da realidade histórica pregressa e atual é imprescindível que - siga uma linha que leve o aluno à reflexão crítica, para que este possa então optar pela manutenção do Status Quo ou pela superação de sua condição de explorado e consequente transformação da realidade.

.Objetivos Específicos:

- Discutir a concepção de história, relacionando os conteúdos históricos à realidade atual de nossa sociedade.
- Discussão e reformulação do Currículo de História de 5ª a 8ª séries na tentativa de unificação de uma proposta para o Município de Araucária.
- Integração dos professores da área.
- Discussão de metodologia e troca de experiências.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

PROPOSTA DE ENCONTROS NA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS

1. HISTÓRICO DOS ENCONTROS de 1986

- A partir de propostas levantadas no Seminário de 1985 (que reuniu todos os professores do Município) entrou no planejamento do Departamento de Educação em 1986, encontros dos professores de 5ª a 8ª séries, por disciplina. Estes com o objetivo de definir uma proposta de trabalho única para todos os professores de Ciências de Araucária.

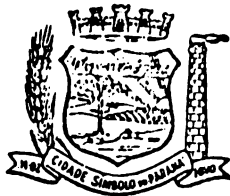
- Foram marcados quatro encontros, sendo que o primeiro e o último não se realizaram por ter comparecido uma só professora. Nos dois encontros que aconteceram iniciou-se uma discussão sobre a metodologia do ensino de Ciências e sobre os conteúdos propostos para as 5ªs, 6ªs, 7ªs, e 8ªs séries.

- A proposta para este ano (1987) é que haja continuidade destas discussões iniciadas e definição de um currículo de Ciências de 5ª a 8ª série adequado à realidade de Araucária.

2. PROPOSTA DE ENCONTROS PARA 1987

- Resgate e continuidade da proposta inicial

Considerando o papel das Ciências para compreensão do universo social, da realidade cultural e do momento histórico em que vivem possam os educandos compreenderem o seu espaço social e se apropriarem dele. Conhecerem a Ciência enquanto produção humana e o conhecimento científico como o modo pelo qual o homem domina a natureza e a transforma de acordo com as suas necessidades.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Rever o ensino tradicional de Ciências, buscando uma ciência crítica. Que os educandos se apropriem do saber historicamente construído e o conhecimento científico esteja contextualizado na realidade do aluno.

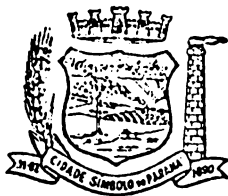
- Discussão e reformulação do currículo de Ciências de 5ª a 8ª séries.

- Integração dos professores da área

- Discussão de metodologia e troca de experiências

Fevereiro de 1987

Andréa e Rita



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

PROPOSTA DE ENCONTROS NA DISCIPLINA

DE MATEMÁTICA

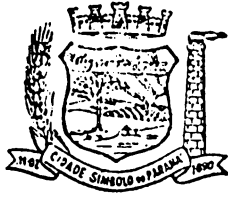
Histórico dos Encontros de 1986

- . A partir de propostas levantadas no Seminário de 1985 (que reuniu todos os professores do Município), entrou no planejamento do Departamento de Educação em 1986 encontros dos professores de 5ª à 8ª série por disciplina, única para todos os professores de Matemática de Araucária.
- . Aconteceram dois encontros, sendo que nestes a ênfase foi a discussão do currículo e da metodologia. Os professores questionaram a ordem de conteúdo estabelecida nos livros didáticos e propuseram que em 1987 viesse algum profissional da área para contribuir com esta discussão.

2) Propostas de Encontros para 1987

- ..A Matemática é uma ciência, e como tal deve se tomar acessível a toda a comunidade escolar. Todos tem o direito a desenvolverem o raciocínio lógico-matemático, a instrumentalizar-se, para conseguirem a superação da situação social de carência e dependência em que se encontram. Para isso é importante que a matemática se torne agradável e interessante, que seja desmitificada da sua função selecionadora e classificatória do corpo discente, que aproxime-se da realidade socio-econômica e cultural dos educandos. Propomos uma prática educativa que possibilite a:

- Melhoria da qualidade de ensino
- Resgate do compromisso político na ação pedagógica.
- Integração e interação entre profissionais que lecionam especificamente esta disciplina, objetivando a renovação das propostas de ensino e a busca de práticas pedagógicas alternativas.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Discutir o valor político da Matemática

- ~~Discutir~~ os currículos de 5ª a 8ª séries, análise dos tópicos, propostas de reformulação.
- Discutir problemas matemáticos e metodologia.
- Interação entre professores da área.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

PROPOSTA DE ENCONTROS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

1. HISTÓRICO DOS ENCONTROS DE 1986

- A partir de propostas levantadas no Seminário de 1985 (que reuniu todos os professores do Município), entrou no planejamento do Departamento de Educação em 1986, encontros dos professores de 5ª a 8ª séries por disciplina. Estes com o objetivo de definir uma proposta de trabalho única para todos os professores de Estudos Sociais de Araucária

- Aconteceram dois encontros, sendo que nestes iniciou-se uma troca de experiências entre os professores, e alguns questionamentos quanto ao conteúdo. Como naquele momento estava sendo discutida a questão da divisão de Estudos Sociais em História e Geografia as discussões se desviaram do objetivo inicial.

- A proposta neste ano é fazer encontros separados de História e Geografia, considerando o específico de cada disciplina.

2. PROPOSTAS DE ENCONTROS PARA 1987

- Resgate da proposta inicial de trabalho

Considerando o papel da geografia na compreensão da realidade, na localização espaço-temporal e na transformação do espaço, é necessário que se faça a reflexão crítica e que o estudo geográfico supere os limites ideológicos de conservação da sociedade.

O espaço geográfico encontra-se em permanente processo de transformação, acompanhando e condicionando a evolução da sociedade, é produzido pelo processo do trabalho. É a um só tempo resultado e agente impulsor do desenvolvimento da história dos homens. O espaço é a sociedade e a revela por inteiro. "A geografia é a medida dos homens concretos. Mas são os homens que fazem a geografia. Podem fazê-la, pois, para os homens."



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Rever o ensino tradicional de geografia buscando uma geografia crítica: "De uma geografia de homens para o capital, para uma geografia de homens para si mesmos"

-Discussão e reformulação do currículo de Geografia de 5ª a 8ª série considerando que: o conteúdo do espaço é o mesmo da sociedade: as lutas de classes.

-Integração dos professores da área

- Discussão de metodologia e troca de experiências.

FEVEREIRO de 1987

Andréa e Rita

PROPOSTA DE ENCONTROS NA DISCIPLINA
DE LINGUA PORTUGUESA

1) Histórico dos Encontros de 1986.

- A partir de propostas levantadas pelo Seminário de 1985 (que reuniu todos os professores do Município), entrou no planejamento do Departamento de Educação em 1986 encontros dos professores de 5ª a 8ª série por disciplina, estes com o objetivo de definir uma proposta de trabalho única para todos os professores de Araucária.

- Aconteceram dois encontros, sendo que nestes sobressaiu a troca de experiência dos professores, a apresentação de metodologias. É possível detectar que pela necessidade premente dos professores (sugestões práticas) as reuniões desvirtuaram-se do objetivo inicialmente estabelecido.

- Por dificuldades de horário o trabalho acabou não tendo continuidade.

2) Propostas de Encontros para 1987

- Resgate da proposta inicial de trabalho definida pelos professores.

Considerando que o ensino de Língua Portuguesa tem papel fundamental para o educando na apreensão da sua realidade histórica-social e na superação da sua condição de explorado, faz-se mister investir na formulação de uma metodologia que contribua para que o educando se perceba enquanto ser construtor e construído pela sua atividade, resgatando a expressão e comunicação como objetivo da aprendizagem da língua.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Montagem de um plano de Ensino da Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série a ser adotado pelo Corpo Docente do Município de Araucária.
- Discussão de metodologia e troca de experiências entre os professores atuantes no Ensino de Língua Portuguesa.
- Integração dos professores da área
- Levar o educador a se apropriar de decisões que se referem ao seu campo específico de atuação, buscando a melhoria da qualidade da Educação.

3) Data do 1º encontro - 03/06

Horário - 08:30 às 17:00 horas

Local - CAC (Centro de Ação Cultural)

Docente convidada - Francis

4) Relação de Despesas

Vencimentos com a docente

CZ\$ 150.00 hora/aula , totalizando 8 horas = CZ\$ 1.200,00

Despesas com refeição para 36 pessoas:

Marmita CZ\$ 35,00 cada + refrigerante CZ\$ 5.00 cada

Total = CZ\$ 1.440,00

Total Geral = CZ\$ 2.640,00



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

RELATÓRIO DOS ENCONTROS DE 5ª A 8ª SÉRIES POR DISCIPLINAS:

Elaboramos os projetos dos encontros (em anexo) em fevereiro de 1987, de acordo com o plano de trabalho do então Departamento de Educação de Araucária (posteriormente Secretaria Municipal de Educação).

Nos projetos contávamos com pelo menos dois encontros por disciplina no 1º semestre onde seria discutido a metodologia de trabalho na disciplina bem como a filosofia de educação.

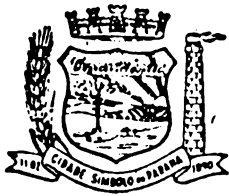
E dois encontros por disciplina no 2º semestre onde seria delineado um currículo básico de 5ª a 8ª série para disciplina.

Por falta de verbas o 1º encontro (de língua portuguesa) só aconteceu em junho de 1987, tendo sido garantido junto aos professores um segundo encontro, que aconteceu em julho de 1987.

Ainda por questões econômicas só foi possível realizar mais um encontro, que aconteceu em setembro/1987, com professores da área de matemática.

Os encontros das demais disciplinas só foram autorizados para novembro de 1987. Nesta época consideramos inviável só foram autorizados para novembro de 1987. Nesta época consideramos inviável a realização destes uma vez que a Secretaria Estadual de Educação estava promovendo encontros por área (com calendário praticamente preenchido) e estávamos em véspera do Concurso Público para Provimento de Professores da Rede Municipal de Ensino de Araucária.

Outro motivo para a não realização dos encontros foi a época do ano, as dificuldades que os professores teriam para ausentarem-se das escolas devido às provas bimestrais e recuperação. A provável ausência poderia não nos trazer os resultados esperados, as discussões e participação estariam com certeza prejudicadas.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Infelizmente, por falta de verbas, uma proposta de trabalho que vem de encontro aos anseios da comunidade escolar levantados no Seminário de Educação de 1985, e estruturados no decorrer de 1986 e início de 1987, precisou ser adiada novamente.

Observação: Para exemplificar a questão financeira envolvida nos encontros apresentamos os gastos referentes ao 1º Encontro de Língua Portuguesa, acontecido em 06/87. Este custou à Secretaria Municipal de Educação CZ\$ 1.200,00 (Hum mil e duzentos cruzados) para pagamento do docente e CZ\$ 1.440,00 (Hum mil, quatrocentos e quarenta cruzados) para pagamento das refeições servidas aos participantes.

Andréa Vieira Zanella

Rita Isabel Vaz

Inicialmente a professora Francis relatou uma atividade que fez com os alunos de 5ª série da Escola na qual trabalha (na periferia de Curitiba). Foram fazer um passeio pelo jardim Gabinete, próximo à escola, voltando do passeio as crianças produziram textos e a professora também. Ela leu este texto que trazia muitas reflexões sobre a sua prática, ressaltou que a escrita enquanto registro da palavra ser desencadeadora do repensar. E este texto havia sido para ela um momento de sua prática.

A seguir fez uma leitura de alguns trechos do texto.

" Os Aspectos Metodológicos do Professor de Língua Portuguesa" (Geraldi), concluindo que: O discurso falado também compromete, por isto que existe toda uma sutileza da escola de calar, anular, abafar, alienar.

Também fizemos a leitura do texto "O Gigolô das Palavras" (Luis Fernando Veríssimo).

Estes textos foram provocadores da discussão que a partir daí foi se construindo.

"A linguagem também é imposta como uma coisa certa, a gente é usada como objeto, para reproduzir sem refletir sobre ela".

"A comunicação é também fundamental, falar bem é falar claro, não falar certo, porque este certo foi apropriado pela classe dominante"

"Se não ensinar gramática como o aluno vai passar no vestibular?

A resposta a esta pergunta propõe uma reflexão sobre:

- Pouquíssimos são os alunos que chegam até o vestibular e estes se tiverem garantido o contato permanente com a leitura e a escrita que é o facilitador para o domínio da linguagem escrita e falada, sem dúvida passarão no vestibular.

- Os alunos chegam a ser leitores e escritores não pela opção metodológica do ensino da gramática mas por outros fatores.

"O que significa ensinar Língua Portuguesa para quem lê, escreve fala e ouve Língua Portuguesa ?

O professor de Língua Portuguesa deve provocar situações que propiciem a construção de hipóteses sobre a linguagem falada e escrita".

Quando se considera a linguagem popular como correta, não se trata de tornar as crianças incompetentes, trata-se de uma opção metodológica e política que implica em romper com o poder do saber. Quando se impõe a norma culta estigmatiza-se a linguagem do grupo social ao qual o aluno pertence.

" A linguagem é um monstro gelatinoso que vai entrando em todos os lugares, não dá para separar o estudo da linguagem ,do estudo do ' homem, portanto a linguagem é tudo ". (Situação de uma professora de uma palestra do Professor Borges).

Para a criança que entra na escola e sente negada sua linguagem, fica difícil separar esta negação da negação de si mesma, pois ela é o que fala e a história da escola tem sido marcada pela aprendizagem da leitura e da escrita.

A discussão foi complementada por um video sobre " O Ensino da Língua Portuguesa" (CENP-São Paulo), no qual encontramos subsídios teóricos-práticos dos professores: Geraldi, Eglê Franchi e Alba Spinardi Bueno.

Este apresenta exemplos de variedades linguísticas e uma proposta metodológica:

1º Despertar no aluno a consciência da variedade linguística, superando o preconceito em relação a variedades desconsideradas.
Ex. Através de dramatizações partindo de fatos ocorridos no ambiente escolar e ou comunitário.

2º Comparação do dialeto da criança com o dialeto da escola.

Partindo da linguagem do aluno, ele passará a usar outras linguagens de acordo com a situação. Por isso, o ensino da Língua Portuguesa deve ter como objetivo a própria língua.

Uma coisa é saber a língua, outra é a análise da língua. É o domínio da língua e não a metalinguagem, pois a escola acaba "ensinando" a metalinguagem. A partir do para quem e do para que ensinar Língua Portuguesa e que vai se determinar o como.

A professora Alba Spinardi Bueno conta no video um pouco da sua proposta "Era uma vez um gato xadrez". Onde o professor conta a história com o aluno e não para o aluno. Através de desenho, modelagem vai possibilitando a compreensão de uma história, porque o aluno percebe que pode ser construtor de muitas histórias. "É lendo, falando que se aprende o português".

O professor Geraldi propõe: "Ensinar a Língua nas suas variedades e usos". Transformar as atividades de sala de aula baseado em três práticas:

- Leitura de texto: para responder as necessidades (obter informações, obter prazer)
- Produção de texto (recuperação do cidadão, que não escreve, partindo da produção do aluno)
- Prática de Análise Linguística (reescrita dos textos dos alunos)

É a partir de uma concepção de linguagem que respeite os diferentes modos de falar dos alunos que se pode estruturar uma proposta metodológica que seja transformadora.

Existe uma diferença conceitual entre redação e produção de texto

A redação é construída de forma artificial, na escola, com um tema, um título, uma hora marcada, a criança faz a redação para a autoridade ler e corrigir. A produção de texto não admite artificialidade.

Toda escrita tem que ter um valor e um fim social para se tornar efetiva.

Que prática propomos em relação à leitura ? Considerando que pela leitura o aluno se apropria da norma padrão, a leitura deve ser provocadora, relacionada com muitos fatos, deve romper e alargar conceitos.

O debate proporciona ao aluno o entendimento de que ele tem opinião, pode defendê-la , e para esta defesa deve argumentar e contra-argumentar, e percebendo que tem opinião na sala vai transpor para outras situações de vida "Em cima de um fato concreto que aconteceu na escola, as crianças conversaram depois escreveram colocando suas opiniões, neste momento a produção do texto não se artificializou pois deve partir da vivência, de fatos do cotidiano".

Para provocar uma reflexão sobre a prática escolar do ensino de Língua Portuguesa que tem se resumido ao ensino da metalinguagem foi citado um exemplo de como são fechados conceitos gramaticais a respeito do sujeito:

- Para mim, chega de fazer exercícios (onde está o sujeito ?)
- Tudo são flores (desmonta conceito de que o nome concorda com o verbo).
- O bolo, Pedro comeu (desmonta o conceito de que o sujeito é o ser sobre o qual se diz alguma coisa).
- A chave abriu a porta (desmonta o conceito de que o sujeito é o ser que pratica uma ação).

Isto mostra o quanto é difícil construir hipóteses sobre a Língua, pois os conceitos são estáticos.

A Língua é uma construção histórica de todas as pessoas, e todo mundo vai construindo junto o jeito de falar, isto está ligado aos modos de produção, por isto os dominantes se apropriam de um jeito de falar e introjetam nos outros falantes que seus modos de falar são errados.

"O que se espera do aluno ? que ele tenha a compreensão das variedades e faça comparações e que modifique a sua linguagem (norma padrão) ou continue falando a sua linguagem?

Todas as variedades são dinâmicas e são construídas a partir das confrontações que seus falantes fazem. Não se espera que o aluno se submeta ao padrão nem que continue falando a sua variedade, mas que construa uma outra , que se aproprie do padrão legítimo e legal, para que tenha instrumento, a mesma arma de negociação e barganha que estão

registrados os bens culturais e históricos, para que transforme e reverta esta sociedade de classes e aí legitima outro modo de falar. A palavra é instrumento de luta e por isto é preciso apropriar-se dela.

" Queremos mudar, mas será que não acabamos fazendo o que a Classe dominante quer? " Embora sejamos contraditórios, o importante é estarmos sempre atentos e não encobriremos estas contradições. O plano de aula pode ser todo trabalhado altermativamente, quando a criança ' tem a aquisição da linguagem ele já tem incorporada à gramática, o comportamento metodológico vai definir a concepção do professor"

Para o próximo encontro os professores sugeriram que acontecesse até o final de junho e que pudessem ver os outros dois programas da CENP sobre Língua Portuguesa e que seja uma reflexão sobre a prática. E ficaram três textos para leitura.

- Aspectos metodológicos da Formação do Professor de Língua Portuguesa João Wanderley Geraldi.
- Aprende-se a escrever escrevendo João Wanderley Geraldi.
- O livro didático de Língua Portuguesa IEL/Unicamp

Participaram do Encontro:

Francis

Daniela

Maria Lúcia

Telma

Luiz

Jorge

Maria Aparecida

Marilda

Irene

Sérgio

Andrea

Rita

Foram convidados 36 professores das escolas estaduais e municipais de Araucária, das disciplinas de Português e Inglês.

" QUEM PERDEU O TREM DA HISTÓRIA POR QUERER
SAIU DO JUÍZO SEM SABER
foi mais covarde a se esconder
diante de um novo mundo"

(Chico Buarque)

Como nada é por acaso ;principalmente as palavras que escrevemos e falamos , têm sua intencionalidade e querem produzir algo que imaginamos, mas não controlamos.

A história do Encontro com os professores de Língua Portuguesa em Araucária no dia 03/06, começou um pouco antes para mim: nas discussões de preparação com a Rita e Andrea.

Preparar para apenas 8 horas um trabalho que mexesse, não nas técnicas do ensino de Língua Portuguesa, mas principalmente na Concepção de linguagem, de Educação e inicialmente, porque não conhecia o grupo e não podia prever se topariam continuar o aprofundando, e aceitando o desafio de que além de profissionais do ensino de Língua Portuguesa, somos também cidadãos tentando conquistar a autonomia que nos fará realmente sujeitos da enunciação da palavra falada e escrita.

Estava vivendo um momento bem significativo que era o retorno à sala de aula, depois de quase dois anos num trabalho com professores de Língua Portuguesa através de Cursos e/ou Seminários, via DEPG-SEED. As dificuldades e a intransigência que sentia e sinto no ambiente da escola me faz mais próxima do real concreto daqueles professores e professoras que iriam falar/ouvir, contruir conhecimento na Escola está parecendo que vai ser uma luta árdua, sem trégua... Só transmitir conhecimentos e desconsiderar os caminhos que cada percorre solitariamente...

É neste contexto, que apanhei um monte de livros, textos e jornais e fui...

O texto "Aspectos Metodológicos da Formação do Professor de Língua Portuguesa - João Wanderley Geraldi" subsidiou a discussão inicial do encontro junto com duas questões que levantei, pois são inerentes à minha prática, que eram - "O que é ensinar a Língua Portuguesa para os que já falam/ouvem escrevem e leem o Português " "A formulação de hipóteses sobre a Língua Portuguesa, deve ser nosso objetivo primeiro quando estamos diante dos alunos."

A partir destas provocações começamos a nos encontrar como um grupo que tinha algo em comum, e a crônica de Luis Fernando 'Veríssimo "O Gigolô das Palavras", distendeu o grupo e os professores começaram a teorizar sobre as suas práticas, apesar de não se darem conta que o como, que são as práticas metodológicas, aparecem necessariamente a partir de se reconhecer o para que e para quem ensinamos portugueses. Nisto a fita em vídeo cassete feita pela CENP - S.P. apresentando a experiência do trabalho da professora Eglê Franchi numa 3ª série primária na periferia de Campinas e os questionamentos do Geraldi a partir de depoimentos dos alunos que respondiam o porquê de se aprender a Língua Portuguesa, foi dando conta não apenas do para que e para quem ensinamos a Língua Portuguesa, mas que precisamos optar se queremos que nossos alunos se apropriem da Língua em suas variedades e usos ou se devem ser analistas desta mesma Língua?

A discussão continuou levantando as incertezas que esta proposta metodológica porque ela pretende reverter não só as técnicas, mas a postura que exige outra opção, política da professor. As práticas de leitura de textos, de produção e de análise linguística sustentam a concepção interacionista de linguagem que entende que a linguagem é vista como o lugar de inter/ação humana, e que a palavra falada constitui compromisso entre os interlocutores.

Sei que o cansaço do final do dia representou apenas a construção de um "trabalho teórico".

Não há como separar teoria e prática - não dá pra teorizar! no vazio e é preciso que a gente entenda a que teoria nossa prática do dia-a-dia serve, que concepção de mundo e de educação está por trás, por isso acredito na socialização do saber enquanto desencadeados, de várias práticas metodológicas que cada um vai encontrando quando constrói seu caminho.

FRANCIS

PRIMEIRO DEBATE SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Procurando esclarecer meu ponto de vista sobre o desenrolar dos acontecimentos verificados no dia 03/06/87 (embora tenha participado das 13 às 17 horas), apresento meu sucinto relatório:

Pareceu-me patente a carência de mais encontros análogos a esse e o anseio dos participantes, na sua maioria, em melhorar a aprendizagem da língua. Todavia ficou um tanto incompreensível:

1º - o avanço da leitura em sala de aula: se o professor ou sa dedicar maior tempo com leitura em sala;

2º - a diferença entre o papel do ensino de gramática e o da aprendizagem da língua.

Sugiro que o próximo debate, após dissipação das possíveis' dúvidas sobreditas, seja a respeito de avaliação do trabalho da Língua Portuguesa com os alunos.

Sérgio Catini de Lima

SOBRE O ENCONTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O encontro conseguiu reunir pessoas realmente interessadas em discutir a questão da Língua Portuguesa - Professores inquietos, que estão procurando romper com a atual forma de ensino da Língua, que tem, na verdade retirado a linguagem do aluno - e isso o fez ao mesmo tempo gostoso, descontraído e sério.

Obtive resposta para muitas dúvidas que o trabalho me coloca, e sai com outras questões, que espero ir resolvendo em conversas como essa, que aconteceu no dia 03/06.

Achei também o encontro muito rico em experiências e em informações bibliográficas.

Estou ansiosa para o próximo!

Marilda

Acho importante que esses encontros continuem acontecendo por que é aí que ocorre trocas de idéias, experiências e sendo assim amplia nossa visão de um mundo que às vezes nós estamos fechados.

Além de tudo isso desperta o interesse pela leitura de livros que já foram lidos pelos colegas.

Irene Maria Krzyzanoski

A minha participação no encontro se deu a partir das 14 horas.

Durante a minha participação foi discutido termos já proposta em vários outros lugares em que se encontram estudantes de Letras e profissionais desta área, que é o ensino da gramática nas escolas de 1º e 2º Graus, da viabilidade da mesma e o aproveitamento do aluno enquanto um falante da língua. Foi discutido a literatura na escola a forma que se trabalha e a forma que se deveria ser trabalhado, o encontro provocou discussões; e o que ficou claro para mim é que esses assuntos são polêmicos e que a discussão deve ser permanente e permanecer.

Maria José

POR QUE NOS ENCONTRARMOS?

Se temos um objetivo claro que é a transformação, a construção, a criação e recriação, precisamos de momentos de reflexão sobre a nossa prática, de trocas de experiências, de construção de propostas...

O 1º Encontro de Professores de Língua Portuguesa foi um momento de alicerçar uma proposta de trabalho que contribua com a transformação da sociedade, e só a partir da continuidade destes encontros será possível sistematizar esta proposta, rever estratégias, metodologia e possibilidades de um processo de ensino-aprendizagem onde professor e alunos são construtores do conhecimento, e se relacionam dialéticamente. Onde a linguagem, a cultura, enfim o aluno seja respeitado na sua individualidade e na sua relação com o grupo. Onde seja possível o acesso à linguagem padrão sem desconsideração da linguagem do aluno, para que ele possa reverter a sua situação histórico-social.

Precisamos estar juntos, somarmos forças, repensarmos, uma vez que temos uma proposta de trabalho transformador...

Rita



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

2º Encontro de Professores de Língua Portuguesa
do Município de Araucária

15/07/87

Neste encontro aprofundamos algumas questões levantadas no 1º Encontro e discutimos Prática de Leitura.

Os três textos deixados no 1º Encontro tem aspectos em comum: Levantam o para quê e para quem do ensino de Língua Portuguesa e levantam dois equívocos do professor que são:

- O conhecimento gramatical facilita a boa expressão.
- Lendo se aprende a escrever.

O texto "Aspectos Metodológicos..." mostra que não só os livros didáticos mas também a prática do professor está restrita à leitura, interpretação, gramática e redação. E esta prática é artificializada.

Também numa outra proposta de prática de língua portuguesa vamos ter a prática da leitura, a análise linguística e a produção de textos, só que o enfoque que se dá a estes aspectos são bem diferentes do que propõe a prática tradicional.

Houve uma questão que ficou do encontro anterior, a questão das variedades linguísticas.

Qual o objetivo do professor de Língua Portuguesa?

Precisamos ter claro que não só as variedades são dinâmicas, mas também o padrão é dinâmico. Se queremos que nossos alunos se apropriem do padrão vamos ter clareza de que a variedade popular com o padrão vão resultar numa outra variedade. Quando você se apropria de uma variedade que não é a sua, você vai fazendo uma fusão, vai transformando isto, e reconhecendo algumas coisas. O fato de apropriar-se da variedade padrão não garante que não será discriminado, pois você faz parte de uma classe e esta é discriminada, o jeito que falamos tem um valor social, portanto a apropriação não pode ficar na língua, mas é preciso ir além poder mexer nas relações.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheucaria

ESTADO DO PARANÁ

Tendo todas estas questões claras o professor de Língua Portuguesa vai partir da variedade do aluno e vai mostrar outras, vai grafar estas variedades e fazer o confronto. Vamos ter que optar não só por uma concepção de linguagem, mas também por uma ação metodológica que sustente esta concepção.

Existe duas classes: Dominados e dominadores. Se mostrarmos as duas variedades (padrão e popular) estaremos também mostrando que existe relação de poder, que a língua tem, portanto, um valor social, e o jeito que os dominamos falar é mais valorizado.

"Que proposta metodológica a gente tem que vai bater com esta concepção?"

Quando passamos os conceitos gramaticais, as dez classes gramaticais como ligação entre a leitura e a redação, temos uma concepção de linguagem estruturalista.

No Ensino Tradicional temos:

- Leitura
- Gramática
- Redação

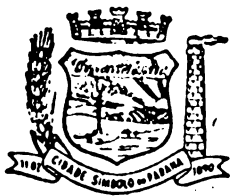
Agora se a nossa concepção de linguagem é interacionista, se vamos procurar dar conta do para quê e para quem ensinar Língua Portuguesa, a prática metodológica vai se fundamentar em três pontos:

- Prática de Leitura: textos longos e curtos
- Prática de produção de texto
- Prática de Análise

Linguística: Levantamento de hipóteses sobre a Língua.

A concepção de linguagem bem como a prática metodológica tem que responder aquilo que somos. Por que optar por uma prática não tradicional?

"É preciso mudar uma vez que não quero beneficiar uma classe que não é a minha, não posso fazer o jogo deles."



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Prática de Leitura de Textos

Textos Longos (romances, novelas, peças teatrais)

- Privilegia-se a leitura, prazer.
- O interesse e a maturidade do leitor é que determinam a escolha dos livros.
- Leitura - prazer - tem por finalidade ampliar a visão de mundo, dar vazão às emoções e à fantasia e recriar a realidade.
- Propiciar acesso a um acervo variado (na classe e/ou na sala de leituras).
- Cronogramar contatos periódicos com textos, principalmente os longos (em sala de aula e/ou na sala de leitura).
- Oportunizar aos alunos a liberdade de escolha, sem interferências, de acordo com seus interesses e/ou indicação de colegas.
- Garantir o manuseio direto, o acesso individual às obras e a troca entre colegas.
- Criar oportunidades para o surgimento de comentários orais após a leitura, pois favorecem a troca de idéias e são estímulos à leitura das obras discutidas, para aqueles que ainda não as tenham lido.
- Criar oportunidades para o surgimento de pequenos comentários escritos sobre os textos lidos, principalmente os longos, que passem a constituir um "jornal mural" em que o leitor opine sobre os textos que leu, dizendo se gostou ou não. Tal jornal passa a ser um guia de leitura para os alunos.
- É fundamental que o professor também leia no momento da leitura na sala.

Textos Curtos - (pequenas narrativas, dissertações, poemas , textos informativos e instrucionais)

- O professor escolherá os textos de acordo com o objetivo do trabalho que deseja realizar.
- Três possibilidades de leitura (vivências de textos)
Leitura - estudo de textos



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Leitura - busca de informações;

Leitura - pretexto.

Leitura - Estudo de texto

- O professor é quem organiza o estudo do texto;
- A leitura - estudo de texto é coletiva para que os alunos aprendam a estudar - "ouvir" o que o texto tem a ' dizer;
- Propor textos (trazidos pelo professor e/ou alunos) escolhidos de jornais, revistas, livros didáticos, manuais, folhetos, ou ainda, produzidos pelos próprios alunos;
- A leitura que antecede o trabalho, é individual;
- Favorecer o surgimento de comentários espontâneos;
- Levantar coletivamente as idéias de cada parágrafo (informativo, dissertativo, poemas, instrucionais e narrativas);
- Registrar a síntese das idéias de cada parágrafo, a partir dos comentários feitos pelos alunos;
- A partir das idéias registradas, levar o aluno a refletir sobre o texto como um todo;
- Extrapolar o texto, levando a estabelecer relações entre as idéias do texto e suas experiências de vida; favorece:
 - uma melhor compreensão e aprofundamento das idéias;
 - uma ampliação do ponto de vista do aluno em relação ao texto;
 - a reflexão crítica;
 - a reelaboração de suas idéias sobre o mundo.

Leitura - Busca de Informações

É proposta quando surge a necessidade de se obter informações precisas sobre um determinado assunto. É em função dessa necessidade que o texto é escolhido.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

- Propor textos extraídos de jornais, revistas, almanaques, enciclopédias, inclusive os associados a outros componentes curriculares;
- Propor a leitura do texto, colocando-se à disposição da classe para resolver questões relacionadas a vocabulários, expressões e conceitos;
- Recomendar que os alunos releiam o texto, tantas vezes, quantas forem necessárias, para obtenção das informações desejadas;
- Sugerir que os alunos anotem as informações obtidas;
- Enfatizar a importância de os alunos darem respostas completas (com relação à questão formulada);
- Organizar um jornal mural com manchetes, notícias e reportagens selecionadas pela classe, resumidas ou não pelos alunos;
- Propor a discussão e comentários de idéias e de fatos afixados no mural.

Leitura - Pretexto

Objetivo: - desencadear outras produções, aperfeiçoando a expressão do aluno em suas diferentes manifestações: corporal, plástica, oral e escrita.

- Propor atividades posteriores à leitura (professor e/ou alunos):
 - Desenhos
 - Colagens
 - Dramatização
 - Reprodução
 - História em quadrinhos
 - Criação poética
 - Música
 - Produção escrita de um novo texto ;
 - outras.

Na avaliação os professores propuseram um 3º Encontro para relatarem experiências, trocarem materiais. Reafirmaram a importância de se encontrarem e um professor fez o seguin-



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheucéria

ESTADO DO PARANÁ

te depoimento: "As vezes não nos damos conta de determinadas coisas, com estes encontros, percebemos e nos animamos em ver as coisas de outro lado que não o tradicional".

"O professor não tem tempo para parar e rever sua prática, quando isto é possível é ótimo".

Participaram do Encontro

- Francis
- Maria Isabel
- Daniela
- Bernadete
- Telma
- Irene
- Sérgio
- Maria José
- Maria Aparecida
- Jorge
- Marilda
- Andréa
- Rita



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

1º Encontro de Professores de Matemática do Município de
Araucária

O primeiro Encontro de Matemática para professores suple-
mentaristas de Araucária aconteceu no dia 10/09/87, das 8:30
às 17:00 horas com a coordenação da professora Regina Burias
co (Londrina), o encontro desenvolveu-se de forma dinâmica,
vários assuntos abordados e envolvimento de todo o grupo.

Inicialmente foi proposta a apresentação e o levantamen-
to das expectativas com relação ao encontro. Apareceram:

- Busca de novidades/metodologia;
- A decepção com encontros e a necessidade de um ' grupo de discussão;
- A importância de se conhecer a criança - as fases de desenvolvimento , as mudanças;
- O programa a ser cumprido ("Tem coisas que não são importantes, os alunos não vão usar nas séries se seguintes...");
- Integração da matemática de 1ª à 8ª séries;
- As dificuldades na transmissão da matemática - ' questão da linguagem;
- Preocupação com o ensino de matemática de 1ª à 4ª.

A discussão iniciou-se. Um ponto que causou bastante in-
quietação foi a dicotomia escola x vida. A escola prepara pa-
ra a vida e o que acontece com a vida no período em que se ' está na escola? Alguma coisa está errada e deve ser com a vi-
da, pois, com a escola, está tudo certo.

E a questão da matemática? Esta se encontra desvinculada
do que nos rodeia. Vemos que, se a escola prepara para a vi-
da, os problemas que nos cercam deveriam ter enunciados, e ,
assim, seriam resolvidos. Pois toda a matemática da escola ' tem enunciado, e é por isso que resolvemos os problemas.

O objetivo do professor deveria ser ensinar as crianças a pensar; é necessário que estas sejam competentes, que haja menos regras fixas e mais possibilidade de raciocínio, pois ' assim estaremos preparando as crianças para a mudança e não para a rigidez. É preciso dar chance ao aluno de aprender a "se virar".



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Qual a função da escola-educar ou adestrar? O que é fundamental para a criança? Que saiam pensando...

"A escola é uma instituição fantástica que pega a criança de 7 anos, ativa, criativa, e produz um doutor absolutamente ignorante."

É necessário conhecer os esquemas de raciocínio da criança para saber o momento de ensinar determinado conteúdo. A psicóloga auxilia o professor nesse conhecimento.

Mas a matemática pode ser interessante; pode vir a fazer parte da vida das pessoas. Para isso é preciso trabalhar com os problemas dos alunos, botar a vida para dentro da escola.

Essa nova metodologia implica em uma postura profissional condizente - é necessário que o professor esteja comprometido com o que está fazendo, e essa motivação é interna e não externa. A brincadeira é pela brincadeira, autêntica, verdadeira, e não um pretexto para o ensino.

Proposta: Trabalho de Modelagem trabalhar com os problemas da vida real. Esta proposta não implica em tirar conteúdos do programa, mas em colocar mais cientificidade, mais explicações...

Precisamos entender como as crianças aprendem, que é o caminho que a humanidade percorreu para construir o conhecimento atual. Os alunos foram condicionados a não pensar, é preciso recuperar isto, e é possível jogando problemas simples, do cotidiano. É preciso recuperar, também, a afetividade.

Nesta proposta o trabalho é em cima do que o indivíduo está vivendo, não é mudança de estratégia simplesmente, é mudança da forma de encarar o mundo. A avaliação só pode comparar o aluno com ele mesmo, nunca com outros alunos, pois o aluno tem que ser respeitado em sua individualidade e na maneira como constrói o conhecimento.

O objetivo desta proposta é que os alunos sejam críticos e competentes, as estratégias os professores criam.

"Precisamos nos reconhecer enquanto "dadores" de aula para podermos nos tornar educadores".



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Cheucéria

ESTADO DO PARANÁ

Uma pergunta sobre a qual vale a pena pensar é :-

Por mais práticos que sejam os problemas que eu elaboro para os alunos e por mais que os faça pensar, quantos destes problemas servem para que ele resolvam questões da vida deles?

Algumas experiências práticas dentro dessa proposta, foram apresentadas e discutidas com os professores. Foram indicados livros e revistas sobre o assunto.

- Reinventando a Aritmética
Constance Kamii
- A Criança e o Número
Constance Kamii
- Elementos Fundamentais da Matemática
Bento de Jesus Caraça
- Da realidade à ação
Ubiratam D'Ambrósio
Ed. Summus
- Número - A Linguagem da Ciência
Dantzik
- Vivendo a matemática
Imenes (4 vols)
- Matemática Aplicada (2º Grau)
Imenes, Trotta e Jakubovic
- Material do Telecurso (1º Grau)
- BOLEMA - Boletim de Educação Matemática - UNESP -
Campus de Rio Claro.
- Educação Matemática
Maria Aparecida de Bicudo
- Revista do Ensino de Ciências
FUNBEC
- Revista de Professor de matemática
- Revista Paranaense do Professor de Matemática



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

- Regina Buriasco
Departamento de Matemática
Centro de Ciências Exatas
Universidade Estadual de Londrina
Londrina - PR
Telefone: 0432 - 275151 Ramal 236

Avaliação

Todos os professores participantes que fizeram a avaliação consideraram o encontro de grande validade, muito importante para a conscientização do verdadeiro educador, do verdadeiro profissional. Um dos mais pessimistas fez o seguinte depoimento:

"A estratégia proposta merece alguns estudos e dentro das possibilidades, conforme ficou explicado, poderá ser viável."

No mais, há unanimidade na proposta de um novo encontro, mais prolongado. E é isso aí. Valeu!

Participaram do Encontro

- Antonio Aguiar
- Edson Luiz Küster de Oliveira
- Maria Aparecida Gonçalves Antunes
- Suzi Maria Mansur Franceschi
- Lisandra R. Ohpis da Silva
- Wilson Hornung
- Adenir Ohpis
- Orivaldo José Augusto
- Josefa Angela Castello
- Valdemir Mutti
- José Educarado de Miranda Timermann
- Carlos Augusto Saddock de Sá
- Elismary S. Ferreira
- Emílio Glir
- José Luiz Brogiani Rodrigues
- Antonio Nei Martini
- Marilda
- Andrea
- Rita



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

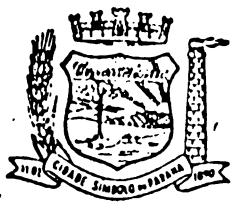
ESTADO DO PARANÁ

" RODA MUNDO, RODA PEÃO "

(Projeto do Serviço de Assessoramento Psico-
pedagógico)

Secretaria Municipal de Educação

- 1988 -



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

I. INTRODUÇÃO TEÓRICA

A sobrevivência do homem está diretamente ligada às relações com butros homens. A história do homem é a história de suas relações com outros homens.

Em sua trajetória de evolução, as relações existentes entre os homens sempre tiveram como base suas relações de trabalho.

Em algum momento houve uma divisão de tarefas (por o trabalho ter se tornado complexo), as quais, sendo repetidas por longos períodos, cristalizaram-se como tarefas "naturais", fazendo com que os homens fossem perdendo a noção do trabalho como um todo, o que caracteriza o fenômeno da alienação, próprio do sistema capitalista.

Isso dá margem para que, quem tenha o domínio de todo o processo de trabalho, tenha também controle sobre os homens que o fazem.

E, enquanto desempenhamos nossas "funções" (instituídas socialmente) como naturais, não nos damos conta de como ficamos alienados do processo de participação na sociedade: não temos consciência da nossa real situação e o que podemos fazer para transformá-la.

Para que o sistema capitalista se mantenha, o homem precisa ter incorporado à sua vida tanto as idéias veiculadas pelo capitalismo (quem espera sempre alcança, o trabalho enobrece o homem, etc...), como desempenhar papéis impostos pela sociedade: trabalhadores submissos; jovens não participativos (pois eles são o amanhã); mulheres como reprodutoras das forças de trabalho...

O modelo de homem necessário à manutenção do sistema capitalista nos é constantemente apresentado através dos meios de comunicação social (imprensa, escola, igreja...), que são, na linguagem de L. Althusser, os aparelhos ideológicos de Estado.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

Ainda, subliminarmente e muitas vezes supressivamente, o homem é impedido de buscar, em grupo, melhores condições de vida, já que, individualmente, o homem não tem expressão significativa uma vez que a transformação social se dá pela luta de classes sociais. Nenhuma instituição de ideologia capitalista permite transformação nas relações grupais, não permitindo ruptura com o sistema imposto.

Não estamos considerando como grupo pessoas que se agrupam só para executar tarefas, sem que haja mudança qualitativa nas relações entre seus membros.

Cabe ressaltar que, portanto, entende-se como grupo a reunião de indivíduos engajados num processo único, que se organizam, assumem papéis, realizam tarefas, tudo com vistas à conscientização social, alcançada a partir da análise histórica do social e da individualidade de cada membro.

A ação grupal é caracterizada, então, como não uma individualidade institucionalizada, mas a ação grupal se firma na constatação da ideologia dos papéis sociais, onde os seus membros começam a se perceber como parte de uma sociedade e com semelhantes determinações históricas, expoliados de seus direitos básicos.

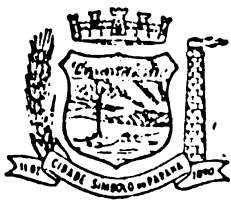
Um grupo precisa analisar-se enquanto tal, pois a mudança de qualidade acontece quando o processo grupal é calcado em análises e reflexões críticas do próprio grupo.

No processo grupal algumas considerações são fundamentais:

1. O processo grupal é uma atividade produtiva, que é a produção histórica do próprio grupo (produção das relações grupais);

2. É imprescindível o entendimento e análise das instituições que fazem a mediação infra e superestrutural social, que definem papéis sociais (hierarquias);

3. Quando o grupo produz algo, há o desenvolvimento e transformação das relações entre os membros do grupo;



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

4. É conveniente a presença de um coordenador que facilite a contradição das condições históricas da sociedade onde o grupo se insere.

" A consciência da reprodução ideológica inerente aos pa péis socialmente definidos permite aos indivíduos no grupo supera rem suas individualidades e se conscientizarem das condições históricas comuns aos membros do grupo, levando-os a um processo de identificação e de atividades conjuntas que caracterizam o gru po como unidade."

Esse pode ser um passo para a transformação social:

- . uma sociedade mais justa;
- . mais digna;
- . mais humana...

Consulta bibliográfica: "Psicologia Social - o homem em movimento" - vários autores; organizadores: Sílvia T.M. Lane e Wanderley Codo - São Paulo - Ed. Brasiliense, 1984.

II. CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA

Existem atividades dominantes em cada época de nossa vida e, as mudanças dessas atividades em cada estágio de nosso desenvolvimento, determinam um modo de dominar a própria vida.

Compreendendo que não é a própria idade mas sim as con dições sócio-históricas que determinam os estágios de desenvolvi mento humano, quando propoem os tipos de jogos, o tipo de escola, o tipo de trabalho, enfim os tipos de atividades socais, as ati vidades dominantes de cada estágio serão, portanto, propiciadas por esse contexto social. Então faz-se necessária a análise des se contexto onde está inserida a clientela, alvo do projeto em questão.

A análise da escola pública (ideologicamente útil, tec nicamente deficiente, socialmente inativa, cientificamente dis tante, etc...) e do tipo de atividade que tem proposto, tem sido



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

feita constantemente na busca de uma educação "alternativa", decalcada da realidade imediata da criança e a partir de conhecimentos historicamente produzidos, construtora das possibilidades de sua superação - requisitando o avanço qualitativo do pensamento crítico e criativo, manifesto nos comportamentos do homem (linguísticos, emocionais, corporais...).

Em Araucária essa condição educacional se mantém. Crianças e jovens encontram-se, muitas vezes, abandonados nas carteiras a mercê da transmissão de informações sem poder apropriar-se dos instrumentos desse conhecimento. A formação de grupos infantis ou juvenis de produção nas escolas é limitada e tem objetivos geralmente restritos ao reforço de aprendizagem ou manutenção da ordem escolar.

A parte da atividade escolar diária verificam-se poucas opções de atividade produtiva para as crianças e para os jovens. Culturalmente as oportunidades têm sido direcionadas aos teatros apresentados para a clientela escolar que, normalmente, abarrotam os pátios ou auditórios, impedindo o aproveitamento completo dessa importante atividade. A apresentação de temas através do vídeo cassete ou slides é limitada e pouco explorada. A produção artística se dá no atelier de artes municipal com atendimento a uma parte das crianças. Outros trabalhos de dramatização, artes plásticas, literatura são esporadicamente realizados enquanto experiências informais em escolas ou da Secretaria Municipal de Educação.

O lazer das crianças está na vivência de jogos da infância com outras crianças da vizinhança ou parentes, geralmente em locais próximos às suas casas. Os jovens costumam, em grupos, buscar as festinhas, os "saraus" para sua atividade social...

Os esportes são oferecidos pelas escolas onde a criança estuda e, em geral, são desenvolvidos em virtude dos jogos estudantis, para que haja um grupo de vencedores.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

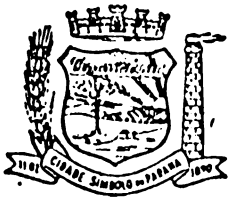
ESTADO DO PARANÁ

Considerando que a atividade econômica é basicamente industrial em Araucária e que a produção agrícola é expressiva no município, a oferta de trabalho, obviamente, está inserida nessas áreas. A preparação para o mercado de trabalho, porém, é restrita às atividades no Magistério e em Contabilidade, a nível de 2º grau, na sede do município. Frente a esse panorama escolar e profissionalizante, portanto, é reconhecida a deficiência da formação (tanto técnica quanto crítica) do jovem para sua realidade social: um mercado de trabalho competitivo, inserido num sistema capitalista, que absorve as famílias proletárias, também mal preparadas, posto que frequentadoras dos mesmos bancos das escolas públicas.

Conhecendo essa realidade local e percebendo a existência dessa mesma situação em muitos outros municípios do estado e do país, é preciso reassinalar a necessidade social e humana de ampliar as situações de reflexão e discussão, de construção de conhecimentos, de criação de perspectivas, produção irrestrita de esperança e propostas de redimensionamento do que se apresenta aos nossos olhos (e longe deles).

III. JUSTIFICATIVA

Entendendo a ação da Psicologia Escolar não unicamente como o atendimento individualizado das dificuldades escolares, mas como um instrumental científico para intervenção junto à comunidade escolar no sentido de criar ou reestabelecer relações sociais transformadoras, conforme a concepção de grupo já apresentada, e, ainda, percebendo a necessidade de espaços de reflexão coletiva, o Serviço de Assessoramento Psicopedagógico propõe, na forma deste projeto, encontros com estudantes de Araucária.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

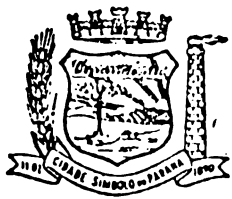
ESTADO DO PARANÁ

IV. OBJETIVO GERAL

Desenvolver, junto a grupos de estudantes, a reflexão coletiva acerca de diferentes questões sociais e conhecimentos científicos, construindo relações de aprendizagem que contribuam nas práticas pedagógicas sociais e nas mudanças qualitativas do pensamento do grupo.

V. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. proporcionar a vivência das relações grupais de onde possa emergir a consciência do papel do outro e do seu próprio, ampliando a clareza das relações sociais existentes e favorecendo a construção de relações de cooperação e transformação coletiva;
- b. estabelecer o papel do coordenador do grupo como um facilitador do processo coletivo e da produção de conhecimento;
- c. criar uma metodologia, considerando o conhecimento científico do desenvolvimento humano, para a consolidação do processo ensino-aprendizagem proposto;
- d. investigar, junto ao grupo de trabalho, o desenvolvimento de outros temas de interesse;
- e. propor e explorar conteúdos destacados do "universo temático" do grupo, levando em conta a produção histórica e social do conhecimento humano:
 - e.1. "Como funciona a sociedade" - facilitar a apreensão das relações sociais existentes no sistema capitalista, introduzindo as noções de ideologia, relações de trabalho e papéis sociais (do homem e de suas instituições);
 - e.2. "O homem chega e já desfaz a natureza" Situar historicamente as relações do homem com a natureza; detectar as implicações do uso irracional que o homem tem feito da natureza, principalmente local; alternativas para o uso racional do



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

meio ambiente;

e.3. " E a vida é o trabalho " - promover o entendimento da categoria TRABALHO, seu histórico e sua função social, resgatando as relações sociais e a ação do homem sobre a natureza; evidenciar o perfil do trabalhador, as necessidades do mercado de trabalho e a pré-determinação das opções de trabalho dentro da sociedade capitalista; discutir a função social da escola na formação do trabalhador, fornecendo elementos para a análise crítica da continuidade dos estudos;

e.4. " Ser inferior ou ser diferente?" - Evidenciar a função social da discriminação enquanto mecanismo de manutenção do poder pelos mesmos grupos (dominantes); explorar os níveis de discriminação da mulher, do negro, do trabalho e outros levantados pelo grupo.

VI. CLIENTELA

Divulgação junto a estudantes de 7ª e 8ª séries das escolas municipais e estaduais de Araucária para inscrição no período da manhã ou da tarde, sendo que o número de vagas estipulado para cada período foi de 25 (vinte e cinco).

VII. CRONOGRAMA

Quatro encontros semanais, distribuídos nas terças-feiras pela manhã e à tarde, com previsão de realização no mês de maio.

VIII. PREVISÃO DE RECURSOS

a.Humanos - 04 coordenadoras

b.Físicos - Sala de reuniões do C.S.U., por ser ampla o suficiente para atividades corporais, artísticas, etc.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

c. Materiais--

- . permanentes: .1 gravador/toca-fitas
 - .1 projetor de slides
 - .2 máquinas fotográficas
 - . painéis (armação)

- . de consumo: .30 canetas
 - .500 fls. de papel sulfite
 - .2 filmes preto e branco(36 p.
 - .50 fls. de papel para pintura
 - . tintas gouache
 - .30 pincéis
 - .5 colas
 - .sucata
 - .1 caixa de giz
 - .50 pastas
 - .3 fitas K-7
 - .5 cartolinas



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

IX. DESENVOLVIMENTO

1. COMO FUNCIONA A SOCIEDADE

1.a. apresentação: cada participante falará o seu nome, a idade, a série e a escola em que estuda, a expectativa quanto ao projeto; as coordenadoras deverão apresentar-se deixando claros alguns itens: .a visão de Homem e de grupo que têm; .o objetivo do projeto junto ao grupo e para a educação; . o porquê da escolha de estudantes de 7ª e 8ª séries (mercado de trabalho); . a intenção de criar espaços alternativos para estudantes, a importância da produção grupal...

1.b. integração: o grupo deverá procurar pelo espaço da sala pedaços de um tema a ser montado, correlacionado ao tema do dia;

1.c. discussão: explorar o discurso do grupo sobre a sociedade a partir do tema montado, situando cientificamente as colocações;

1.d. apresentação do slide " Como funciona a sociedade": explorar cada slide, resgatando aspectos anteriormente discutidos;

1.e. produção de texto: a partir do entendimento da discussão feita nesse período, propor ao grupo a produção de texto;

1.f. contrato de trabalho: amarrar o comprometimento com a participação nos encontros seguintes propondo um limite de 1 (uma) falta, apresentar a sequência dos encontros posteriores, levantar a possibilidade da continuidade do projeto, propor a pasta de materiais produzidos e de consulta...

1.g. atividade de relaxamento: trabalhar com o corpo, propondo diferentes estados musculares (boneca de pau, boneca de pano, boneca de mola, estátua...).



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Araucária

ESTADO DO PARANÁ

2. O HOMEM CHEGA E JÁ DESFAZ A NATUREZA

2.a. aquecimento: trabalho de expressão corporal e facial através de atividades de "espelho" (duplas de imitação de exercícios corporais) e de "caretas" (em círculo, criar caretas e passar para a pessoa que está ao lado);

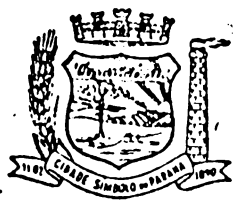
2.b. resgate: em círculo resgatar verbalmente o encontro anterior, propor uma "performance" de como funciona a sociedade, congelar a cena produzida, ler a história "A árvore que pensava", simular um estímulo ambiental negativo sobre a cena (um trator construindo uma represa) e, a partir da música "Sobradinho" (Sá e Guarabira), propor ao grupo que se reorganize;

2.c. discussão: discutir o que o grupo percebeu e representou. Situar as relações do homem capitalista com o ambiente em que vive, as consequências (exemplos);

2.d. painéis: discutir as notícias pré-selecionadas acerca da questão ambiental no país, em outros países e no município, situar os movimentos locais, trabalhos, produções artísticas de pessoas e grupos preocupados com o problema ambiental de Araucária e com possíveis soluções (AMAR, usina de lixo, grupos ecológicos escolares, músicas do Gláucio e Biscaia...)

2.e. produção: expressão plástica ou escrita acerca da situação diagnosticada, das preocupações e propostas;

2.f. atividade de relaxamento: a partir da música "Cio da terra" (M. Nascimento) propor a experimentação de uma fantasia.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

3. E A VIDA É O TRABALHO

3.a. aquecimento: propor a brincadeira do "nó" e um jogo de confiança (um conduz o outro pela sala de olhos fechados);

3.b. resgate do tema anterior;

3.c. fornecer informações: apresentar um histórico da evolução do trabalho através de um painel esquematizado, facilitando o entendimento do grupo;

3.d. apresentação de um tema em vídeo-cassete: "Tempos modernos" (Charles Chaplin) ;

3.e. discussão: explorar as relações percebidas entre o histórico, o filme, ressaltando o perfil do trabalhador e as possibilidades de superação das condições levantadas, assim como analisar criticamente as opções para continuidade de estudo (2º e 3º graus). Utilizar-se do painel sobre "As dez coisas sobre o direito do trabalhador" para enriquecer esta discussão;

3.f. texto coletivo: levantar pontos importantes da discussão anterior para elaborar coletivamente um texto;

3.g. atividade de relaxamento: propor uma atividade ao grupo para fechamento do encontro.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE

Chapecó

ESTADO DO PARANÁ

4. SER INFERIOR OU SER DIFERENTE?

4.a. aquecimento: trabalhar com a dinâmica "você me ama?" para aumentar a percepção de características diferentes;

4.b. resgate do encontro anterior: após o resgate através de um painel esquematizado, colocar questões para serem respondidas individualmente com consulta ao texto produzido no encontro anterior. Distribuir, porém, apenas para aqueles estudantes que tiverem determinada característica pré-estabelecida (usando calça jeans, por exemplo);

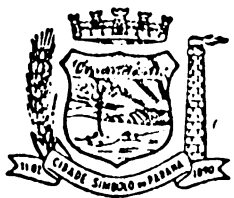
4.c. discussão: analisar a dinâmica utilizada para compreensão da função social da discriminação (manutenção do poder por grupos dominantes);

4.d. recortes de revistas e jornais: em duplas selecionar artigos sobre diferentes tipos de discriminação;

4.e. painel de discriminações: apresentação das notícias e discussão acerca dos aspectos ideológicos e sociais;

4.f. produção : deixar à disposição do grupo os recursos da pintura, desenho, escrita, gravação, etc, para que possa manifestar o entendimento e as preocupações e/ou propostas acerca das questões exploradas durante os encontros desse projeto no jornal ou no programa de rádio da Secretaria de Educação;

4.g. fechamento: avaliação dos encontros, possibilidade de continuidade dos encontros e possíveis temas, data para recebimento da pasta de materiais produzidos e de consulta.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE
Criciúma
ESTADO DO PARANÁ

X. RESPONSABILIDADE E COORDENAÇÃO DO PROJETO

SERVIÇO DE ASSESSORAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

Andréa Vieira Zanella

Psicóloga Escolar - CRP 02626

Hilene de Souza

Psicóloga Escolar - CRP 02629

Mônica Dorrenbach Luna

Psicóloga Escolar - CRP 02628

Rita Isabel Vaz

Psicóloga Escolar - CRP 02631

ANEXO 14

A IMPOSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO PELO MOVIMENTO

A psicomotricidade é uma ciência que visa levar o homem à descoberta das capacidades expressivas do seu corpo. Supera a oposição; "O homem e seu corpo", pela afirmação: "O homem é seu corpo",

No ser humano o desenvolvimento biológico (isto é, a sua maturação nervosa e psicomotora), e o desenvolvimento social, (isto é, a apropriação da experiência social), são condições um do outro.

O psíquico e o motor são a mesma coisa, no mesmo tempo : de um lado a subjetividade onde o corpo vive, do outro a forma objetiva que o corpo toma ou executa.

O movimento é o meio pelo qual o indivíduo comunica e transforma, o mundo que o rodeia. É também a primeira estrutura de relação com o meio, com os outros de onde se edificará a inteligência, é a primeira forma de expressão emocional e de comportamento. É a característica existencial da criança até a aquisição da linguagem.

(Vitor da Fonseca)

"É a partir do ato que o homem estrutura o seu pensamento, integrando e integrando-se num social, isto é, se transforma num ser social total e integrado. A passagem do ato ao pensamento é o resultado de conflitos e oposições entre a situação e a ação introduzindo uma mudança qualitativa no desenvolvimento psicobiológico." (Vitor Fonseca).

O desenvolvimento da inteligência é, pois, em grande medida, função do mundo social, isto é, do como é integrado o que está fora de nós!

O homem é o único ser da natureza cuja atividade motora se encontre ao serviço da representação, da inteligência e do grupo social que o envolve.

Foi pelo movimento (como aprendizagem) que o homem atingiu o bipedismo, liberou as mãos para o trabalho, descobriu e edificou a linguagem através da qual pode assimilar o saber.

A imitação é a chave do desenvolvimento efetivo e intelectual da criança e caracteriza-se por um aspecto interior (representação) e por um aspecto exterior (ação).

A imitação passa por um contato com o modelo social na realização de movimentos descoordenados, para uma integração mais controlada e sistematizada dos modelos, expressa por gestos mais regulados,

depois reprodução semelhante ao modelo social e por fim recriação do modelo com gestos originais (próprios da criança).

A imitação e o jogo fazem parte da evolução biológica. Possibilitam a difinição do próprio comportamento.

"A criança é um espectador do mundo adulto. Ela é o resultado das relações sociais que vê a sua volta. Só depois de ser espectador a criança pode transformar em ator e é por isso que ela compreende mais palavras do que aquelas que sabe dizer". (Guillaume).

PSICOMOTRICIDADE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLARIDADE

(Segundo de Mente e Staes)

Para a maioria das crianças que passam por dificuldades de escolaridade, a causa do problema não está no nível da classe o que chegaram, mas bem antes, no nível das bases.

Os elementos básicos ou "pré-requisitos", condições mínimas para uma boa aprendizagem, constituem a estrutura da Educação Psicomotora.

Uma criança cujo Expressão Corporal é mal constituída não coordena bem os movimentos. Vemos que é atrasada quando se despe, que as habilidades manuais lhe são difíceis. Na escola a caligrafia é feia, a leitura expressiva não harmoniosa: O gesto vem após a palavra, a criança não segue o ritmo da leitura ou então para o meio de uma palavra.

Uma criança cuja lateralidade não está bem definida encontra problema de ordem espacial, não "percebe" diferença entre seu lado dominante e o outro lado, não distingue a diferença entre a E e D, é incapaz de seguir a direção gráfica (leitura começando pela esquerda). Igualmente não consegue reconhecer a ordem em um quadro. Como, nessas condições, poderia ler em quadro com dupla entrada e colocar corretamente um título ou a data em seu caderno?

Diante de problemas de percepção espacial uma criança não é capaz de distinguir um "b" de um "d", um "p" de um "q", 21 e 12". caso não perceba a diferença entre a E e a D. Se não distingue bem o alto e o baixo, confunde o "b" e o "p", o "n" e o "u", o "ou" e o "on".

Os problemas quanto a orientação temporal e orientação espacial como por ex: com a noção de "antes depois", acarretam principalmente confusão na ordenação dos elementos de uma sílaba. A criança sente dificuldade em reconstruir uma frase cujas palavras estejam misturadas, sendo a análise gramatical um quebra-cabeça para ela.

Uma má organização espacial ou temporal acarreta fracasso em Matemática com efeito, para calcular a criança deve ter pontos de referência, colocar os números corretamente, possuir noção de "fileira", de "coluna", deve conseguir combinar as formas para fazer construção geométricas.

Apesar da análise sucinta é indiscutível que a psicomotricidade tem papel fundamental na escola, posto que visa o desenvolvimento total da pessoa. Mas a isso é necessário que haja uma reflexão e até reformulação a nível dos objetivos e métodos pedagógicos. Segundo Le Boulch, a "prevenção das inaptações escolares passa por uma verdadeira renovação pedagógica e por um esforço particular voltado para as séries iniciais". "O desinteresse pela matéria escolar pode ser de origem efetiva e corresponde assim o problema de organização de personalidades. Mas a falta de motivação, fonte de desatenção, é às vezes devida a um certo modo de apresentação da matéria escolar, que incita a criança a excessiva passividade".

Ao professor cabe o preparo para uma análise do comportamento da criança a fim de que se descubra as origens da "inaptação" escolar. É necessário a aplicação de uma educação psicomotora integrada ao conjunto das disciplinas escolares. E esse conhecimento depende do espaço próprio na busca constante de informações.

PSICOMOTRICIDADE - UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Por que existem tantas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Alguns nasceram para não serem capazes, não aprenderem? É claro que não. Não se pode admitir esta fatalidade.

A dificuldade não está na criança. Está na relação criança-adulto, ensino-aprendizagem. E como partir do ciclo vicioso do ensino para o ciclo virtuoso da aprendizagem?

A proposta pedagógica é:

- Uma prática - prática que dê prioridade à MÃO-CEREBRO.
- Uma prática - empática que seja superlotada de carga e descarga efetiva com espaço e tempo (sem pressa).
- Uma prática - versátil, polivalente, que não seja castrado de opções, mas que considere o direito a obstinação da criança.
- Uma prática - provocatória que detone na criança o querer ser pessoa, criar e recriar na aprendizagem da vida e das coisas.

- Uma prática - lúdica que seja disponível e realizante de conteúdos existenciais, traga sempre um sentimento de humor.
- Uma prática - atrevida que ensine alegremente novas pistas, sem medo de descobrir o diferente.
- Uma prática - integrada que salte sempre dum contexto físico-e-social situado no real-do-cotidiano. Que seja concreta, do dia-a-dia e não abstrata. Que seja geradora de aprendizagem.
- Uma prática - plural e Universal, que não seja fragmentada, alienada medrosa, mas seja sempre uma história dentro de outra história...
- Uma prática-em-sem-fim, sempre recriação permanente, onde quanto mais se faça e refaça mais fique vontade e coisas para fazer.
- Uma prática-coletiva individualizante, ou seja igual para todos na partida (situação) mas bem diferente na chegada (individual).
- Prática-duma-nova linguagem, em que se misture a linguagem da casa da escola, da rua, do cotidiano.

(Nelson Mendes)

ELEMENTOS DA PSICOMOTRICIDADE

Definição e Exemplos de atividades práticas.

- Coordenação Dinâmica Geral
- Estruturação Espacial
- Estrutura Temporal
- Coordenação Motora Fina
- Lateralidade
- Linguagem
- Pré-escrita
- Coordenação Óculo Manual
- Esquema Corporal
- Equilíbrio

COORDENAÇÃO DINÂMICA GERAL

Consiente no desenvolvimento dos grandes músculos. Movimentos amplos.

A criança por natureza é inquieta. Sente necessidade de correr, pular, jogar... Ela, tendo espaço, naturalmente executa movimentos amplos. Cabe à escola oferecer espaço para continuar este processo de maneira que a criança possa executar seus exercícios de movimentação e locomoção.

Antes de ter controle sobre a mão a criança deverá ter domínio do corpo todo.

Favorecer exercícios de andar, correr, arrastar-se, pular, arremessar, rolar, engatinhar de diferentes maneiras sobre diferentes superfícies e planos.

Exemplos;

- Imitar animais (gato) andando com as mãos e os pés, sem apoio dos joelhos.
- Imitar animal pesado, andando pesadamente e mexendo braço e perna esquerda, braço e perna direita.
- Andar cobra,
- Correr e parar imóvel ao ouvir um sinal.
- Subir e descer escada.
- Saltar com um pé só.
- Pular obstáculos.
- Andar nas pontas dos pés, nos calcanhares, arrastar-se.
- Salto em distância.
- Marcha normal, de ré, de cócoras.
- Saltos de coelho.

Exemplos de atividades:

Arremessos à distância - Sem corrida de impulso - Usar diferentes tipos de bola.

- Com corrida de impulso.

Arremessos de precisão com bola leve

Jogos funcionais de arremesso

Esquivar-se da bola em círculo. Os alunos são divididos em 2 equipes iguais. Uma delas está colocada na parte interna de um círculo e a outra fica repartida uma volta do círculo.

Arremessando a bola, os que formam o círculo tentam atingir um daqueles que estão dentro. Os alunos atingidos são eliminados.

Caçador - criança-caçador - tem a posse da bola e encontra-se no centro da quadra. Os outros jogadores ficam em círculo em volta deste. Ao sinal de início do jogo o caçador arremessa a bola tentando atingir a "caça". Cada coelho atingido torna-se caçados e coopera com o 1º para acertar nos outros coelhos.

Obs: Se a bola bater no chão antes de atingir a caça esta não é apanhada. Os caçadores podem trocar passes quando não estiverem em condições de arremessar diretamente a bola sobre um coelho. O caçador não pode se deslocar com a bola.

ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

Para que a criança desenvolva a orientação do seu eu com relação ao meio em que vive é imprescindível a evolução da percepção do "corpo próprio" (esquema corporal) e lateralidade.

A orientação espacial é a "estruturação do mundo exterior referindo-se 1º ao referencial, depois a outros objetos ou pessoas em posição estática ou em movimento" (J.M.Tasset).

Compreende as noções de: frente, atrás, ao lado, em cima, em baixo, a direita, à esquerda, no centro, no meio... a criança deverá estar, apta a reproduzir mentalmente, seu corpo de acordo com 3 eixos: alto, baixo, atrás, direita, esquerda.

Podemos entender a evolução na estruturação espacial pela passagem nas 4 etapas que seguem.

Conhecimentos das Noções - a criança se desloca no seu espaço habitual é solicitada que se situe ou situe objetos. Deverá perceber as diferentes formas, grandezas e quantidades.

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

Tendo o domínio dos termos espaciais ensinamos a orientar-se. A criança aprende a orientar os objetos: colar um triângulo no alto da folha com a ponta virada para direita.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Nesta etapa vamos combinar diversas situações, várias orientações, ensinar as linhas oblíquas. A criança disporá os objetos para ocupar um espaço determinado. Esta 3ª etapa engloba as 2 las e permite à criança dispor somente do espaço oferecido.

COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ESPACIAIS

Esta etapa baseia-se unicamente no raciocínio a partir de situações espaciais bem precisas. A criança deverá perceber a relação entre diversos elementos que lhe são apresentados.

ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

EXEMPLO:

- Correr livremente e ocupar todo espaço do pátio, depois correr, andar, pular num espaço restrito.
- Conversar sobre: quem está próximo, à direita, à esquerda, em frente.
- Andar em passos largos, para frente, para trás, para os lados.
- Pular no mesmo lugar, para frente, para trás, para o alto.

- Arremessar saquinhos de areia para longe, perto, para trás, para frente.
- Distribuir folhas com dois círculos do mesmo tamanho, no 1º desenhar grandes no 2º pequenos, comparar a quantidade dos elementos num mesmo espaço.
- Recortar figuras grandes e pequenas.
- De olhos vendados a criança tateia o espaço e o descreve.

ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL

A estruturação temporal é a capacidade, de situar-se com função:

- Da sucessão dos acontecimentos (antes, após, durante).
- Da duração dos intervalos (longo, curto, diferente entre ' correr e andar...)
- Da renovação cíclica de certos períodos (dias da semana, meses estações)
- Do Ritmo - o ritmo abrange a noção de ordem, de sucessão, de duração e de alternância.

Exemplos:

- Conversar sobre a evolução do ser humano, favorecer a dramatização das fases da vida (gestos, movimentos, sons, posturas, maneiras de se locomover).
- Marchar numa cadência marcada.
- Dramatizar situações de ações realizadas à noite, de dia.
- Confeccionar um calendário semanal.
- Comparar as idades das crianças (quem nasceu antes).
- Observar maneiras de medir o tempo (relógio- calendário).
- Conversar sobre o que realizou ontem, de manhã, de tarde, de noite, hoje amanhã...

COORDENAÇÃO MOTORA FINA:

Desenvolvimento das extremidades pulso, mão e dedos.

Motivar o rasgar de papel, fazer encaixes, perfurar, e rabis- car oportunidades de desenho, corte, colagem, perfurar, enfiar, laçar, alinhar, modelar, montar, pintar.

Exemplos:

- Descontração das mãos e dos dedos.
- Deixar as mãos moles, balançar as mãos com o punho solto em todas as direções.
- Rasgar papel, plástico, tecido, formando figuras.
- Confeccionar colares, pulseiras com contas, bolinhas, carretéis...

- Perfurar papel, plástico, isopor.
- Fazer laço do cadarço dos sapatos.
- Fazer nós em barbante.
- Modelar.
- Pintura a dedo.
- Colagem com areia.

LATERALIDADE

Durante o desenvolvimento é definido na criança uma dominância lateral: de que lado será mais forte e mais ágil. A lateralidade cor responde a dados neurológicos mas também é influenciado por certos hábitos sociais.

Não se deve confundir lateralidade (dominância de um lado em relação ao outro, a nível da força e da precisão) e lado em relação ao outro, a nível da força e da precisão) e conhecimento "esquerda-direita" (domínio dos termos D/E),

O conhecimento E/D decorre da noção de desenvolvimento lateral. Esse conhecimento será mais fácil, apreendido quanto mais acentuada e homogênea for a lateralidade da criança.

Sugestões de atividade para descobrir o lado dominante, o lado não dominante será fortalecido por meio de exercícios simétricos, a fim de estabelecer um equilíbrio de força e de destreza entre os 2 lados.

JOGOS PARA OS MEMBROS INFERIORES

- Pular em um pé só - vai com uma perna e volta com outra.
- Colocar saco de grãos em um dos pés da criança e pedir que vá em frente sem deixar cair.
- Exercício de equilíbrio - manter-se durante o tempo possível, sobre um pé e depois sobre outro.
- Jogo de amarelinha.

RISCAR NO CHÃO AS FIGURAS

1. A criança alterna 2 pulos com o pé esquerdo e 2 com o direito.

Jogo com duas ou 3 crianças. A 1ª completa o trajeto em um só pé sem tocar as linhas e mudando de pé a cada fileira. Se ele conseguir, marcar uma cruz em uma casa a sua escolha; agora, estará em sua casa e poderá descansar. A 2ª criança faz a mesma coisa e desenhará um círculo na casa escolhida etc... Não, se pode pular para o território da outra deve-se "sobrevoá-lo".

JOGOS PARA OS MEMBROS SUPERIORES

Jogos cantado: Atirei um pau no gato
Sorvete colorê
Pirulito que bate-bate

Jogo de equilíbrio (um corrida se revezamento):

A criança coloca uma mão nas costas e a outra na horizontal, braço estendido. Coloca-se nesta mão um saco de mais ou menos 250 Grs. A criança deve andar sem deixar cair o saco, até um certo ponto - fará o trajeto de volta mudando o saco de mão.

Driblar com uma bola.

1º com uma mão depois com outra ver a diferença de acertos.

2 equipes, cada criança dribla até um ponto que ela controla e então troca de mão para voltar.

Corrida de dribles com obstáculos.

Brincar de escravos de jô.

LINGUAGEM

O momento de maior significado no desenvolvimento intelectual acontece quando a fala e a atividade prática convergem (juntam-se).

A fala é tão importante quando a ação para atingir um objetivo. Quanto mais complexa a ação, maior a importância que a fala adquire para a linguagem habilita as crianças e providenciam instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas (de conhecimento) e comunicativas da linguagem tornam-se a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

PRÉ-ESCRITA

Os três elementos básicos para a escrita são: Domínio do gesto, estruturação espacial e orientação temporal.

A escrita supõe

- Uma direção gráfica: escrevemos horizontalmente da esquerda para a direita.
- Noções de em cima e embaixo (n e u), de direita e esquerda, de oblíquas e curvas.
- Noção de antes e depois.

Os exercícios de pré-escrita e grafismo são necessários para que a criança domine o gesto, perceba e compreenda a imagem a reproduzir. Podem ser puramente motores, exercícios de desenho, pintura...

Estes exercícios não devem reprimir a espontaneidade da criança, seus desenhos são formas de expressão da visão de mundo.

Para dominar o gesto da escrita a criança precisa de equilíbrio entre as forças musculares, flexibilidade e agilidade de cada articulação do membro superior.

O programa de exercícios motores deve incluir:

- Mobilização do ombro, do pulso, de cada um dos dedos.
- Trabalho para fortalecer os músculos de cada dedo e desenvolver a destreza manual.

É importante para os exercícios de grafismo partir de desenhos grandes, para depois diminuir as proporções.

O desenvolvimento da linguagem escrita é proporcionando principalmente pela linguagem verbal, além do brinquedo e desenho, que funcionam desde o início como mediadores da atividade social.

Apesar do desenho ser uma representação gráfica, nos primeiros estágios ele é uma simbolização do real, com correspondentes concretos. Quando a criança, ela pode representar a fala, ela descobre o mecanismo da linguagem escrita. Quando dominada, a linguagem escrita passa a ser uma representação direta do social e pessoal, sendo percebida assim como a linguagem verbal.

A linguagem escrita só é de fácil entendimento para a criança quando atende às suas necessidades de compreensão representação e organização das diversas situações de sua vida, e deve ser aprendida naturalmente.

COORDENAÇÃO ÓCULO MANUAL

Ligação entre o campo visual e a motricidade fina da mão e dos dedos. Na coordenação entre espaços cinestésico e espaço visual, o arremesso e o apanhar são atividades maiores, de grande alcance educativo. Para copiar do quadro a criança precisa desenvolver esta habilidade.

Arremessar e apanhar por duplas - 2 a 2 as crianças vão arremessar a bola de diferentes maneiras. Dependendo dos acertos a distância vai aumentando; 1º sem deslocamento depois com deslocamento.

Arremesso em um círculo no chão

Arremesso a cesta de basquete

Malabarismo com apenas uma bolinha - Arremessar, apanhar com a mesma mão.

- Jogar com uma e pegar com a outra

- Bater no chão e pegá-la com uma ou com 2 mãos.

Arremessar petecas
 Jogar bolinha de gude
 Acompanhar o voo de um pássaro imaginário.

ESQUEMA CORPORAL

"O Esquema Corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente , global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo (Wallon).

A criança precisa interiorizar o seu corpo para que o esquema corporal se estruture. Essa interiorização é difícil de conseguir na criança de 6 a 8 anos, assim, é interessante começar colocando as partes do corpo mais fáceis de serem auto controladas.

Ex. Exercícios de conscientização segmentária dos membros.

A criança de 5 a 7 anos deve ser capaz de reconhecer: cotovelos, cílios, punhos, sombrancelhas, narinas, barrigas da perna, palpebras, tornozelos, quadril.

A imagem do corpo constitui a história de toda a experiência e aprendizagem da criança.

- O corpo e o psiquismo da criança são uma e a mesma coisa.
- A criança percebe aprende e faz as tarefas escolares com o corpo inteiro.
- A criança expressa as suas necessidades, manifesta as suas pulsões e exterioriza as suas emoções através do seu corpo.

Exercícios para perceber as partes do corpo.

- Brigas de galo (com os braços)
- Carrinho (mão, braços)
- Pedalar (pernas)
- Aplaudir (mãos)
- Andar descalço na areia, no chão...
- Fazer buraco na areia com o dedo.
- Brincar de boneca de pau, boneca de mola (enrijecer e soltar o corpo)
- Andar de joelhos

Outros exercícios

- Relaxamento (a criança de olhos fechados, o educador vai falando de cada segmento do corpo para que a criança tensione, sinta e relaxe).

EQUILIBRAÇÃO

- O equilíbrio está constantemente implicado na coordenação dinâmica geral, a proposta de um item em separado é que a aqui propomos situações onde o equilíbrio será solicitado de modo dominante.

O desempenho normal da função de equilíbrio pode ser perturbado por causas psicológicas (situações de medo que desregulam os mecanismo de regulação tônica comandados pe lo cerebelo).

ATIVIDADES

- Andar sobre um pneu
- Desenhar dois círculos no chão, começando a correr a criança toma impulso dentro de um dos círculos, cai no segundo e continua sua corrida.
- Andar na beirada da calçada.
- Andar em cima do muro.
- Pular com um pé só (Saci)
- Em dupla, um de pé segurando os pés do outro que anda com as mãos.
- Com uma corda brincar de cabo de guerra (uma equipe de cada lado puxando para seu lado).
- Briga de galo (duas crianças ficam frente a frente agachadas e se deslocam saltitando com os pés juntos. Elas sentam desequilibra-se mutuamente batendo-se nas palmas das mãos).

BIBLIOGRAFIA

Alfabetização: Um Desafio Novo Para um Novo Tempo

Isilda Terezinha Sausen Feil

Vozes - 1983 - Petropolis

Escola, Escola, Quem és Tu?

Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano.

Vitor da Fonseca e Nelson Mendes

Artes Médicas - 1987 - Porto Alegre

Psicomotricidade: Educação e Reeducação

A. De Meur e L. Staes

A Formação Social da Mente - Vygotski

Artes Médicas

Educação Psicomotora - Le Boulch

Artes Médicas

Psicomotricidade - Vitor da Fonseca

Martins Fontes

Psicomotricidade - Jean-Claude Coste

Esclarecendo...

A organização deste material vem de encontro a necessi
dade percebida de que a criança precisa ser entendida na sua glo
balidade para que a atividade pedagógica possa realmente efeti-
var-se.

Não podemos conceber mais uma prática dissociada do in
divíduo enquanto ser concreto, real, que se expresse corporalmen
te - "O homem é seu corpo".

Pretendemos auxiliar os educadores na reflexão e redis
cussão da prática de sala-de-aula. O processo ensino-aprendizagem
precisa antes de mais nada transformar-se em atividade prazeiro-
sa e o verdadeiro prazer deve partir do conhecimento e exploração
do próprio corpo em toda a sua potencialidade.

Andréa Vieira Zanella

Rita Isabel Vaz⁵

Junho de 1987.

Título do Trabalho: PSICÓLOGO ESCOLAR: TRABALHADOR SOCIAL

Autoras: Andréa Vieira Zanella e Rita Isabel Vaz

País: Brasil

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Araucária - PR

I - INTRODUÇÃO

A psicologia é uma ciência oficialmente nova. E a psicologia escolar, literalmente falando, pouco existe. A psicologia escolar que vemos seguidamente é, na verdade, psicologia clínica na instituição escolar. Precisamos repensar essa atuação.

O psicólogo, independente da área de atuação, deve ser entendido como trabalhador social. Através da sua práxis atua diretamente na realidade, e há uma opção definitiva a ser feita: ou trabalha pela acomodação ou trabalha pela superação e transformação. Mas transformação do quê? O trabalhador social é aquele que procura fazer com que os homens se percebam enquanto sujeitos do processo histórico que vivem. É preciso que a visão de homem-objeto, ideologicamente adequada, seja superada, para que este possa, então, participar da sociedade que constrói (não mais um mero reprodutor).

Uma boa atuação da psicologia levará a uma mudança qualitativa na vida do cidadão. Levará a uma melhoria na saúde mental, e esta melhora consequentemente deverá levar o indivíduo à busca de melhores condições de vida. O processo é dialético: precisamos viver bem para estarmos bem.

II - ESCOLA - LOCAL DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR

É imprescindível que a prática do psicólogo escolar se dê na escola, pois é um espaço onde se reproduzem todas as relações da sociedade, e que inevitavelmente precisa de intervenção.

E é preciso direcionar essa intervenção baseados na escola que se nos apresenta: escola pública, feita para o povo (diferencie-se aqui de escola do povo) por uma classe minoritária dominante, desprovida de recursos, seletiva, discriminadora. E a prática pedagógica dessa escola: alienada, conteudística (quando não é desprovida de conteúdos), competitiva, de baixa qualidade. Nem é preciso falar dos profissionais que encontramos: "desqualificados", mal pagos, poucos são na verdade profissionais.

A escola geralmente é o foco principal de uma comunidade, mas desvinculada do que ali acontece e das pessoas que ali vivem. A comunidade, por não conseguir espaço para manifestar-se, vê na escola um bem que lhe é "generosamente concedido".

A prática escolar, por sua vez, desmente a cada dia a crença dos pais de que tendo estudo os seus filhos poderão subir na vida. Na verdade poucas crianças permanecem na escola, e as que concluem seus estudos conseguem no máximo uma maior mobilidade dentro da sua própria classe social.

Precisamos entender a escola como uma instituição, e como tal apresenta relações hierárquicas de poder que cristalizaram-se no decorrer do processo - histórico. A atuação do psicólogo escolar enquanto trabalhador social deve partir de uma análise da instituição escola, que implica no entendimento do processo histórico na qual foi produzida.

III - PROPOSTA DE ATUAÇÃO

Nossa proposta de trabalho é: reaproximar a escola da condição real da criança, da sua cultura. Acreditamos poder superar a escola desvinculada da realidade do aluno através das discussões sobre a sociedade e das técnicas fundamentadas numa visão de homem agente da história, transformador. É importante que o homem se aproprie dos conhecimentos historicamente construídos, que tenha uma visão global e não fragmentada.

Esse tipo de prática contribuirá para a construção de um homem capaz de superar sua situação de carência e nesta transformação social também se transformar, ser questionador, não aceitar o que está estabelecido. Nossa prática parte da cultura do educador, do seu concreto para que ele chegue ao domínio da cultura letrada, não lhe fornecemos apenas conhecimentos técnicos, mas também discutimos questões sociais, políticas, econômicas, para que sejam historicamente superadas.

Para que esse objetivo se efetive é fundamental que as necessidades básicas estejam supridas, que os profissionais especialistas da escola, estejam livres de atividades assistencialistas e burocráticas, podendo exercer a peculiaridade de suas funções, para criarmos e discutirmos juntos a educação, para que os professores possam também comprometer-se com essa educação, vendo-se responsável por esse processo educacional. Não deveríamos, como ocorre em muitos momentos, estar abandonando a proposta técnica em função das questões políticas e básicas que se tornam prioritárias e pertinentes.

O trabalho do psicólogo escolar se dá na análise institucional, detectando conflitos e suas verdadeiras causas, que vão desde as contidas nas relações interpessoais até aquelas contidas na má estrutura administrativa, a tentando para as suas consequências também.

O trabalho estende-se aos grupos de pais e aos grupos de professores com os quais deverá buscar-se a discussão essencial sobre educação, possibilitando o comprometimento desses grupos na criação e/ou transformação do modelo de escola, mais inserido na comunidade, na região e no país.

Ainda deve o psicólogo entrar com sua proposta de trabalho psicopedagógica ressaltando o desenvolvimento infantil, entendido como um processo sem limites onde se inter-relacionam os aspectos internos e externos do ser humano; o homem é um ser ativo e através da sua atividade transforma a natureza e a si próprio. Este tipo de relação origina funções socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas, entendimento este que deverá permear as propostas técnico-psicopedagógicas formuladas junto a todos os envolvidos no processo educacional.

IV - CONCRETIZAÇÃO DA PROPOSTA DE ATUAÇÃO

- 1 - Análise da Instituição
- 2 - Trabalho com Professores e Técnicos
- 3 - Trabalho com Alunos.

1 - Análise da Instituição

O trabalho de Psicologia Escolar na Rede Municipal de Ensino de Araucária iniciou-se através de um diagnóstico da instituição (duas escolas municipais foram escolhidas aleatoriamente para tal intervenção). Os instrumentos utilizados para este diagnóstico foram: entrevistas individuais com professores e técnicos, análise estatística dos índices de aprovação, reprovação e desistência e contatos com a comunidade (pesquisa para levantamento da realidade sócio-econômica e cultural), observações em sala-de-aula e observações gerais. O objetivo era conhecer a realidade da escola, a prática dos professores (quanto a metodologia, conteúdo, entendimento do processo de desenvolvimento humano e aprendizagem, relacionamento professor/aluno), a prática dos técnicos e demais membros da instituição escolar, suas relações de trabalho, dificuldades e necessidades.

Posteriormente houve devolução ao grupo dos dados levantados e a concretização de uma proposta de trabalho da Psicologia que contribuisse para a reflexão e busca conjunta da caracterização de um papel transformador para a instituição.

Esta análise institucional foi o ponto de partida do trabalho, o que o permeou durante todo o tempo, sendo constantemente revista e atualizada.

O que ficou claro nesta primeira análise foi a escola atuando enquanto aparelho ideológico do Estado, com os papéis dos profissionais ideologicamente descaracterizados e cristalizados.

2 - Trabalho com Professores e Técnicos

A partir do diagnóstico formaram-se grupos de professores para discussões. Neste momento a intervenção se deu com a discussão sobre educação, sobre desenvolvimento humano articulado à questão pedagógica e uma reflexão crítica da realidade e educacional.

O que aconteceu a partir destas discussões foi a modificação (para alguns docentes) da prática de sala-de-aula, da relação professor/aluno, da metodologia e dos conteúdos trabalhados, o que possibilitou a passagem de uma consciência ingênua para o levantamento de dúvidas acerca da atuação e percepção dos acontecimentos. É importante ressaltar que o processo é dialético: a reflexão sobre a prática traz questionamentos, assim como os questionamentos resultam em mudanças na atuação.

A mesma proposta aconteceu em relação aos técnicos (Diretor, Coordenador Pedagógico e Orientador Educacional), que a partir do momento em que deixaram de resistir ao trabalho do Psicólogo e somaram-se a ele, começaram a questionar as atuações autoritárias e a definir melhor suas funções (que , como já foi dito, eram confusas e descaracterizadas).

No trabalho da Psicologia, em qualquer instituição, entendemos como fundamental o acirramento das contradições, posto ser esta condição fundamental para o crescimento do grupo de trabalho e da própria instituição.

Embora não possamos dar conta da totalidade das contradições da escola, podemos inquietar seus integrantes, que passam a questionar a realidade vista anteriormente como imutável, e tanto na sala-de-aula como na relação com outros profissionais buscamos relações que sejam, no mínimo, democráticas.

O assessoramento psicopedagógico com professores de 1ª a 8ª séries e com os técnicos da escola efetivou-se através de:

- Elaboração de textos sobre Desenvolvimento Humano a partir de autores como Vigotsky, Leontiev e Wallon.
- Elaboração de textos sobre Psicomotricidade e outros temas de interesse dos professores.
- Sugestões bibliográficas.
- Técnicas de expressão plástica, literária e corporal. Procura-se propiciar aos professores a descoberta da sua expressão, do seu próprio desenho, texto, gesto. Incentivo ao professor - fazedor, que produz saber e não apenas o transmite.

- Elaboração e estudo de textos específicos de disciplinas, como Língua Portuguesa, História, Geografia, Educação Física, etc., onde questiona-se como pode a prática do professor intervir no processo de formação de uma consciência crítica e como os conteúdos específicos articulam-se ao desenvolvimento da criança - como pode o professor contribuir para a transformação da sociedade.

Em todo o trabalho encontramos muita resistência, uma vez que a nossa opção é pela transformação e deparamo-nos constantemente com a estagnação da instituição escolar. Quando começam os questionamentos e os membros mais tradicionais da instituição vêm balançar suas verdades até então absolutas, há uma forte reação ao trabalho da Psicologia Escolar (quando a proposta é transformadora). Alguns continuam suas práticas mais conservadoras, porém o trabalho de outros professores, as modificações dos alunos (que se tornam mais críticos e questionadores) obrigam-nos a serem um pouco menos autoritários e a repensarem sua prática.

3 - Trabalho com Alunos

O Psicólogo Escolar é constantemente requisitado para trabalhar clínicamente com alunos, porém esta não é nossa proposta, e é imprescindível que os papéis não se confundam. A abordagem clínica ocupa-se do individual, e a Psicologia Escolar deve intervir na instituição para atender às reais necessidades dos alunos e da comunidade em geral. Se necessário são feitos encaminhamentos de alunos para outros profissionais (Psicólogos Clínicos), em local adequado para atendimento.

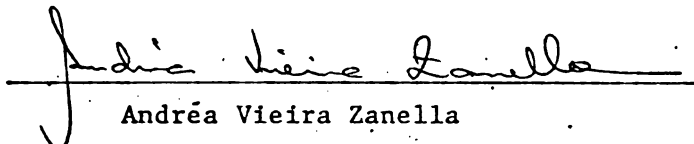
Com os alunos atuamos, em alguns momentos, de forma alternativa, criando espaços dentro da escola para que estes possam se expressar. Surgiu o grupo de teatro, grupo de artes, grupo ecológico. Nestes grupos, ultrapassando a proposta inicial e atendendo às necessidades dos alunos, discutimos questões como: sexualidade, autoritarismo e poder, estrutura social e estrutura escolar. Os alunos puderam descobrir a escola enquanto espaço lúdico, espaço de expressão e de prazer. A classe estudantil como um todo foi mobilizada com o início das discussões sobre Grêmio Estudantil.

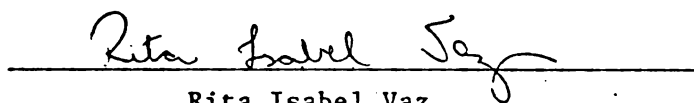
Paralelo a este trabalho discutiu-se com os professores como a utilização das diferentes formas de expressão, no processo educativo, interferem na formação de uma consciência crítica. Porque fazendo, agindo, o indivíduo atua diretamente no mundo que o cerca, determinando-o e sendo determinado por este. O Homem se faz, torna-se sujeito do processo histórico.

V - CONCLUSÃO

pe todo este trabalho que iniciou-se em 1985 (como estagiárias) e prosseguiu em 1986 e 1987 (como profissionais), o que podemos concluir é que ocorreram avanços, apesar das dificuldades enfrentadas quanto à aceitação da proposta de trabalho. Houve modificações efetivas nas relações entre técnicos e professores, professores e alunos. As contradições foram clarificadas, possibilitando as tentativas de superação. A expressão dentro da escola passou a ser mais valorizada, os alunos tornaram-se mais críticos. Existe nas duas escolas claramente definido um grupo que optou pela transformação da instituição e da sociedade, e existe também em grupo que preserva seus valores autoritários e que fica cada vez mais amedrontado pela possibilidade da perda do poder.

Enfim, o que podemos dizer é que a atuação crítica e transformadora da Psicologia Escolar pode se efetivar, é possível o psicólogo caracterizar-se como Trabalhador Social, revolucionário em todos os momentos e instâncias.


Andréa Vieira Zanella
CRP 2626/08


Rita Isabel Vaz
CRP 2631/08

Endereço Para Contatos:

Andréa Vieira Zanella
Av. Iguaçu, 2141 Ap. 25
Curitiba - PR. Brasil 80.240
Fone Comercial (041) 843-1300 Ramal 2020

Rita Isabel Vaz
Atílio Bório, 1473/15B
Curitiba - PR. Brasil 80.040
Fone Comercial (041) 843-1300 Ramal 2020.